



Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXVI - N.º 1451 | 1 Junho de 2021 | Preço Avulso Euros 1,75  
 Assinatura Anual: Portugal 22,50 Euros - Estrangeiro 30 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Prioritário

**Marco N° 1 - Cevide**

Publicações Periódicas

Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel

Taxa Paga Portugal Linda a Velha

**75 ANOS DE "CHAMA DE LIBERDADE"!**

Pioneiro, de asas abertas  
 A um amanhecer risonho,  
 De ideais livres e de sonho,  
 Propulsor de reais alertas.

Cresceu, granjeando amigos  
 Por palavras sinceras, informadas,  
 Sendo arauto de novas conquistadas,  
 Bravejando contra os desincentivos.

Vivenciou tempos de mudança,  
 Aportando à nossa lembrança  
 imagens de imenso valor.

Chegado aos 75 anos, com fulgor,  
 Plenos de sabedoria e de história,  
 Brindemos a muitos mais, plenos de vitória!

*Armanda Urze, Vila  
 20 de maio de 2021*

**Acampamento Romano de Castro Laboreiro foi construído no Séc. II AC P.32**



**Marcelo parabeniza "A Voz de Melgaço" P.3**

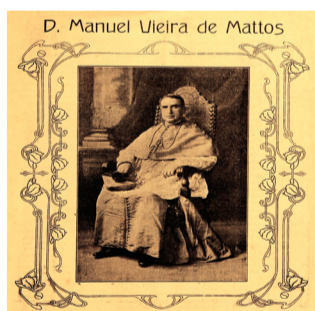


**José António Guerreiro em livro de José António Barreto Nunes P.7**

**Em Memória de Major Alberto Magno P.14-15**



**Visita do Arcebispo Dom Manuel Vieira de Matos a Melgaço em 1915 P.12-13**



JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA: UM HOMEM DE CAUSAS NOBRES **P.10**

O BISPO DOS ESCRAVOS QUE BRADOU NO DESERTO QUANDO BISPO DE BEJA **P.11**

PRESIDENTE MARCELO EM VISITA À QUINTA DO SOALHEIRO E A MELGAÇO **P.16-17**

JOSÉ PEDRO MARQUES, JOÃO AGUIAR E COSTA GUIMARÃES SOBRE «A VOZ DE MELGAÇO» **P.18 e 28**

PASSEIO À AVELEIRA E PENEDA **P.21**

PROPOSTAS DO CANDIDATO DO PSD ÀS AUTÁRQUICAS DE 2021 EM MELGAÇO **P.22**

FESTA DO ALVARINHO E DO FUMEIRO 2021 **P.23**

50 ANOS DO PARQUE NACIONAL PENEDA-GERÊS **P.25**

FESTA DE SANTA RITA EM 2021 E HÁ 75 ANOS **P.25**

VIAJAR PELA BIRMÂNIA - 7 **P.30-31**

**Quinta do Regueiro**

*Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes*

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo  
 4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542  
 comercial@quintadoregueiro.com



**Triplo Ouro no Concurso 2021 da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes**



# Neste 75º Aniversário

Carlos Nuno

Era criança de três anos quando nasceu «A Voz de Melgaço». Só mais tarde comecei a ter-te nas mãos e a saborear os textos que trazias e que via em casa, sobretudo nas férias dos anos de seminário. De Roma, nos anos 68-70 enviei algumas crónicas. Em 1971, nas Bodas de Prata, a pedido do tio António, fiquei com o encargo da Administração. Fui acompanhando mais de perto todo o fervilhar de vida dos anos de 71 a 74. Depois, o 25 de Abril e a liberdade reconquistada. Este jornal sempre foi um farol de liberdade, de respeito pelos outros e de luta pelo progresso da terra e do País, tendo como ponto alto as amnistias para os nossos emigrantes, em grande parte devidas ao empenho do padre Carlos, a verdadeira alma do jornal e que nas bodas de prata, em 1 de Junho de 1972, tão cedo nos deixou, com o pedido pessoal, feito poucos dias antes no leito do hospital, de que, no que de mim dependesse, não deixasse acabar o jornal.

Celebramos festivamente os 40 anos, os 50 e os 60. Aqui chegados, o Director, padre Júlio, pediu para ser dispensado por idade e falta de forças. Assumi por isso, em 2006, também a direcção do jornal e enfrentei as dificuldades sempre crescentes para manter viva esta chama de liberdade que é «A Voz de Melgaço».

Hoje, no 75º Aniversário, em gratidão, recordo os fundadores e todos quantos, ao longo dos anos, emprestaram o melhor de si para que o jornal se distinguisse pela defesa da terra natal, das suas gentes e do futuro de todos. São os meus três tios: padres Carlos, Júlio e António Vaz. Lembro com saudade alguns dos mais assíduos colaboradores: o Aldomar, ou Mário, de Prado; o Dr. Abel Varela Seixas, o padre Bernardo Pintor, o padre Albertino Pereira, de Paderne, que morreu tão jovem; o padre Justino Domingues, tantos anos pároco da Vila e fiel depositário dos assinantes que nele liquidavam a assinatura do jornal; o padre António Domingues, de Parada do Monte, e as suas belas crónicas, depois reunidas em livro pelo sobrinho e ainda nosso distinto colaborador, padre Manuel Domingues; o José Maria Rodrigues, da Gave; o Manuel Félix Igrejas, desde o Rio de Janeiro, o Zé do Rio Trancoso, ou seja, José Evangelista Pires, desde São Paulo; Dona Palmira Domingues, do Rio de Janeiro; Alfredo Afonso do Paço, tantos anos o fiel correspondente em Melgaço e muitos outros. Este ano tem sido madraço, pois, no espaço de 4 meses, deixaram o

nosso convívio dois colaboradores de eleição, sobretudo no campo da História: o Cónego José Marques e o Major Alberto Pereira de Castro, de que damos notícia mais alargada nesta edição.

A grande força do jornal é o voluntariado de tantos e tantas que nos brindam com os seus textos todos os meses, cobrindo diversas facetas da vida do concelho, do País e do Mundo.

A feitura de cada edição assemelha-se a um parto que todos os 30 dias acontece, com o sabor de algo novo que podemos apresentar aos nossos leitores. Mas, assim como só a mãe sabe o que é gerar e dar à luz um filho – e por isso, todas as canseiras lhe parecem de somenos face ao prazer de ver e ter nos braços o filho –, assim também com cada edição do jornal, sobretudo agora que, com as restrições da pandemia, mas com as potencialidades dos meios tecnológicos hodiernos, nos é possível ver e rever os PDF, antes de dizer que estão prontos a remeter para a Gráfica para serem impressos, dobrados, plastificados com a etiqueta da direcção dentro e a sua expedição pelos CTT para os 4 cantos do mundo. Quantas mudanças para melhor nestes 75 anos!

Permitam que diga aos prezados leitores o seguinte: há anos que tínhamos como propósito poder chegar aos 75 anos. Aqui chegados, e conhecendo todos os condicionamentos e dificuldades, atrevo-me a pedir a todos os nossos santos intercessores, e de maneira especial a Santa Rita, a padroeira das causas impossíveis, que nos permitam ir chegando ao ano seguinte. Se possível, aos 80. Nas mãos de Deus, colocamos este desejo, e nas atitudes dos nossos assinantes, esperamos ter o sustentáculo económico mínimo para enfrentar as crescentes dificuldades que a imprensa escrita enfrenta.

De uma coisa estamos certos: os melgacenses de gema sentem orgulho em que a terra natal tenha um jornal com este gabarito. E a História há-de assinalar que o conhecimento da segunda metade do século XX e primeiros decénios do XXI, em muito derivará do que as páginas do jornal guardam e perpetuam para gáudio dos leitores e investigadores, agora que já todos podem ter acesso ao acervo disponibilizado pela digitalização feita pela Biblioteca Municipal de Melgaço.

Assim Deus nos proteja, acompanhe, ilumine e nos dê saúde e forças para o realizar.

## Os nossos amigos

O nosso apelo é para pagarem ou directamente ou por transferência. Quem deve 2020 e 2021, no continente, deve enviar 42,50 euros; no estrangeiro = 55 euros.

Os assinantes em atraso, sobretudo no estrangeiro, causam-nos vários problemas, porque além de termos as despesas com a tipografia e outras, que são comuns, temos a expedição e cada jornal custa cerca de 1,40 euros, ou seja, 16,80 euros por ano, só nos CTT. Quem deve 2 anos, ainda sobrecarrega mais a nossa tesouraria, pois temos de adiantar muito dinheiro para pagar

as expedições e sem a certeza de virmos a receber algo, o que causa muita incerteza.

A pandemia e a falta de vinda a Portugal contribuiu muito para o atraso, mas insistimos mais uma vez: procurem verificar a etiqueta e mandem-nos a quantia em dívida.

**IBAN = PT50 0018 0000 28639224 00105**

Aos que nos ajudam com uma quantia extra, o nosso sincero obrigado. Vários nos pedem sigilo, pelo que obedecemos, mas aqui deixamos explícito o nosso agradecimento.

## A Voz de Melgaço

### ESTATUTO EDITORIAL

1º – «A VOZ DE MELGAÇO» é um jornal mensal de informação geral, mas dando primazia à informação local.

2º – A empresa «Jornal A Voz de Melgaço, Lda» é a sua proprietária.

3º – «A Voz de Melgaço» é um jornal de inspiração cristã e independente de quaisquer forças económicas, ideológicas e políticas.

4º – É um jornal de Melgaço e para a gente de Melgaço.

5º – É um jornal aberto a todos os que nele queiram participar, tendo como parâmetros de orientação o respeito mútuo pelas ideias de cada um, com ampla liberdade de opinião e expressão, sempre com o desejo de construir e na observância dos princípios da sã convivência consagrados na Constituição da República e na Carta dos direitos Humanos.

6º – Tem como especial objectivo ser elo de ligação entre os melgacenses, quer residentes na terra natal, quer espalhados pelo País e pelo estrangeiro. Quer ser para todos, como o afirmou no número inicial: «uma carta de amor, levando saudades e trazendo suspiros que nem a distância nem o tempo abafam».

7º – Embora de informação geral, do país e do estrangeiro, a primazia vai para os assuntos da terra. O noticiário de Melgaço ocupa o primeiro lugar.

8º – «A Voz de Melgaço» assume o compromisso de assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa fé dos leitores.

## Somos uma equipa

Esta edição especial sai com notável atraso, porque um dos elementos fulcrais na feitura do jornal no computador antes de enviar para a Gráfica esteve internada 2 semanas no Hospital de Braga, só de lá saindo no dia 4 de Junho à tarde. Não havia maneira de a substituir, dada a especificidade, delicadeza e dificuldade da função. E o que mais apreciamos é a saúde das pessoas. Tem sido de uma entrega, competência e dedicação inextinguíveis, e sabemos quanto sofreu, longe do marido e das filhas. O feriado de 3 de Junho e o fim de semana de 5 e 6, mais dilataram a feitura do jornal.

Mas foi uma ótima ocasião para também nós nos darmos conta de como todos somos necessários. E alguns, são mesmo insubstituíveis, pelo menos no imediato. Se todos compreendessem o que há de entrega, sobretudo de 3 pessoas, para que seja possível esta aventura do jornal, de certeza que alguns colaborariam mais ajudando-nos com aquilo que podem e é fácil: pagar a assinatura a tempo e horas.

Desculpem este atraso. Foi por uma boa causa, embora nos tivesse custado muito. E custou ainda mais à Rosário Coelho. Mas embeleza ainda mais este número excepcional de 75º Aniversário.

Deus seja louvado e Santa Rita nos proteja e ajude a superar os impossíveis de cada dia.

### A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105  
4710-926 BRAGA  
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:  
jornal.vozmelgaco@gmail.com  
redacao@vozemelgaco.pt  
Site: www.vozdemelgaco.pt  
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:  
n.º 163455/01

Registo de Imprensa  
n.º 101960

Tiragem deste número  
1.900 ex.

Director  
Carlos Nuno Salgado Vaz,  
Cartão de Jornalista, n.º TE-68A

Colaborador - CO 257  
João Martinho Silva  
Editor  
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção  
Júlio Nepomuceno Vaz  
Manuel Luís Vaz

Correspondente  
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:  
Abílio Francisco Conde – Melgaço  
Alberto Magno P. Castro – Valença

Alcídio Silva Figueiredo – Porto  
Álvaro Carvalho – Braga  
António Costa Guimarães – Braga  
António Jorge Tavares – Açores  
Armanda Urze – Melgaço  
Arménio Augusto de Melo – Braga  
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos  
Helena Matos – Braga  
José Afonso Marques – Orense  
José Albano Domingues (Dr.) – Melgaço  
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro  
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga  
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana  
Júlio de Sousa Domingues – Ancora

Manuel José Pereira – Penso  
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço  
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa  
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga  
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa  
Maria Nadalete Costa Lopes (Dra.) – Braga  
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria  
P.º Manuel Domingues – Viana  
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa  
Rui Ribeiro – Melgaço

### PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»  
Largo da Senhora-a-Branca, 105  
4710-926 BRAGA  
jornal.vozmelgaco@gmail.com  
Telef. 253 214 284  
Contribuinte n.º 502668636

NIB: 0018 0000 28639224001 05

Gerência:  
Carlos Nuno Salgado Vaz e  
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:  
Carlos Nuno Salgado Vaz,  
Maria do Rosário Salgado Vergara  
Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,  
António Luís Vergara Vaz  
e Manuel Luís Vergara Vaz,  
20% cada.

Pré-Impressão:  
Amigos de «A Voz de Melgaço»

Impressão e Expedição:  
Empresa Diário do Minho, Lda.  
Rua de S. Brás, n.º 1  
4710-073 Gualtar Braga  
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:  
Portugal – 22,50 Euros  
Estrangeiro – 30 Euros



# Marcelo Rebelo de Sousa sobre os 75 anos do jornal “A Voz de Melgaço”:

“O fecho de órgãos de informação significa perda democrática. Têm um mérito enorme todos aqueles que lutam há 75 anos para manterem aquilo que é cada vez mais difícil”

João Martinho



O ano passado, a propósito dos 74 anos do jornal a “Voz de Melgaço”, endereçamos uma missiva via plataforma oficial da Presidência da República a dar-lhe nota das vantagens mas também das dificuldades de viver e persistir no Alto Minho enquanto jornal local, mas também em nome da comunidade que luta diariamente para manter o Norte do país, até bem junto à raia, com a dinâmica que suscita interesse e não raras vezes a visita do Governo.

Na carta enviada, e que mereceu a resposta do Chefe de Estado, lançávamos a proposta de um eventual convite para a comemoração dos 75 anos, mas a persistente pandemia que veio limitar a efusividade das festas, não nos permitiu pensar em algo que realmente juntasse a comunidade. A realizar-se, só faria sentido se juntássemos o maior número de pessoas que não abdicam da sugestão mensal de notícias ou temas que lhes fazemos chegar. Contudo, apesar do residual número de casos activos na região permitir já algum desconfinamento mais descansado, não quisemos ser motivadores do baixar da guarda que ainda se impõe.

Ainda assim, mesmo sem festa de *confetis* ou velas sobre o bolo, aproveitamos a visita do Presidente da República a Melgaço e ao Alto Minho para referir o momento e perceber se, estando frequentemente rodeado da comunicação social de expressão nacional, tem noção das lutas da imprensa local e regional.

Estas foram as declarações de Marcelo Rebelo de Sousa, em declarações ao jornal “A Voz de Melgaço”, à margem da sua visita ao concelho, a 11 de Maio.

“São heróis. Eu fui fundador, colaborador interventor e até pontualmente director de órgãos de imprensa local e regional, em condições muito mais favorecidas, e no entanto sei o que era na altura a saga, a odisséia, a aventura da imprensa local e regional.

Piorou porque as crises consecutivas têm retirado publicidade. A publicidade institucional ela própria

perdeu o seu peso. Neste período de pandemia ainda piorou em relação ao panorama anterior, portanto, é um conjunto de carolas, várias gerações mas muita gente nova, que aguenta os jornais e as rádios locais e regionais em condições muito difíceis.

**Não saber o que é o futuro, o dia seguinte e não há ninguém, em precariedade, que possa fazer uma informação tão livre como desejamos. As pessoas têm de ter condições de estabilidade e de projecto futuro.** Um dos problemas que me preocupa na democracia portuguesa é a liberdade de imprensa, o direito à informação, no sentido do direito de informar e ser informado. Se há uma crise económica e social profunda que vai fechando órgãos de informação, isso significa perda democrática. Portanto, têm um mérito enorme todos aqueles que lutam há 75 anos, e alguns que são centenários, para manterem aquilo que é cada vez mais difícil.

**Já nem falo do papel único e insubstituível que têm na ligação aos nossos compatriotas espalhados pelo mundo, nomeadamente na Europa, que muitas vezes a ligação que têm à sua terra passa por aí; já nem falo no facto de darem eco aquilo que é importante para a terra, o que só acontece esporadicamente com um ou outro jornal dito nacional. Se desaparecem, há uma realidade que deixa de existir.** Ela existe, mas ninguém sabe que ela existe. Passa pela comunicação social saber-se que ela existe”.

## Fundo Revive Natureza apoia reconversão e cedência de ‘Casas da Floresta’ a privados por 50 anos

João Martinho

O município de Melgaço tem em curso um pedido de ao Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) que possibilite a utilização e candidatura do edificado, como é o caso das casas de Guarda dos Serviços Florestais, ao Fundo Revive Natureza.

O fundo tem por objectivo a **requalificação, recuperação e valorização de imóveis públicos devolutos para fins turísticos, com vista a beneficiar as comunidades locais, a atrair novos visitantes e a fixar novos residentes.**

“Estamos há alguns meses a trabalhar com a tu-

tela, a DGT [Direção-Geral do Território] e ICNF para que estes equipamentos que temos no território sejam colocados na medida do Revive Natureza para que os privados possam olhar para estes equipamentos com simpatia e agarrar a oportunidade. **Não serão vendidos, serão cedidos durante 50 anos, com apoio ao financiamento ou financiamento à reconversão ou conversão desses edifícios**”, esclarece o autarca, anunciando que irá reforçar contacto com o Conselho de Administração do ICNF “para apressar o pedido já manifestado”.



Os nossos profissionais dedicam muitas horas a Formações para proporcionar o que há de mais inovador na Medicina Dentária.

EstheticSmile  
Largo da feira - Melgaço

Tlf. +351251404002  
808215415

EstheticSmile  
CLÍNICA MÉDICA & DENTÁRIA

PREZAMOS A SUA SEGURANÇA E A SUA CONFIANÇA.  
Por isso não hesite em usufruir dos nossos serviços.



# Do “Vale do Lima” XXX

P. M. Domingues

Esta memória deveria estar no seguimento das X e XI, dedicadas às memórias que tenho com o D. Abílio Ribas, bom amigo, soajeiro e bispo, agora emérito, de S. Tomé e Príncipe.

“Caro P. Manuel:

Gratíssimo por sua carta de 21 de Fevereiro chegada a minha casa em 4 do corrente. Só deve ter apanhado o avião de 3 e por isso demorou bastante. Só temos um avião por semana a partir de Lisboa. Antes de mais, as minhas condolências pelo falecimento de seu tio P. António Domingues. Recordo com viva emoção a maneira tão caritativa como me acolheu na sua residência de parada, levado por você. Já nessa altura vi como ele era uma alma grande, toda de Deus. Posteriormente tive oportunidade de ouvir os mais rasgados elogios sobre ele por parte dos padres da Propaganda Espiritana. Rezo por ele, mas rezo, sobre tudo, através dele. Tenho uma convicção interior de que rapidamente subiu à glória. A minha carta de fins de Julho ou princípios de Agos-

to não exigia nem merecia resposta nenhuma. Apenas quis agradecer a gentileza do acolhimento e a dádiva que me fez em S. Bento do Cando. Foi mera obrigação minha. Quanto a obras, admiro a sua fé, que sempre sai compensada. Eu não tenho tanta e, por isso, tenho sofrido bem. Neste momento tenho aos ombros cerca de 50.000 contos de dívida! Em 96 comecei um externato cuja primeira parte foi orçada em 100.000.000#00. Com os 35.000 contos disponíveis que então tinha, pensei em fazer alicerces e levar as paredes até ao tecto esperando que diante do esqueleto mais facilmente se obteriam doadores para pôr a carne. E apareceram! Melhor, apareceu logo o Secretário d’Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação de Portugal a oferecer 70.000.000#00 e a encorajar-me a ajustar a totalidade da primeira parte (a mais importante). Assim o fiz. O Externato começou a funcionar em 25 de Setembro passado com 270 alunos do 5.º até ao 12.º anos e, até hoje, não recebi um centavo do prometido!! Imagine!!! O ano passado, quando aí estive, marquei audiência com o Dr. José Lamego que me marcou para

23 de Junho. Fui de propósito da Várzea a Lisboa para isso mas em vão. Na véspera, o homem fora hospitalizado de urgência e o chefe de gabinete, que me recebeu, não sabia nada de nada. Melhor, foi-me dizendo que, tanto quanto sabia, não sabia onde Sua Excelência iria desencantar essa massa!! Que falaria com ele logo que deixasse o hospital... Entretanto o Dr. José Lamego deixou a função e substituiu-o o Dr. José Amado que, em princípios de Janeiro, visitou S. Tomé acompanhando o Ministro, Dr. Jaime Gama. Falei no assunto, levei os dois ao Externato, viram tudo a funcionar, ficaram maravilhados, e...prometeram. O Embaixador de Portugal deu uma ajuda e parece que saíram com a decisão de cumprir o prometido pelo anterior Secretário d’Estado. Até agora, nada de sinais positivos. Virá? Estou confuso com esta gente!!! Vou seguir para Angola dentro de horas para participar na Conferência Episcopal. Pronto. Desde já os meus votos de Santas Festas Pascais e de bom êxito nas suas obras.

S. Tomé, 09/03/997  
+ Abílio Ribas.”

## Um brinde à Voz de Melgaço, fazendo ressoar há 75 anos os anseios do povo melgacense

P. M. Domingues

Tenho comigo alguns exemplares antigos do jornal dos anos de 1958, 1978 e 1981. O suficiente para fazer ressaltar algumas notas curiosas da sua evolução, segundo o dito: mudam-se os tempos, mudam-se as vontades! Começou por ter como Director e Administrador, o P. Júlio Hilarião Vaz, e Chefe de Redacção e Editor o Carlos António Vaz. Era um quinzenário católico e regionalista. A redacção e administração interinas, eram na Residência Paroquial-Melgaço. Posteriormente, a Redacção e Administração passaram para o Largo da Senhora-a-Branca em Braga, continuando como Director Júlio Hilarião Vaz e Subdirector o Carlos Nuno Vaz. Os primeiros números eram visados pela Comissão de Censura, tinham quatro páginas e o custo da assinatura anual era de 20 escudos! Um centimo de euro, hoje!

A Voz de Melgaço tinha e tem o carácter dos seus

directores: voz combativa, profética e polémica. Por vezes, a luta e a intervenção foram duras e, no dá e apanha da refrega, houve feridas. Resiliência e parrésia são nutrientes da sua história. As feridas, o amor cristão vai curando.

A Voz de Melgaço, graças aos contactos do seu Director, tem hoje uma plêiade de colaboradores de alto gabarito e projecta-se muito acima dos seus pares da imprensa regional de inspiração cristã. Talvez tenha perdido um pouco do carácter mais popular doutros tempos, onde predominavam os correspondentes das aldeias com as suas notas coloridas, relatando ocorrências sociais, reivindicações a propósito do fontenário, da pedra do caminho, “...no sentido de se mandar proibir o despejo das borras do vinho em plena rua (da Vila) bem como o despejo de águas sujas dos tanques

particulares e ainda mandar retirar da Travessa da Lage a urina que escorre desta rua para a Rua de Baixo onde juntamente com as águas sujas dos tanques formam depósito e aglomeração de mosquitos, etc.” (A Voz de Melgaço, 1 de Dezembro de 1958).

O jornal abre janelas para o passado, dinamiza o presente e faz clarear o futuro. Acredito que “ler jornais é saber mais”!

Não me pertence entrar no campo redactorial mas sugerir que seria bom explorar mais outros âmbitos de colaboração jornalística, não o nego.

Sem a pretensão de enaltecer méritos pessoais, embora os haja, mas simplesmente de, respondendo a uma solicitação, deixar um testemunho que, junto com outros, serve para encorajar quem labuta no ingrato terreno da imprensa regional, brindo...ad multos annos!

## Flashes do Ciclo

Isabel Díaz Ayuso, a mulher que esmagou as esquerdas em Madrid

Arménio Melo

Efectivamente, as eleições na Comunidade de Madrid foram um terramoto para os partidos de esquerda. Deram uma vitória histórica a Isabel Ayuso, com vários factores históricos. Esta mulher conseguiu galvanizar de tal forma os madrilenos, conseguindo que estas eleições tivessem a maior afluência de sempre, mais de 76% de votantes, tendo ela conseguido 45,75% dos votos, elegendo 65 deputados e os 3 partidos da esquerda juntos, conseguido 33% e 58 deputados. Assim, Isabel Ayuso, nem precisa do apoio do Vox, basta a abstenção deste partido, visto ter a maioria absoluta, sobre toda a esquerda. Outro caso curioso, é o facto de, os 5 candidatos, que elegeram deputados, 3 mulheres e 2 homens, ambos representantes da coligação do governo de Espanha, as mulheres ficaram em 1º, 2º e 4º lugar, os homens em 3º e 5º, levando o presidente do PSOE de Madrid a pedir demissão do cargo e Pablo Iglésias presidente do Podemos e vice presidente do Governo, que pediu demissão do governo para formar um governo progressista em Madrid e afastar o Vox do poder, ficou apenas nos 7,2% 10 deputados e o Vox conseguiu 9,13%, 13 deputados, tinha 12, aumentou para 13,

sendo o candidato menos votado Iglésias, pelo que, envergonhado com a pesada derrota que sofreu demitiu-se de todos os cargos que tinha no governo e no partido, declarando que abandonava a política.

E é curioso que recentemente, apareceram dois partidos, Podemos e Ciudadanos, os quais fizeram tremor, os partidos tradicionais. No entanto, o Ciudadanos, considerando-se de centro direito, encostou ao PP, o Podemos de esquerda, juntou-se ao União de Esquerda, formado com base, nos restos comunistas, a coligação Unidos Podemos, presentemente em coligação com o PSOE, no governo. Ora, essas coligações, originaram a queda, dos novos partidos e, obviamente, no abandono dos seus presidentes. Com efeito, o presidente do Ciudadanos, perante a pesada derrota, nas últimas eleições legislativas, abandonou o partido. O mesmo fez agora o presidente do Podemos, com a derrota humilhante, nas eleições de Madrid., Mas, o que aconteceu em Espanha, aconteceu em Portugal. Efectivamente, o partido comunista, pagou caro, o apoio ao governo do PS, viu-se os banhos que apanhou, nas Autárquicas e nas Legislativas. O Bloco, manteve os mesmos deputados, nas legislativas, mas perdeu muitos votos e, nas autárquicas,

ficou em branco. Assim, é lamentável, o primeiro ministro, há dias, dizer que o perigo, era o Chega dominar o PSD, enchendo o Chega, de várias tendências malignas, incluindo, a criação do ódio. Porém, quem pratica o ódio, são os partidos de esquerda, pelo menos, são bem conhecidos, em Portugal e Espanha, que nem os mortos respeitam. Em Espanha, o actual governo, quando chegou ao poder, iniciou a vingança, ao Franco, eliminando tudo que se relacionasse com o seu nome. Em Portugal, aconteceu o mesmo chegando ao cúmulo de, havendo lavradores, do concelho de Santa Comba Dão, que tinham indústrias de fumeiro e do vinho, cujo rótulo, era: “TERRAS DE SALAZAR” foram obrigados a mudar esse rótulo e a Câmara luta para transformar a casa de Salazar, em Museu e são lhe criadas mil dificuldades. É isto a esquerda. Por isso, não admira, que os partidos acusados, de extrema direita, sejam os que mais sobem. Com efeito, em França, o partido de Marine Le Pen, já é o maior. Em Espanha o Vox, é o 3º e em Portugal, o Chega, para lá caminha e na esquerda, o partido comunista, na União Europeia, só existe, embora definhado, em Portugal e, os socialistas, só aguentam em Portugal e Espanha.



# Produza as suas bagas de goji

Teresa Tábuas

Há dias encomendei duas plantas de goji, na feira de Leiria, depois de ter lido uma publicação do meu amigo Manuel Meirinhos de Bragança. Vou-lhe “roubar” uma das fotografias da sua publicação e vou comunicar o que descobri sobre este fruto, depois de lhe ter perguntado se esta não era mais uma das plantas tropicais que nós somos levados a cultivar, motivados pela novidade. Aliás eu já tinha comido este fruto na mistura com cereais, mas como estavam secos não aguçaram a minha curiosidade.

O meu amigo já me tinha dito que era uma planta rústica e produtiva, arbustiva e muito adaptada ao frio, não vivesse ele em Bragança. Descobri que pode aguentar até temperaturas de -15°C, mas gosta de exposição ao sol e adapta-se bem a diversos tipos de solo. Pode-se plantar em qualquer época do ano, sobretudo no Outono e Primavera.

O nome científico do goji berry ou bagas de goji é *Lycium barbarum* e é oriundo dos Himalaias, onde é colhido de julho a setembro. Tem a aparência de um pequeno tomate-cereja, de cor vermelha viva que, segundo a tradição tibetana, é extremamente sensível e delicado, por isso não deve ser tocado pela mão humana. É este o motivo pelo qual a sua colheita é feita sacudindo os ramos do Goji e recolhendo o fruto em malhas de bambu, sendo depois as bagas transportadas, lavadas e postas a secar à sombra e posteriormente envasadas, sem nunca serem tocadas pela mão humana.

O seu sabor é uma mistura entre noz-suave, tomate-morango frutado, amoras e cerejas, libertando um

particular aroma como a fresca fragrância de nozes tostadas.

Conhecidas pelas propriedades antienvhecimento, as bagas goji são uma das frutas mais ricas com propriedades antioxidantes e anticancerígenas.

Os seus mentores encontram-lhe propriedades raras e únicas entre os alimentos conhecidos, a este verdadeiro “alimento milagre” tibetano. Na minha modesta opinião este fruto pode não ser milagroso, mas os seus constituintes levam-nos a pensar que faz muito bem à saúde. É um poderoso fruto vermelho com 18 tipos de aminoácidos dos 20 que precisamos, possuindo os 8 aminoácidos que somos forçados a ingerir porque o nosso corpo não os consegue produzir. Contem mais de 21 dos chamados oligoelementos, incluindo o zinco, o ferro, o cobre, o cálcio, o germânio (mineral anticancerígeno), o selênio e o fósforo. É rico em ómega 3 e 6. As bagas de Goji estão entre as mais elevadas fontes de carotenoides de todos os alimentos ou plantas comuns conhecidas na Terra. Contêm o espectro completo de carotenoides antioxidantes, incluindo o betacaroteno, zooxantina e a luteína (os grandes protetores da vista). As bagas de goji contêm 500 vezes a quantidade de vitamina C das laranjas. São ricas em vitaminas B1, B2, B6 e vitamina E. Os gogis maduros contêm beta-sisterol (um agente anti-inflamatório, que baixa o colesterol, trata a impotência sexual e também ajuda no tratamento da hipertensão). Poderíamos continuar a enumerar os restantes antioxidantes e vitaminas, mas para as pessoas mais leigas no assunto tornar-se-ia um

texto mais complexo.

A planta *Lycium barbarum* já foi objeto de vários estudos científicos, principalmente na China, país onde o produto é muito popular. Na maioria dos casos, porém, o alvo do estudo não é especificamente o fruto ou a planta, mas sim um dos seus constituintes, chamado LBP, sigla em inglês para “polissacarídeos de *Lycium barbarum*”.

Realmente é possível encontrar uma grande quantidade de artigos científicos sobre benefícios do LBP para diversos distúrbios diferentes, tais como inibição do crescimento de tumores, tratamento da esteatose hepática, redução da resistência à insulina, redução do colesterol, etc.

Pelo que foi dito, só vos posso convidar a plantar este arbusto no solo ou num vaso e disfrutar deste fruto amigo da nossa longevidade. Eu estou ansioso por ver florir as minhas duas plantinhas para depois vir a saborear os seus frutos.



## GAZETILHA

Álvaro Carvalho

O amor pela terra que me foi berço é algo tão sublime que tocou os meus propósitos e me fez ir sempre além não ligando aos que me “cortavam na casaca” tentando derrubar e matar qualquer obra realizada.

Não tentei dar. Dei o melhor e dei-me sem limites.

Nos idos tempos da década de 80 aquela santa terrinha, nas abas da Serra da Estrela, ficou no mapa com a ida do então Presidente da República General Ramalho Eanes e toda uma comitiva governamental que tomou conhecimento das potencialidades e dos problemas com que o interior se debatia. Outros presidentes visitaram este Eco Museu ao ar livre e deixaram uma palavra amiga aos seus habitantes. Pena que as entidades autárquicas responsáveis não tenham sabido dialogar e exigir ao poder central o que é do poder local por direito.

Há tempos senti que meu trabalho em prol desta aldeia serrana não foi compreendido, nem correspondido. Dei-me conta que há sempre alguém que gosta de arrecadar os louros do trabalho dos outros. Foi o que fizeram com as obras a que me propus, sem que ninguém me pedisse ou consultasse. Aquela “gentinha mixuruca” que se filia nos partidos para ter protagonismo no poder local envenena, cria “olho gordo”!... Nos meus apontamentos que guardo religiosamente há muita “escumalha” que se atravessou no caminho. Mas há também meia dúzia de pessoas que deram valor e que sabem que quem perde é sempre a terra. E a terra perdeu muito mais do que o que pensa!...

O “bichinho” da cultura ficou semeado e a colheita será sempre de qualidade desde que haja empenho e respeito pelo trabalho digno de quem pratica as acções.

Meu exemplo de vida foi ministrado no seio familiar. Meus pais foram sempre o meu esteio. Com a sua morte senti a orfandade. Senti também que deveria pôr em prática toda uma herança de valores que recebi e que embora precise do passado não é dele que eu vivo.

Preciso de conversas francas e generosas com aqueles que me fazem sentir bem. Conversar faz bem e cria laços que jamais o tempo separa.

O tempo?!...

O tempo é um bem escasso quando perto da meta do cansaço trai o objectivo e propósito.

Às vezes dou comigo a falar com os meus “botões”, a dizer a mim mesmo que o que mais importa é amar e ter a alegria de ser amado pelos nossos.

## A verdade é um bem que nos liberta

Helena Matos

Gostamos de nos sentir acolhidos e respeitados.

Não faz sentido vivermos isolados e de costas voltadas para a comunidade onde estamos inseridos.

Gostamos de nos sentir de bem com a vida e com quem nos rodeia.

Não faz sentido deixar de fazer o nosso caminho só para agradar a terceiros.

Gostamos que nos deixem viver e que o nosso espaço não seja invadido. Não faz sentido aceitar que nos oprimam e condicionem nossa liberdade.

Gostamos que nos deixem sonhar e voar em espaços abertos.

Não faz sentido desaproveitar nossas potencialidades a favor do crescimento a que temos direito.

Gostamos de amar e ser amados.

Não faz sentido fechar o coração e ficar prisioneiros

do egoísmo castrador.

Gostamos que gostem de nós.

Só o amor liberta e cria laços que nos tornam família sem precisar de convites para partilhar e cruzar nossos caminhos.

Mesmo antes de sairmos do ventre materno já o Amor se fez anunciar. Um amor que é uma dádiva e uma bênção. Um amor puro e perene. Um amor cheio de beleza e que encontra eco no amor filial.

O Amor pode vestir-se de múltiplas roupagens?!...

Nas palavras de Luís Vaz de Camões:

**Quem diz que Amor é falso ou enganoso,**  
ligeiro, ingrato, vão, desconhecido,  
sem falta lhe terá bem merecido  
que lhe seja cruel ou rigoroso.

Amor é brando, é doce e é piedoso.

Quem o contrário diz não seja crido;  
seja por cego e apaixonado tido,  
e aos homens, e inda aos deuses, odioso.

Se males faz Amor, em mi se vêem;  
em mi mostrando todo o seu rigor,  
ao mundo quis mostrar quanto podia.

Mas todas suas iras são de amor;  
todos estes seus males são um bem,  
que eu por todo outro bem não trocaria.

É preciso amar e sentir que o amor.



# Nesta edição

Carlos Nuno

Vários são os testemunhos sobre o nosso aniversário. Dois se destacam pelo saber e experiência própria: o cónego João Aguiar Campos, que foi Director do 'Diário do Minho' e depois Presidente do Conselho de Gerência da Rádio Renascença, e o dr. António Costa Guimarães, que foi Director de «O Correio do Minho» e é nosso estimado e apreciado colaborador. Mas pronunciam-se ainda: o padre Manuel Domingues, um dos que melhor conhece o passado e o presente do jornal e que nele tem publicado crónicas e memórias muito saborosas e pertinentes; a d.ra Maria José Lobo Elias, a residir em Lisboa, mas que se apaixonou por este jornal e nele tem colaborado com crónicas de viagens primorosas e enriquecedoras, quer para os muito viajados, quer para a grande maioria que, de outra forma, não teriam oportunidade de conhecer países e continentes como ela os descreve. A Armanda Urze brinda-nos com mais um belo poema alusivo aos 75 anos.

O doutor Ernesto Português brinda-nos com um texto sobre o insigne colaborador Major Alberto Magno Pereira de Castro, falecido em 4 de Maio. Também sobre ele se pronuncia o dr. Joaquim Agostinho Rocha. E nós fomos ao arquivo desenterrar um texto de 1971 em que o saudoso amigo traça um perfil do seu percurso até então. Descobrimos também o primeiro poema que publicou neste jornal, apenas com 16 anos.

Surpresa ainda a do Dr. José António Barreto Nunes que nos brinda com um texto em homenagem ao cónego José Marques, mas que é também uma pérola que certamente quase todos desconheciam. E alguém escreve sobre a sua mais recente obra: 'José António Guerreiro' – O liberal de Lanhelas', que nos desvenda uma história fascinante de um homem do Alto Minho e sua participação na gesta liberal. Trata-se de uma publicação fascinante, que muito nos ajuda a entrar nos meandros do liberalismo português

das primeiras décadas do século XIX.

Esta data de 1 de Junho é marcante por dois motivos: é a data de fundação do jornal há 75 anos, e é a data do falecimento do padre Carlos Vaz há 49 anos, cujo espírito norteia o nosso trabalho e motiva o enfrentar de tantas dificuldades para garantir a sobrevivência do jornal neste contexto tão difícil.

Escrevi este texto em dia de Pentecostes e festa de Santa Rita, em Rouças.

Ao Divino Espírito Santo suplico com a Igreja: «Vinde, Espírito Santo / Enchei os corações dos vossos fiéis/ E acendei neles o fogo do vosso amor. / Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado / E renovareis a face da terra». À Santa das causas impossíveis agradeço tantas conquistas e vitórias, e suplico iluminação, ajuda e amparo para poder continuar com êxito e sem medo de 'calçar as galochas' de que fala o papa Francisco, para ir ao encontro das notícias e das pessoas, para que o jornalismo aqui produzido seja um jornalismo alicerçado na verdade, na proximidade às pessoas e aos factos e no reacender da esperança na ingente tarefa de tudo fazer para que o nosso mundo seja cada dia melhor.

Um jornal segue o ideário católico e é por ele inspirado, não tanto porque cita muito o 'Catecismo da Igreja Católica', mas porque não se acomoda a estar de pantufas diante dos meios digitais e das notícias das agências de comunicação, mas calça as galochas de quem vai para o terreno enlameado da realidade e não tem medo de as sujar a ir ao encontro de quem realmente precisa de uma mão amiga para que o seu caso venha ao de cima. Como o faz Costa Guimarães a propósito do então Bispo de Beja, Dom Vitalino, que há 11 anos denunciava já a escravatura a que estavam a ser sujeitos os emigrantes contratados para as tarefas agrícolas da região, e insistiu mais vezes,

mas só agora a generalidade da imprensa e das instituições parecem ter acordado para o magno problema.

É deste jornalismo de galochas que «A Voz de Melgaço» se pode ufanar, pois que a causa dos desprotegidos e deserdados foi sempre a causa das causas das notícias e textos escritos num modesto jornal – hoje, felizmente, bastante mais rico de conteúdos e na apresentação – mas altivo e indomável na procura da verdade e da justiça. Lembro as 3 acusações em tribunal, logo nos primeiros anos, na tentativa de acabarem com o jornal por ter tomado partido pelos agricultores; as amnistias conseguidas pela acção do padre Carlos nos anos 60, ele que calçou as galochas da ida ao encontro dos nossos emigrantes em França, nas suas barracas sem condições condignas, e proibidos de vir visitar as famílias por terem emigrado em vez de irem para a guerra nas colónias. E calçaram ainda as galochas, o padre Carlos e o padre Júlio, correndo para Lisboa e outras terras, ajudando centenas de rapazes e homens de Melgaço a encontrar trabalho condigno para que pudessem ter uma vida digna e constituir família. Mais ainda: as idas do padre Carlos de cadeia em cadeia, desde Orense a San Sebastián, para, com a ajuda do padre Comezã, de Bouzas, perto de Vigo, tirar da cadeia os emigrantes que tinham sido presos na sua ida 'a salto' a caminho de França. Tantas outras causas motivaram e motivam este jornalismo de galochas. Nunca o fez de pantufas, na comodidade de quem não sai do escritório e apenas amplia a voz das agências de comunicação.

Sou testemunha privilegiada de tudo isto há mais de 60 anos. E em primeira linha de combate há 50. Louvado seja Deus e sua bendita Mãe por tudo quanto me iluminaram e sustentaram neste combate pela causa do Evangelho, traduzido em acção de presença e voz dos mais desprotegidos. A eles confio o futuro, agradecido pelo já realizado.

## “História De'vida”

José Rodrigues\*

### 10 de Junho - Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas

Petronila Rita dos Santos Lima Peres Cortês, apesar da sua avançada idade e de todas as dificuldades por que passou durante os seus 89 anos de vida, continua uma senhora cheia de alegria, energia e boa disposição.

Filha de militar (o pai era Tenente no Exército Português e a mãe era Doméstica), Rita é a segunda de seis irmãos. Nasceu em Melgaço, no dia 19 de Março de 1932, em casa onde fica actualmente a Loja Nova.

Como filha mais velha dos seis irmãos, ajudou a sua mãe a cuidar deles, e por isso adquiriu um gosto especial por ensinar crianças, o que a levou a ser professora. Deu aulas em várias freguesias do Concelho de Melgaço, entre elas, Chaviães, Gave e Cousse. Foi professora primária no colégio Dr. Sidónio até aos 39 anos.

Em 1971, depois da morte dos seus pais, surgiu a vontade de ir para Luanda, onde tinha uma irmã, Manuela, que estava lá com o marido, que era escrivão. Rita escreveu uma carta à sua irmã a pedir se lhe arranjava trabalho lá. Passados oito dias, recebeu resposta. A pedir-lhe o currículo,

pois teria lá trabalho. E foi trabalhar, como professora, para o colégio São Francisco Xavier.

Já em África, através da Directora do colégio, conheceu Mário, um algarvio que estava ao serviço das Forças Armadas Portuguesas em Angola. Casou no dia 21 de Julho do mesmo ano.

Depois da revolução de 25 de Abril de 1974, a sua situação em Luanda começou a ficar insuportável e teve de fugir para Portugal, já em 1975. Veio sozinha, mas valendo-se do facto de o marido ser das Forças Armadas, conseguiu trazer os seus bens mais preciosos.

Quando chegaram a Lisboa, foi difícil encontrar tudo o que trouxera, porque eram cargas muito grandes, muitas caixas iguais e algumas delas tinham sido roubadas quando descarregaram no porto de mar, em Lisboa. Nunca mais viu os bens que desapareceram.

Mário ficara lá mais um mês e durante esse período trocaram correspondência todos os dias. Quando voltaram para Portugal, ficaram a viver no Algarve, terra natal do seu marido. Vinham todos os anos a Melgaço de férias, mas nunca ficaram cá a morar. Mário não gostava de cá viver.



Depois de vários problemas de saúde, o marido acabaria por falecer, aos 65 anos de idade. Rita, com 64 à altura (em 1996), voltou para Melgaço, onde tinha a sua família.

Neste regresso, alugou uma casa ao Sr. Isidoro e, depois de muito tempo como amigos e a frequentarem os bailes em Espanha juntos, com vários casais amigos, começaram a namorar e actualmente vivem juntos.

\* Coordenador CLDS-AG Melgaço

### MANUEL LUÍS D. RODRIGUES

TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa · 4960-310 PENSO MLG · MELGAÇO TELEM. 969 065 676



### Agência Funerária ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Transladações para todo o País  
e Estrangeiro · Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 · Telem. 934 731 609 / 936 939 369  
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço



### Daniela Afonso Solicitadora

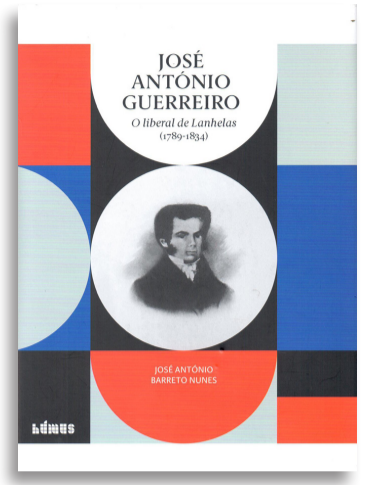
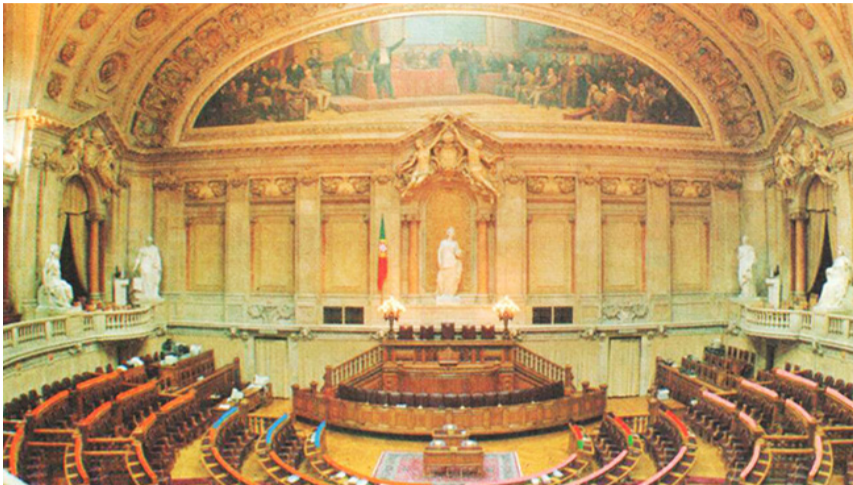
Rua Dr. António Durães, 65  
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953  
3590@solicitador.net



# José António Guerreiro, uma figura exemplar do Liberalismo do Alto Minho

Carlos Nuno



Os telespectadores portugueses quase todos os dias têm oportunidade de observar a sala das sessões da Assembleia da República, podendo apreciar, sobre a tribuna, num espaço chamado luneta, uma grande pintura mural onde estão representados os deputados eleitos para as Cortes Constituintes em Jan. 1821, logo após o triunfo da revolução liberal ocorrida no ano anterior.

O que a maioria ignora é que naquela obra de arte, pintada por Veloso Salgado cem anos depois, figura um ilustre alto-minhoto, cuja importância e papel desempenhados a nossa História até agora praticamente ignorou.

Trata-se de “José António Guerreiro, o Liberal de Lanhelas”, cuja bem documentada biografia acaba de vir à luz do dia pelas mãos de um reputado jurista, o dr. José António Barreto Nunes, juiz conselheiro jubilado do Supremo Tribunal de Justiça.

Nas suas páginas iniciais o autor explica como se abançou a escrever esta obra sobre um seu parente afastado, tendo como ponto de partida alguns documentos familiares que casualmente vieram ter às suas mãos.

A partir desses papéis esquecidos empenhou-se em estudar o perfil e o percurso de José António Guerreiro, consultando vultuosa bibliografia e aventurando-se na pesquisa em diversos Arquivos públicos.

Desse labor resultou um sólido trabalho de investigação histórica, sempre bem alicerçado em documentação pertinente, que nos permite conhecer a vida e a obra de um cidadão íntegro que dedicou quase toda a sua existência à causa pública, cimentada coerentemente nos valores propugnados pelo Liberalismo.

Sobre este estudo apenas podemos apresentar um páli-do resumo, começando por referir que J. A. Guerreiro nasceu em Lanhelas (concelho de Caminha) em 1789, tendo feito os seus primeiros estudos em Valença (e Tui), em cujo ambiente se deixou imbuir pelas ideias da Revolução Francesa, ali chegadas através da sua guarnição militar.

Tanto se distinguiu pelas qualidades já então reveladas que em 1808, na sequência da 1ª Invasão Francesa, apenas com 19 anos de idade, foi nomeado secretário da Junta Provisória do Governo de Valença, cumprindo seguidamente o serviço militar nas Milícias do Minho.

Partiu depois para Coimbra, frequentando a sua universidade entre 1811 e 1816 e licenciando-se em Leis e Cânones, revelando-se um aluno de grande craveira.

Para seguir a magistratura teve que fazer a chamada Leitura de Bacharel em Lisboa, em 1816, estagiando a seguir no Desembargo do Paço, até ser colocado como juiz de fora em Mértola, onde se manteve até 1820.

Nesse mesmo ano, na sequência do triunfo da Revolução Liberal que tinha eclodido no Porto, foi eleito como deputado para as Cortes Constituintes de 1821, integrando a lista da Província do Minho (comarca de Valença), o que confirma como já era grande o prestígio de que gozava.

Em Lisboa, nas cortes liberais, integrou a comissão de legislação, tendo tido grande relevo as suas intervenções em defesa da liberdade de imprensa. Fez parte de outras comissões onde igualmente deixou marcas, até ser jurada pelo rei D. João VI a nossa primeira Constituição, em 4 Nov. 1822.

Não é possível aqui referir as vicissitudes verificadas no período que se seguiu, que J. A. Barreto Nunes regista e analisa com pormenor no livro, apenas merecendo destaque o facto de J. A. Guerreiro ter sido Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Justiça num governo de curta duração em 1823 e que, após a Vilafrancada se afastou da vida política activa.

Em 1826 aderiu ao Cartismo, após D. Pedro IV ter decretado a Carta Constitucional da Monarquia Portuguesa (29 abr. 1826), tendo logo sido nomeado para os cargos de Ministro da Justiça e de Conselheiro de Sua Majestade, do qual depois se viria a demitir, por fidelidade aos seus ideais liberais.

Mas ainda nesse período ingressou na Câmara dos Deputados, onde se manteve de 1826 a 1828, quando se verificou a sua dissolução.

Tempos difíceis viveu então JAG devido à tomada de poder por D. Miguel, o que pôs em causa, a sua subsistência e mesmo a sua liberdade, obrigando-o a partir para o Brasil em 1828, onde se juntou à corte imperial, colocando-se ao serviço de D. Pedro IV a quem deu conta do estado do reino, tentando convencê-lo de que devia designar a Infanta D.ª Maria como sua sucessora.

D. Pedro então incumbiu-o de levar para Inglaterra, onde se encontravam os seus mais fervorosos apaniguados, as ordens e instruções necessárias para a instalação da Regência do Reino nos Açores, tendo em Londres a felicidade de se cruzar com o Marquês de Palmela (que se tornaria um dos seus mais leais e dedicados amigos), o qual professava as mesmas ideias quanto ao Trono e a possível saída da crise política que se vivia.

Os dois redigem então o “Manifesto dos direitos de Sua Majestade fidelíssima a Senhora Dona Maria Segunda e Exposição da questão portuguesa”, que seria publicado em Londres ainda em 1829, tendo uma 2ª edição em Rennes, onde se encontravam outros exilados políticos, em 1831, documento de crucial importância para a defesa da causa liberal.

Em 15 Junho 1829 D. Pedro IV cria então a Regência do Reino, que ficou instalada em Angra do Heroísmo entre 1830 e 1832, presidida pelo Marquês de Palmela e da qual fazem parte o Conde de Vila Flor e José António Guerreiro (o único que não pertence à nobreza), tendo este ficado responsável pela Repartição de Justiça.

De Guerreiro depende a feitura das leis, que darão prossecução aos princípios defendidos na Carta Constitucional e no referido “Manifesto”. Foi impressionante a sua produção em matéria legislativa, como virão a reconhecer os historiadores que se debruçaram sobre este período.

Em Março de 1832 D. Pedro IV decide finalmente assumir as suas responsabilidades e parte do Brasil para a Ilha Terceira, assumindo a regência permanente do reino, embora afastando inexplicavelmente dois dos membros que a tinham assegurado, apenas mantendo ao seu lado o Marquês de Palmela.

Nessa altura, a saúde de J A Guerreiro começa a apresentar sinais preocupantes, situação que o leva a procurar cura em França e que o virá a impedir de participar do desembarque das forças leais a D. Pedro no Mindelo em 8 Julho 1832 e consequente ocupação do Porto.

O nosso minhoto regressa ao país logo que tal lhe foi possível e junta-se a D. Pedro no Porto, não esmorecendo na sua luta, o que levou a que lhe fosse concedida a grã-cruz da Ordem de Torre e Espada, sendo em Set. 1833 nomeado Conselheiro de Estado.

Porém o seu estado de saúde volta a agravar-se, acabando por falecer em 1 Agosto 1834, certamente feliz por ter sabido que a paz tinha sido finalmente restabelecida, com a assinatura da Convenção de Évora-Monte e a assunção ao trono de Dª Maria II, pela qual ele tanto se batera.

A sua “Necrologia”, publicada poucos dias após a sua morte e, segundo o autor, da autoria do Marquês de Palmela, exalta as suas enormes qualidades, nela sendo afirmado que “deixa em legado à Pátria serviços inestimáveis a favor do Trono legítimo e da Carta”, considerando-o “um raro exemplo de virtudes cívicas”.

Neste elogio fúnebre é realçado o decisivo papel que Guerreiro desempenhou quando, no Rio de Janeiro, deu conta a D. Pedro do estado do reino e o convenceu a assumir o combate pela liberdade, contra as ideias absolutistas de D. Miguel. Aliás do mesmo empenhamento deu conta o Marquês de Palmela nas suas «Memórias».

O seu valor como cidadão, “herói e mártir da nossa liberdade”, “seu profundo saber e rara integridade” também foi realçado por Almeida Garrett quando, na Câmara dos Deputados, em Nov. 1837, solicitou uma pensão para a sua viúva e filhos pois José António tinha falecido sem lhes assegurar qualquer meio de sobrevivência digna. Serviu dedicadamente a Pátria, esquecendo-se de si e da família que tem a seu cargo.

E nesta mesma intervenção o grande Garrett voltou a referir o sucesso da missão de J. A. G. no Rio de Janeiro, que esteve na origem da partida de D. Pedro e da sua incursão vitoriosa rumo ao norte do país.

Neste livro de J. A. Barreto Nunes, numa linguagem fluente apoiada nas imprescindíveis fontes documentais, fica traçado um rigoroso e convincente retrato do até agora pouco lembrado Liberal de Lanhelas.

O autor, de origem monçanense e depois de uma brilhante carreira na magistratura, parece querer dedicar-se à nossa História, na sequência da intensa colaboração que vem prestando na imprensa local e regional, nomeadamente neste jornal.

O livro “José António Guerreiro, o Liberal de Lanhelas” nasceu de uma iniciativa da Casa Museu de Monção, unidade cultural da Universidade do Minho, presidida pelo Professor José Viriato Capela, que assina um denso prefácio (de recordar que esta instituição em 2017 publicou em volumoso volume a obra “Alto Minho e Galiza: estudos históricos” da autoria do saudoso professor melgacense Padre José Marques).

A edição comercial é da Húmus e só foi possível mercê do apoio financeiro da referida CMM, da Câmara de Caminha e da J. F. Lanhelas, tendo sido o livro apresentado no dia 23 Abril na Casa do Povo de Lanhelas, com intervenções do autor, da presidente da J. F., da representante da CMM e do presidente da C. M. Caminha, numa sala repleta de habitantes de Lanhelas interessados em conhecer a vida e obra de um dos seus maiores vultos, cuja memória certamente saberão honrar



# Pegada Zero

VI JORNADAS DE TURISMO DE NATUREZA  
PARQUE NACIONAL PENEDA-GERÊS MELGAÇO 2021

**3 a 8 JUNHO**

- 3 e 4 | FAM TRIP
- 5 | Oficina na Natureza "Trilho do Megalitismo"
- 6 | ATIVIDADES DE TURISMO DE NATUREZA
- 7 e 8 | Visitas Interpretativas e interativas  
Residências Científicas na Natureza  
Residências Desportivas na Natureza  
(Exclusivo para comunidade escolar)

+ informações [www.cm-melgaço.pt](http://www.cm-melgaço.pt)

Cofinanciado por:

## Hotel Castrum Villae: hospitalidade, natureza e património no coração da Serra da Peneda

+351 251 460 030    [reservas@hotelcastrumvillae.pt](mailto:reservas@hotelcastrumvillae.pt)  
Castro Laboreiro - Melgaço    [hotelcastrumvillae.pt](http://hotelcastrumvillae.pt)

## VENDE-SE

Casa de morada, no centro de São Gregório (junto à capela) com dois pisos e garagem de 60m<sup>2</sup>, totalmente mobilada e equipada.

**Bom preço**  
**MOTIVO: Mudança de residência do proprietário.**  
**Tlm. 933 871 728 ou 939 794 503**



# Bodas de Diamante

Eu não me posso esquecer  
Que «A Voz de Melgaço» vai fazer  
Setenta e cinco anos da sua fundação.  
Os meus efusivos parabéns lhe quero dar  
E muitas felicidades, de coração, desejar  
Por nos dar tão rica e atraente informação.

São as Bodas de Diamante  
Do jornal de que eu sou assinante  
E que muito gosto de ler.  
No dia em que o recebo  
Do princípio ao fim o leio  
E passo largas horas de prazer.

Também recordo com muita saudade  
Uma pessoa por quem tinha muita amizade  
O senhor Padre Carlos, seu Fundador.  
Depois do muito que construiu  
Chegou bem cedo o dia de partir  
Ao encontro do seu Deus e Senhor.

Mas eu estou muito convencida  
De que quando deixou esta vida  
Ainda tinha muito para dar.  
Mas Nosso Senhor também o queria  
Junto de Si a fazer-lhe companhia  
E o Jornal em aniversário festejar

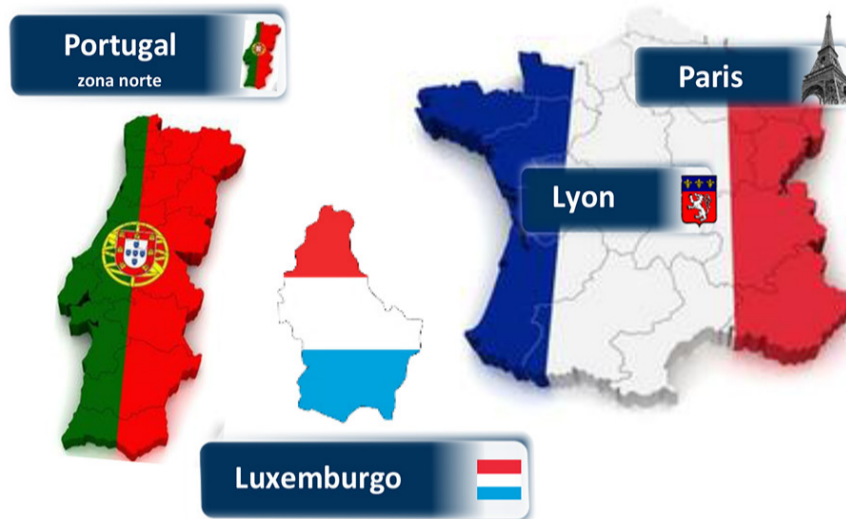
Virgínia do Carmo Ferreira

93 anos feitos em 22 de Maio, dia de Santa Rita, grande paixão da vida e obra do padre Carlos, falecido em 1 de Junho de 1972, no 26 aniversário do Jornal por ele fundado.

As fotos ao lado referem a homenagem na Casa da Cultura apresentando o seu livro de poemas.



## LINHAS INTERNACIONAIS



**Barquense** (+351) 258 454 303

BARQUENSE – AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA. • RNAVT nº 1849  
SEDE: R. DR. JOAQUIM M. DE BARROS, nº3 • 4980-634 PONTE DA BARCA - PORTUGAL  
INFO@BARQUENSE.COM • WWW.BARQUENSE.COM • FACEBOOK.COM/BARQUENSE.PT

**Contabilidade**  
**Apoio ao cidadão – IRS**

A entrega do IRS de 2021, referente aos rendimentos auferidos em 2020, decorre de 1 de abril a 30 de junho de 2021.

Precisa de apoio na submissão do seu IRS?  
Contacte-nos!

**Serviços**

- Contabilidade;
- Consultoria de Gestão;
- Assessoria Fiscal;
- Direitos da Empresa;
- Gestão de Recursos Humanos;
- Apoio ao Contribuinte;
- Portugal 2020.

UKUBO Consultoria,  
O seu parceiro de negócios.

**Melgaço**  
R. Dr. António Durães, nº65 R/C Dto  
4960-522 Melgaço  
+351 251 418 322

**Braga**  
Av. Robert Smith, nº19  
4715-398 Braga

**Monção**  
Rua D. Afonso Henrique, Ed. Domus Residence, R/C Lj 2  
4950-446 Monção  
+351 251 031 908

info@ukubo.com www.ukubo.com www.imoukubo.com

### Imóveis que lhe podem interessar

**Morada com terreno**  
Podame, Monção, Viana do Castelo

Quintinha com casa centenária e apalaçada. Possui casa anexa em pedra, espigreiro e furo de água. A propriedade é toda murada e encontra-se localizado em local calmo. Terreno com cerca de 3570m2.

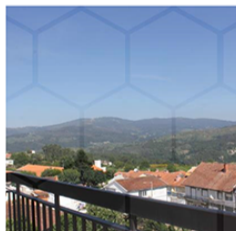
160.000€ 125.000€  
00033



**Apartamento T3**  
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3 localizado no centro da Vila de Melgaço com 99 m2 de área útil. Possui três quartos, duas casas de banho e a cozinha está totalmente equipada. Caixilharia em alumínio com vidro simples. Detém, ainda, uma garagem individual fechada com 25m2.

130.000€ 110.000€  
01086



**Restaurante no centro da Vila de Melgaço**  
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Restaurante localizado no centro da vila com 65 m² de área total e capacidade para 34 pessoas. Dispõe de uma cozinha totalmente equipada. Detém ar condicionado, teto com isolamento acústico, condutas de circulação de ar, sistema de som e armazém para arrumos.

80.000€  
01541



**Morada no Centro Histórico**  
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Morada V3 em bom estado com dois quartos, uma suite e uma cozinha totalmente equipada. Dispõe, ainda, de aquecimento central/ar condicionado, lareira e varandas. Possui comércio no R/C totalmente equipado. Garagem ampla com espaço para arrumos.

Sob Consulta  
01601



**Apartamento T3**  
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3 no Sto. Cristo com 110 m2 de área útil. Possui três quartos, duas casas de banho e a cozinha está totalmente equipada. Caixilharia em alumínio com vidro duplo. Detém, ainda, aquecimento, garagem e um terraço espaçoso com churrasqueira.

130.000€ 125.000€  
00780



**Terreno com aptidão construtiva**  
Prado e Remoães, Melgaço, Viana do Castelo

Terreno com aptidão construtiva com 5.400m2 e excelentes acessos. Localizado próximo da Vila de Melgaço.

250.000€ Excluído do SCE, ao abrigo do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 118/2013, de 20 de agosto, na sua atual redação.  
01139



**Morada com dois pisos Mobilado e Terrenos**  
Cristóval, Melgaço, Viana do Castelo

Morada bem conservada situada no centro de S. Gregório. Casa com duas assoalhadas e duas garagens amplas. É acompanhada de terrenos de cultivo e montes espalhados pela freguesia num total de 14600m2.

230.000€  
01586



**Morada para reabilitação**  
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Morada para reabilitação no centro histórico da Vila. Tem 3 pisos, rossios e parte habitável.

195.000€  
00355





# José António Ferreira, um homem de causas nobres

Salvador de Sousa\*



Numa reunião do Curso de Seminário



Na reunião de Curso de 2011



Foto com a família

**Faleceu o meu grande amigo e condiscípulo, José António Almeida Ferreira, no dia 27 de abril do corrente ano, quando se dirigia, na sua própria viatura, na companhia da sua esposa, para uma consulta em Viana do Castelo, nada fazendo prever este triste desenlace. Já perto da sua cidade que tanto amava, sentiu-se indisposto, pedindo à esposa para chamar o INEM, sendo, logo a seguir, transportado às urgências, mas não resistiu, deixando-nos desalentados, empobrecidos, tristes, porque perdemos um homem com um coração a transbordar de causas nobres.**

Nasceu no dia 22 de fevereiro do ano de 1954 na freguesia de Carvoeiro, concelho de Viana do Castelo, possuindo o Bacharelato em Farmácia. Residiu mais de trinta anos em Melgaço, terra que abraçou com todo o amor, fundando a Farmácia Dias Ferreira, onde trabalhou, juntamente com a sua esposa, até à aposentação, que ele denominava por “Lanterna Acesa”, pois sempre prestou serviço à comunidade nas 24 horas dos 365 dias, isto durante três dezenas de anos.

Foi sacristão, durante mais de uma década, na paróquia de Melgaço, colaborando com o Padre Manuel Alves até à data do seu falecimento. Além disso, foi corista, ajudou, como membro da comissão, nas festas da paróquia e integrou, imensas vezes, o Compasso Pascal.

Fez variados investimentos, alguns dos quais ele, por vezes, me convidou para os visitar, inclusivamente, na restauração, tendo sido proprietário do restaurante “Inês Negra” na Vila de Melgaço.

Fomos condiscípulos nos Seminários diocesanos de Braga a quem ficamos a dever uma boa parte da nossa formação, uma escola que nos lançou para a vida, sendo bastante assíduo aos encontros que fazemos todos os anos para mantermos viva essa chama que queremos inextinguível. Fez, em Melgaço, um mega encontro de ex-seminaristas dos vários anos do Seminário que foi um sucesso pelo reencontro e conhecimento de outros

colegas. Nos 75 anos da fundação do Seminário de Nossa Senhora da Conceição quis manifestar a sua gratidão com um dos seus gestos generosos, patrocinando a edição de um livro, como já foi referido na edição anterior.

Abraçou, também, a profissão docente, durante algum tempo, na Secundária de Monserrate de Ponte de Lima e na Escola Secundária de Ponte da Barca, lecionando Física e Química.

Os seus ascendentes de quem colheu, inicialmente, toda a sua boa conduta, António Gonçalves Ferreira e Teresa de Jesus da Rocha Almeida, constituíram um lar com 11 filhos, formando-os sob os princípios Cristãos. O José Ferreira, um dos ramos desse frutífero tronco, quis constituir uma família com cinco filhos, entregando-se a eles, procurando dar-lhes uma formação integral, dedicando-lhes parte da sua vida, pois eram as flores do seu lindo jardim. Além do curso superior que a todos conseguiu dotar, outros incentivos fez questão de lhes propor, mormente a formação musical, levando-os de Melgaço a Viana dos Castelo, durante vários anos, para assistirem às aulas na Academia de Música. Hoje, todos sabem tocar piano, violino e viola.

A família era o seu grande orgulho e, como tal, durante parte da sua vida adulta foi doada, com o auxílio da sua sempre amada esposa (Júlia Eduarda Dias Ferreira, mestre em Ciências Farmacêuticas pela Universidade do Porto) a dotar os filhos de profundos alicerces culturais para que pudessem todos abraçar a sua profissão com dignidade e brio. Nesta linha de pensamento, podemos afirmar que, com certeza, ele ficou realizado com a entrega, quase total, aos seus amados descendentes, ficando contente e feliz com o seu desempenho, podendo usufruir da jovialidade e da grandeza de uma família que ambos conseguiram formar.

Os cinco filhos, embrenhados de uma herança formativa sem precedentes, continuaram a fazer crescer a árvore de uma geração que continua a dar muitos

frutos: **António Pedro Dias Ferreira**, 36 anos, mestre em Ciências Farmacêuticas pela Universidade do Porto, casado na Hungria onde reside e trabalha numa farmácia como Diretor Técnico com a sua esposa, também Farmacêutica, tendo dois filhos, Olívia e Dorian; **José Eduardo Dias Ferreira**, 35 anos, mestre em Engenharia Civil pela Universidade do Porto, casado com dois filhos, Emma e Oliver, residente na Austrália, trabalhando na empresa Gongues Construction, como engenheiro projetista e de estruturas; **Vítor Manuel Dias Ferreira**, 33 anos, Cirurgião Vasculár pela Universidade do Porto, exerce a profissão de medicina no Hospital de Penafiel e em diversas clínicas na região do Minho, tendo já servido o Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde; **Carlos Daniel Dias Ferreira**, 29 anos, mestre em Engenharia Eletrotécnica e Computadores pela Universidade do Porto, trabalha e reside na Austrália, exercendo a profissão de engenharia de automação em Perth no referido país de residência e **Fernando Roque Dias Ferreira**, 25 anos, mestre em Engenharia Aeroespacial pela Academia da Força Aérea e Instituto Superior Técnico, Tenente Oficial dos quadros permanentes da Força Aérea Portuguesa, entidade que se fez representar no funeral, reside em Lisboa.

O seu funeral teve a presença de inúmeros amigos que fizeram questão de estar presentes, despedindo-se do homem bom, do homem sério, do homem das causas profissionais, sociais e religiosas, o homem grato, o homem íntegro, o homem que está junto de Deus, como dizia um dos sacerdotes, seu amigo, no final da Eucaristia.

Ferreira, intercede por nós junto de Deus que tanto honraste cá nesta terra no teu tão notável serviço a favor dos teus irmãos em Cristo, amando o próximo, imbuído das palavras de Jesus.

\* Professor







## ADEGA SABINO

Respeito pela **comida regional**  
paixão pelo **Alvarinho Monção e Melgaço**

[www.adega-sabino.com](http://www.adega-sabino.com)



# O Bispo dos escravos que bradou... no deserto!

Costa Guimarães

Retiro este título e um leque de ideias bem desenvolvidas por Celso Japiassu sobre as redes internacionais que aliciam e exploram os trabalhadores migrantes.

É o pretexto para celebrar um humilde bispo português, natural de Paúl, Oleiros, Vila Verde.

Na redação do exame da Quarta-classe escreveu que “queria ser missionário” e há onze anos (onze anos!) denunciou a escravatura em Odemira e outras terras alentejanas. Ninguém o escutou — “quem quer cai”. Insistiu no tema um ano depois — “só cai quem quer”. Ninguém quis ouvir. Voltou a insistir em 2018. Nada de novo aconteceu. Diz o povo: “à terceira, só quem é burro”. Hoje, no entanto, todos são crânios lúzidos ou brilhantes nesta tragédia humana (cf. [www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/imigrantes-vitimas-de-escravatura](http://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/imigrantes-vitimas-de-escravatura)).

As suas primeiras experiências foram as Ordens Franciscanas – os Frades Menores e os Capuchinhos -, seguindo-se o seminário Carmelita da Falperra, em Braga; no noviciado, pediu para ir para a Alemanha, porque “no Concílio Vaticano II os teólogos alemães se tinham distinguido muito”.

Enquanto estudava Teologia, assistiu “às primeiras grandes levas” de portugueses para as “grandes fábricas alemãs”, e descobre que a sua vocação “era mais entre o povo, era pastoral”.

Agora só falamos de Odemira, mas havia alertas e notícias que nos falam de uma realidade antiga à qual fechamos os nossos olhos. A pandemia veio colocar na ribalta um iceberg que não queríamos enfrentar: cerca de treze mil trabalhadores estrangeiros contratados para a colheita de legumes, mirtilo, groselha, cereja, morango, framboesa e amora, alojados em barracões estão ameaçados pela fome.

Já sabíamos que alguns desses grupos foram desbaratados e chegaram aos tribunais portugueses, como foi o caso de três moldavos e dois romenos, a ser julgados em Beja por angariação, maus tratos e exploração de mais de cem trabalhadores moldavos e romenos em Ferreira do Alentejo.

Vivem em dois quartos com três pessoas cada e pagam 120 euros por cama. Neste momento “não estamos a trabalhar por causa da covid-19 e não temos dinheiro para comer”, disseram ao Jornal de Notícias Kamal Sharma e Dinesh Mahato, naturais do Nepal.

Isolados do resto do mundo, com os seus passaportes na posse dos seus empregadores, os trabalhadores são obrigados a jornadas de 10 horas por dia, 7 dias por semana, e a pagar comida e alojamento.

Mas ninguém pense que este é um fenómeno exclusivamente lusitano. Migrantes sem documentos do Norte da África e do Sul da Ásia são igualmente explorados em condições semelhantes às de escravos em plantações da Espanha, Itália e Grécia.

Um pouco por toda a Europa do Sul, grassa este fenómeno dos bóias-frias (como dizem os brasileiros): assalariados rurais que migram de uma região agrícola para outra, acompanhando o ciclo produtivo das diversas culturas.

Na rica Europa, a Norte, com uma produção agrícola sofisticada e moderna, os bóias frias existem e podemos vê-los na Suíça e na Alemanha ou praticamente em todos os países da União Europeia, vivendo em desumanas e obscenas condições de trabalho.

A celebrada solidariedade europeia tem sido apenas um banho de retórica que não consegue travar o aprofundamento das desigualdades no mercado de trabalho.

A Roménia está acostumada a fornecer mão de obra flexível e barata aos países ricos.

As empresas europeias fazem lucros extraordinários à custa das difíceis condições dos trabalhadores deslocados que não possuem recursos para se defenderem. Os produtos dessa mão de obra acabam por regressar à Roménia enchendo as prateleiras de supermercados alemães ou franceses em prejuízo dos produtores locais (cf. [www.cartamaior.com.br/?/Especial/O-Novo-Velho-Continente-e-suas-Contradicoes](http://www.cartamaior.com.br/?/Especial/O-Novo-Velho-Continente-e-suas-Contradicoes)).

Na Bulgária os operários da fábrica Pirin-Tex denunciaram as condições de quase escravidão em que trabalham. Essa empresa produz roupas da Hugo Boss, designer escolhido por Adolf Hitler para criar os uniformes militares das SS nazis. Em média cada operário só consegue concluir 60% da quota que lhe foi atribuída e sofre redução proporcional do salário que muito baixo.

Voltemos a D. António Vitalino, este padre carmelita de Vila Verde que regressa a Portugal em 1976 e passados 20 anos foi nomeado bispo auxiliar de Lisboa, a 3 de julho de 1996, e depois Bispo de Beja.

Depois dos alertas de 2010 e 2011, em Janeiro de



2018 defendeu uma resposta global ao “grande problema” das migrações nas sociedades atuais, rejeitando “pactos de deportação”.

“Precisamos de encarar o problema de frente, não podemos fechar os olhos e pensar que não existe. Existe e todos os países do mundo têm de dar as mãos, para atuar junto destes nossos irmãos que saem das suas terras”, disse.

Para o bispo emérito de Beja, é necessário acolher quem bate à porta, independentemente de “raça ou religião”, vendo nestas pessoas “a presença de Jesus Cristo”.

Para D. António Vitalino, ver nos migrantes apenas “mão de obra” é “indigno” de quem acolhe, porque são uma “riqueza” para a sociedade e para a Igreja.

“Quantos é que estão integrados nas nossas comunidades?”, questionou este Bispo corajoso e ignorado. Já em 2011, D. António Vitalino, esperava que “os novos governantes não se deixem levar por compadrios e motivações secundárias” e repartam “os sacrifícios por todos e não apenas por aqueles que vivem do trabalho dependente”.

Onze anos após a primeira denúncia, ninguém fez nada. D. António Vitalino é a voz que brada no deserto... mas não a podemos ignorar.

# A Pfizer confirmou que está a fazer uma nova versão da sua vacina que será mais fácil de armazenar

Abílio Francisco Conde

A Pfizer confirmou que está a fazer uma nova versão da sua vacina que será mais fácil de armazenar. Recorde-se que o processo de armazenamento e refrigeração da vacina é complexo e algumas vezes por falta de cuidado muitas vacinas são inutilizadas. Disse ainda que se estima a necessidade de um reforço da vacinação no espaço de 8 a 12 meses e é expectável que as crianças comecem a ser vacinadas já no final do ano ou durante o primeiro trimestre de 2022. A Pfizer pretende produzir 6 mil milhões de vacinas contra o Covid-19 nos próximos meses. Não se sabe quanto tempo durará a protecção das duas primeiras doses e até agora não há provas da imunidade estar a diminuir. Mas pensa-se que o reforço é inevitável dentro de um ano porque a actual protecção não é vitalícia, admitindo-se pre-

ferível estar dois meses antecipados em vez de dois meses atrasados e com surtos em vários locais. De qualquer modo ainda estamos longe do final do ano e o objectivo principal deve ser vacinar toda a gente. O tema também tem sido debatido em Portugal e segundo o IMM da Universidade de Lisboa “é provável um sistema de vacinação periódico, mas não anual”, reiterando ainda a necessidade de acompanhar as novas variantes do SARS-CoV-2 para se perceber “quando será oportuno ser vacinado de novo com uma terceira dose actualizada para novas variantes ou uma nova vacinação mais à frente”.



Tudo indica a médio prazo haver uma boa imunidade e razões para estarmos optimistas. Mesmo que a imunidade comece a diminuir haverá sempre a possibilidade de novas doses da vacina para dar impulso à imunidade. Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Maio 2021



# A visita do arcebispo de Braga D. a Melgaço, no mês de Julho de 19

José António Barreto Nunes



Ranhada para alli consagrar e reservar o SS. Sacramento. No côro, as mesmas senhoras — cujo nome publicamos n'outro logar — fizeram ouvir-se em côros cuidadosamente ensaiados. O beija-mão foi concurridissimo.

Findo este, n'uma dependencia do hotel, o sr. dr. Queiroz Ribeiro, com a facilidade da palavra que lhe é timbre, pôz em destaque as qualidades moraes e mentaes do Sr. Arcebispo, que agradeceu commovidissimo.

A' noitinha S. Ex.ª Rev.ª, acompanhado de amigos e de grande numero de clero, de Monsão e Melgaço, retirou.

A's 8 horas o sr. dr. Queiroz Ribeiro, em mesa áparte, no Hotel Ranhada, reuniu alguns amigos dando-lhes um jantar confeccionado sob os cuidados do hoteleiro sr. Guerreiro Ranhada, servido com vinhos finissimos da Tavra do offertante. Houve brindes.

Da esquerda para a direita; D. Herminia Mariani; D. Gloria Ramos; D. Laurinda Carvalho; D. Maria Luiza Carvalho; D. Emilia Queiroz Ribeiro; D. Silvia Gomes; D. Adelina Cardoso. Sentada; D. Anna Ramalhefe.

O Sr. Arcebispo de Braga veio a estas thermas no dia 26 de julho, e os hospedes do Hotel Ranhada, na sua maioria, receberam o illustre principe da igreja com as homenagens devidas não só ao alto cargo que exerce como, tambem, ás virtudes excelsas que possui.

Vieram muitas pessoas de longe e a estrada que passa em frente aos hotéis regorjitou, então com estrugidora animação.

Senhoras distribuiram, não só em nome dos hospedes d'aquelle hotel, como de outros, que para tal concorreram, um variado bodo a grande numero de pobres da localidade.

Uma banda de musica fez-se ouvir.

Chegado o Sr. D. Manuel Vieira de Mattos logo se dirigiu á capella do Hotel

*Primeira fila*—(de trás para diante, da esquerda para a direita) Dr. Agostinho de Almeida Rego, Arthur Mariani, Gaspar Queiroz Ribeiro e Anselmo Antonio Gomes.

*Segunda fila*—Dr. João Augusto Mimoso Rôlo e o abb-de de Cerdal. A seguir mais adiante, na mesma fila, dr. Abilio da Silva Carvalho, Antonio Joaquim Ribeiro, Manuel Freire de Oliveira, barão Machado e Silva e o proprietario do hotel sr. Antonio Maria Guerreiro Ranhada.

*Terceira fila*—assentados: Camillo Ramos, adiante, commendadores Gonçalves de Sá e Pimenta da Fonseca e o sr. Arthur José de Sousa.

No chão: Sotto-Mayor, Arnaldo Oliveira, José Malheiros, Delfim Ferreira e Dofrial Costa Braga.



Capella do Hotel Ranhada onde foi exposto o SS. Lausperenne



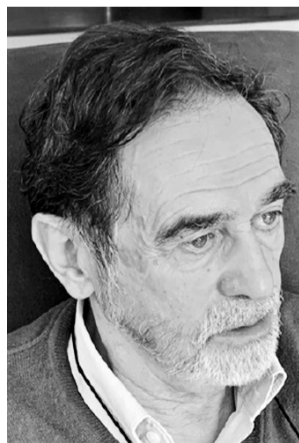
Chegada do Senhor Arcebispo Primaz á Estancia do Pêso

## NOTA PRÉVIA

No dia 29 de janeiro de 2021, faleceu na cidade de Braga o Senhor Cónego Professor Doutor José Marques, natural do concelho de Melgaço.

Nas edições seguintes d'A Voz de Melgaço sucederam-se os textos de muitas personalidades sobre essa veneranda figura da Igreja e da Cultura que é o Cónego José Marques.

Da minha parte, esperei a melhor oportunidade para também lhe prestar a merecida homenagem. Conhecia-o há muitos anos da cidade de Braga, de comunicações em sessões públicas a que tive o privilégio de assistir; de o ver passar, sempre apressadamente, pelas ruas da cidade que habitamos; e, também, algumas vezes, de o



ver sentar-se próximo de mim, na mesma carruagem em que seguíamos rumo a Lisboa, no Alfa das 6 da manhã.

Cumprimentávamo-nos formalmente, eu sabendo quem era o Cónego José Marques, ele, provavelmente, confundindo-me com o meu irmão Henrique, seu antigo aluno e amigo, como mais tarde me confirmou.

Entretanto, por ocasião do falecimento de nossa Mãe, D. Georgina Cândida Dantas Guerreiro Barreto Nunes (Monção, 8/6/1924 – Braga, 31/12/2013), na Missa do Sétimo Dia, a minha família teve o privilégio de a ver rezada por três Doutores da Igreja, que foram os Senhores: Cónego Fernando Monteiro, que tinha sido pároco de S. Lázaro, muito amigo dela; director deste jornal Padre Doutor Carlos Vaz, que eu então não conhecia pessoalmente; e Cónego José Marques, os dois últimos, provavelmente, pela ligação cultural que tinham ao meu irmão Henrique. Da minha parte, surpreendido, fiquei muito sensibilizado e eternamente agradecido a tão ilustres vultos da Igreja, que melhor nos ajudaram a suportar a dor da sua partida. E, também, porque a nossa Mãe era merecedora de

tão bom acolhimento de quem lhe ajudava a abrir as portas da Eternidade, já que foi sempre uma crente cristã e católica devota, de sentimentos profundos e cumpridora.

A partir daí, os contactos, quer com o Doutor Carlos Vaz quer com o Cónego José Marques, tornaram-se frequentes e para mim enriquecedores.

Quanto ao Cónego José Marques, recordo como era bom encontrá-lo, quando passeava com alguns meus colegas, perto da Arcada ou pela Avenida da Liberdade, em Braga. Na sua humildade e sabedoria, seguiam-se sempre dez ou quinze minutos de conversa muito úteis, agradáveis e de aprendizagem para todos. Pouco tempo decorrido e já tenho saudades desses pedacinhos de momentos com JOSÉ MARQUES, que jamais esquecerei.

Recordo, também, que, quando tive dúvidas sobre o significado do título de "Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas", atribuído ao Chefe da Igreja de Braga, logo me ter oferecido uma separata com um seu estudo exaustivo sobre a questão.

E tive, ainda, o privilégio de no dia 12 de Agosto



# Manuel Vieira de Mattos

## 15

### Melgaço—Visita pastoral de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Arcebispo Primaz

O Sr. Arcebispo de Braga veio a estas termas no dia 26 de julho, e os hóspedes do Hotel Ranhada, na sua maioria, receberam o ilustre príncipe da igreja com as homenagens devidas não só ao alto cargo que exerce como, também, às virtudes excelsas que possui.

Vieram muitas pessoas de longe e a estrada que passa em frente aos hotéis regurgitou, então com estrugidora animação. Senhoras distribuíram, não só em nome dos hóspedes d'aquelle hotel, como de outros, que para tal concorreram, um variado budo a grande numero de pobres da localidade.

Uma banda de musica fez-se ouvir. Chegado o Sr. D. Manuel Vieira de Mattos logo se dirigiu á capella do Hotel

*Primeira fila*—(de trás para diante, da esquerda para a direita) Dr. Agostinho de Almeida Rego, Artur Mariani, Gaspar Queiroz Ribeiro e Anselmo Antonio Gomes.

*Segunda fila*—Dr. João Augusto Mimoso Rôlo e o abb-de de Cerdal. A seguir mais adiante, na mesma fila, dr. Abilio da Silva Carvalho, Antonio Joaquim Ribeiro, Manuel Freire de Oliveira, barão Machado e Silva e o proprietario do hotel sr. Antonio Maria Guerreiro Ranhada.

*Terceira fila*—assentados: Camillo Ramos, adiante, commendadores Gonçalves de Sá e Pimenta da Fonseca e o sr. Arthur José de Sousa.

No chão: Sotto-Mayor, Arnaldo Oliveira, José Malheiros, Delim Ferreira e Dofrial Costa Braga.



Capella do Hotel Ranhada onde foi exposto o SS. Lausperenne



Senhoras que distribuíram o bôdo aos pobres e cantaram durante a missa



Chegada do Senhor Arcebispo Primaz á Estancia do Pêso

Ranhada para alli consagrar e reservar o SS. Sacramento. No côro, as mesmas senhoras — cujo nome publicamos n'outro lugar — fizeram ouvir-se em côros cuidadosamente ensaiados. O beija-mão foi concorridissimo.

Findo este, n'uma dependencia do hotel, o sr. dr. Queiroz Ribeiro, com a facilidade da palavra que lhe é timbre, pôz em destaque as qualidades morais e mentaes do Sr. Arcebispo, que agradeceu comovidissimo.

A notinha S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, acompanhado de amigos e de grande numero de clero, de Monção e Melgaço, retirou.

Às 8 horas o sr. dr. Queiroz Ribeiro, em mesa áparte, no Hotel Ranhada, reuniu alguns amigos dando-lhes um jantar confeccionado sob os cuidados do hoteleiro sr. Guerreiro Ranhada, servido com vinhos finissimos aa'vara do ofertante. Houve brindes.

Da esquerda para a direita: D. Herminia Mariani; D. Glória Ramos; D. Laurinda Carvalho; D. Maria Luiza Carvalho; D. Emilia Queiroz Ribeiro; D. Sílvia Gomes; D. Adalina Cardoso. Sentada: D. Ana Ramalhete.

Pêso, Melgaço, dia 26 de Julho de 1915 - Visita do Sr. Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Mattos  
De pé: D. Herminia Mariani, D. Glória Ramos, D. Laurinda Carvalho, D. Maria Luiza Carvalho, D. Emilia queirós Ribeiro, D. Sílvia Gomes  
Sentada: D. Ana Ramalhete



Senhoras que distribuíram o bôdo aos pobres e cantaram durante a missa

de 2016 ter estado presente naquela grandiosa festa da apresentação do *Cartulário do Mosteiro de Fiães* e, simultaneamente, de homenagem ao Cônego Doutor José Marques, nesse espaço tão belo e tão intenso que é a Alameda do Mosteiro.

A vida terrena corre, inexoravelmente, sem parar, com princípio, meio e fim. Direi mesmo que a partir de certa idade a vida passa a caber numa caderneta de cromos de saudades, preenchida com familiares, professores, amigos, que se vão juntando, um a um, ficando para o fim o mais difícil, aquele a que na infância chamávamos o "número da bola", como único, que é o nosso, o último a colar, já não por nós, mas por quem nos vier fechar a porta.

\* \* \*

### A visita do arcebispo D. Manuel Vieira de Mattos a Melgaço

Em meados de 1915, iniciou funções como Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas D. Manuel Vieira de Mattos, transferido do bispado da Guarda.

Algum tempo depois, no dia 15 de Junho de 1915 foi finalmente inaugurado o barracão então denominado de Estação dos Caminhos de Ferro de Monção (o edifício que ainda existe, embora com a linha desactivada, só foi construída em 1929), terminal da Linha do Minho, dia em que chegou àquela vila o primeiro comboio proveniente do Porto. Curiosamente, a via férrea seria para continuar até Melgaço, porém, os tempos difíceis que se seguiram e o primado do automóvel obstaculizaram a sua construção.

Ora, logo que foi nomeado arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira Mattos iniciou as suas visitas pastorais por todas as paróquias da sua divisão eclesiástica.

Uma dessas visitas foi ao mais alto Alto-Minho, tendo seguido de Braga em direcção a Monção, onde desembarcou no dia 25 de Julho de 1915. No dia imediato seguiu para Pêso, Melgaço, noticiando a revista *Ilustração Católica* de Braga nº 112, de 21 de Agosto de 1915 o seguinte:

"O Sr. Arcebispo de Braga veio a estas Termas no dia 26 de Julho, e os hóspedes do Hotel Ranhada, na sua maioria, receberam o ilustre príncipe da Igreja com as homenagens devidas não só ao alto cargo que exerce

como, também, às virtudes excelsas que possui.

Vieram muitas pessoas de longe e a estrada que passa em frente aos hotéis regurgitou, então, com estrugidora animação.

Senhoras distribuíram, não só em nome dos hóspedes daquele hotel, como de outros, que para tal concorreram, um variado budo a grande número de pobres da localidade.

Uma banda de música fez-se ouvir.

Chegado o Sr. D. Manuel Vieira de Mattos, logo se dirigiu à capela do Hotel Ranhada para ali consagrar e reservar o SS. Sacramento. No coro, as mesmas senhoras — cujo nome publicamos noutro lugar — fizeram ouvir-se em coros cuidadosamente ensaiados. O beija-mão foi concorridissimo.

Findo este, numa dependência do hotel, o sr. Dr. Queirós Ribeiro, com a facilidade da palavra que lhe é timbre, pôz em destaque as qualidades morais e mentais do Sr. Arcebispo, que agradeceu comovidissimo.

À notinha, S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, acompanhado de amigos e de grande número de clero, de Monção e Melgaço retirou.

Às 8 horas, o Sr. Dr. Queirós Ribeiro, em mesa aparte, no Hotel Ranhada, reuniu alguns amigos dando-lhes um jantar confeccionado sob os cuidados do hoteleiro Sr. Guerreiro Ranhada, servido com vinhos finissimos da lavra do ofertante. Houve brindes".

*Primeira fila*—(de trás para diante, da esquerda para a direita) Dr. Agostinho de Almeida Rego, Artur Mariani, Gaspar Queiroz Ribeiro e Anselmo Antonio Gomes.

*Segunda fila*—Dr. João Augusto Mimoso Rôlo e o abb-de de Cerdal. A seguir mais adiante, na mesma fila, dr. Abilio da Silva Carvalho, Antonio Joaquim Ribeiro, Manuel Freire de Oliveira, barão Machado e Silva e o proprietario do hotel sr. Antonio Maria Guerreiro Ranhada.

*Terceira fila*—assentados: Camillo Ramos, adiante, commendadores Gonçalves de Sá e Pimenta da Fonseca e o sr. Arthur José de Sousa.

No chão: Sotto-Mayor, Arnaldo Oliveira, José Malheiros, Delim Ferreira e Dofrial Costa Braga.



Capella do Hotel Ranhada onde foi exposto o SS. Lausperenne



Grupo de cavalheiros e senhoras que no Pêso homenagearam o Senhor Arcebispo  
PAG. 120  
Ilustração Católica  
ANNO III

Eis a breve história de uma visita pastoral a Melgaço, chefiada pelo Sr. Arcebispo de Braga D. Manuel Vieira de Mattos, figura histórica e marcante, quer a nível local quer nacional.

Como esta, tantas outras visitas terão sido feitas ao longo dos séculos pelos arcebispos titulares de Braga, que visitavam assiduamente as suas paróquias, bem à semelhança com os Corregedores das comarcas, que visitavam terra a terra os seus domínios periodicamente.



# A morte não espera

Joaquim Agostinho Rocha



CASTRO, Alberto Magno. Filho de Gaspar Magno Pereira Castro e de Maria Fernanda de Lurdes Carvalho, proprietários, da Casa de Galvão. Neto paterno de Alberto Magno Pereira de Castro e de Maria José de Vasconcelos Mourão Passos; neto materno de João Cândido de Carvalho e de Carolina Augusta Gonçalves.

Nasceu na Vila, SMP, a 16/8/1940 e foi batizado a 10 de Novembro desse ano. Padrinhos: José Maria Pereira e sua esposa, Rosa Rodrigues, comerciantes.

Depois do ensino secundário ingressa na vida militar. Em 1962 frequentou o curso de oficiais milicianos, na Escola Prática de Infantaria em Mafra. Em 1963 vai para Angola, no exército colonial, e ali permanece até 1965. Lê-se no Notícias de Melgaço n.º 1575, de 14/11/1965: «Depois de cumprir o seu tempo em missão de soberania em Angola, regressou à metrópole, encontrando-se em casa de seus estremecidos pais no solar de Galvão, o nosso estimado conterrâneo alferes Alberto Magno Pereira de Castro.»

Depois do regresso entra para a Guarda Nacional Republicana. É colocado em Valença do Minho, onde permaneceu vinte anos. Em 1986 é-lhe entregue, interinamente, o comando da Companhia, e muda para Viana do Castelo. Ao fim de quatro anos, em 1990, assume o comando efetivo, com o posto de capitão. Em 1991 e em 1992 frequentou o curso de promoção a oficial superior no Instituto de Altos Estudos Militares. Depois da promoção a major é colocado no Centro de Instrução da Ajuda, Lisboa. Por razões que se desconhecem, em Setembro desse ano passa à reserva.

Paralelamente à vida militar, vai-se dedicando às Letras.

Desde novo que começa a publicar em «A Voz de Melgaço» vários poemas, que mais tarde editou em livro: «Poemas para a cidade» e «Notícias do Reencontro». Faz também investigação histórica e genealógica, tendo publicado em 1994 «A Praça-Forte de Valença do Minho». Em 1995 saíram a lume dois livros: «Valença na Guerra da Restauração» e «A Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Praça de Valença – a Capela e os Estatutos». Em 2008 saiu a público com subsídio da Câmara Municipal de Valença, «Gerações Valencianas», I volume (o 2.º volume sairia mais tarde). Além das obras mencionadas, ia escrevendo alguns artigos jornalísticos.

Politicamente, embora independente, estava próximo do PSD e já foi, com o apoio desse partido, presidente da Câmara Municipal de Valença (eleito a 12/12/1993). Devido a querelas surgidas entretanto, não lhe renovaram o apoio.

Casou em Santa Luzia, Viana do Castelo, a 20/2/1966, com a professora do ensino básico, Maria Armada, filha de Gaspar de Oliveira Figueiredo e de Armada de Jesus Dias, moradores em Galvão.

Lê-se em Notícias de Melgaço n.º 1588, de 27/2/1966: «No passado dia 20 realizou-se no mosteiro de Santa Luzia, em Viana do Castelo, e na maior intimidade, o casamento da Ex.ma senhora D. Maria Amanda Dias de Figueiredo, ilustre professora no Externato Liceal desta Vila, filha do nosso particular amigo senhor Gaspar de Oliveira Figueiredo, proprietário em Galvão, e da Ex.ma senhora Amanda Dias de Figueiredo, já falecida, com o senhor Alberto Magno Pereira de Castro, distinto oficial do Exército, recentemente chegado do nosso Ultramar, filho do nosso estimado amigo senhor Gaspar Magno Pereira de Castro, também proprietário em Galvão, e



da Ex.ma senhora D. Maria de Lurdes Carvalho Pereira de Castro. Foram padrinhos por parte da noiva sua irmã a Ex.ma senhora D. Maria da Paz Dias de Figueiredo Gonçalves, professora oficial, e seu marido o senhor Dr. Alípio Gonçalves, digníssimo Notário em Carrazeda de Ansiães, e por parte do noivo seus Ex.mos Pais. À cerimónia religiosa, que se revestiu da maior solenidade, presidiu o reverendo padre Justino Domingues, desta Vila, pároco dos noivos, o qual lhes dirigiu uma tocante alocução, enaltecendo as virtudes do Santo Matrimónio que acabavam de realizar e desejando-lhes as maiores venturas pela vida fora. Findo o enlace matrimonial foi servido no “Restaurante Jorge”, de Viana do Castelo, um lauto banquete aos convidados que eram pessoas da família dos noivos, findo o qual os nubentes seguiram em viagem de núpcias para o sul do país. “Notícias de Melgaço” deseja ao simpático casal uma perene lua-de-mel e todas as felicidades de que são dignos.»

Fez na região norte de Angola, uma comissão de 27 meses, 11 dos quais em Nambuanguo. Foi louvado pelo General-Comandante da Região Militar, nestes termos: «pelas muito apreciáveis qualidades de decisão, coragem e espírito de sacrifício, sobejamente patenteadas durante mais de 9 meses de permanência na ZIN, no do seu Grupo de combate. Entre as várias acções em que tomou parte, há que destacar aquela em que, tendo o seu grupo de combate sido violentamente atacado no itinerário Nambuanguo-Zala, sofrendo dois feridos graves, continuou a dar calmamente as suas ordens, cumprindo integralmente a missão de que havia sido encarregado e conseguindo manter nos seus homens um elevado moral.»

Recentemente, durante uma operação realizada fora do Sub-Sector, incorporado em forças de outro Batalhão, comandou o seu Grupo de Combate de modo a merecer as melhores referências do seu Comandante de Agrupamento pelo valor combativo, espírito de sacrifício e eficiência demonstrados.

Por tudo isto, considero o Alf. Mil. PEREIRA DE CASTRO como um bom oficial que à sua Companhia e Batalhão tem prestado serviços de muito apreço e digno de ser apontado como exemplo a todos os camaradas». (Ordem de Serviço de 1 de Julho de 1964)

Possui vários louvores e as seguintes condecorações: Medalha das Companhias do Norte de Angola (1963 a 1965) e Medalha de Assiduidade de Segurança Pública / uma Estrela (25 anos), Medalha de Mérito Militar (3ª classe).

Em 2012, a Câmara de Valença concedeu-lhe a Medalha Municipal de Mérito.

Nós que tivemos o privilégio da sua amizade e colaboração só nos podemos regozijar pelo reconhecimento humano dado a algumas das suas actividades, estando certos que muito mais lhe concedeu o Pai da Misericórdia por tudo quanto só Ele conhece em toda a sua profundidade.

## Municípios querem novo plano especial do PNPG com menos restrições à implantação de explorações agrícolas e hoteleiras

João Martinho

No âmbito da transferência de poderes de gestão do Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG) para o Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF) e os cinco municípios com território integrante da área classificada, as autarquias discutem agora a redução de restrições à implantação de sectores económicos até agora ‘vítimas’ da protecção especial a que esta área está sujeita.

“Um estábulo no Parque Nacional está limitado a 200 metros quadrados, o que é inconcebível tendo em conta que as nossas explorações, algumas delas terão com 200 cabeças de gado. Mesmo que sejam de 50 cabeças de gado, já não é suficiente”, exemplifica o edil de Melgaço, Manoel Batista, defendendo uma “redefinição”, ou que

“nem sequer haja valores, mas a dimensão necessária” para estes casos.

As restrições actuais influem até nos sectores base dos municípios do PNPG, como é o caso dos equipamentos turísticos.

“um equipamento, por via do Plano Especial, não pode ultrapassar os 500 metros quadrados de implantação. Se falarmos num hotel de grande dimensão, 500 metros quadrados não é nem de longe nem de perto suficiente para isso. Tivemos esse constrangimento no Parque de Campismo de Lamas de Mouro. Considerando os edifícios de apoio, de uso comum, mais uns bungalows que se pretendiam colocar, já não podemos avançar”, concretiza ainda o autarca, prevendo que o novo Plano Especial contemple já outras permissões.



**NOVIDADES**  
VINHOS  
QUEIJO  
MEL  
CHÁS REGIONAIS

“Da Costa Congelados,  
até ao seu prato”

Rua Dr. António Durães, 119  
4960-522 Melgaço

Visite a nossa loja!  
251 031 438



# Em memória do Major Alberto Magno Pereira de Castro

Ernesto Português

Tínhamos encontro marcado para o fim da pandemia, mas o imponderável trocou-nos as voltas pois, como diz o povo, “o homem põe e Deus dispõe”.

No curto espaço de quatro meses, Melgaço perde mais uma figura de relevo que também deixa obra significativa na Historiografia do Alto Minho e Norte de Portugal. Trabalhador incansável na investigação, com relevantes resultados, a sua escrita regular – na imprensa regional e em edições também marcadas pela regularidade – merece o maior apreço de todos quantos, particularmente, se dedicam ao estudo do nosso Alto Minho.

O nosso relacionamento começou a partir de 2008, data da publicação da minha monografia de Pias, e de então para cá mantivemos correspondência regular em torno dos trabalhos que mutuamente partilhámos, com grande estima e expressivas dedicatórias. Nos últimos tempos, fui um feliz contemplado da sua enorme generosidade na partilha de saberes.

Quando, há um ano, manifestei interesse em conhecer o seu estudo sobre as Guerras da Restauração no concelho de Valença, logo se apressou a enviar-me, através do nosso amigo comum, o Doutor Carlos Vaz, ilustre diretor deste jornal, um dos seus raros e últimos exemplares de “Valença na Guerra da Restauração”, editado pela Câmara Municipal de Valença, em 1995. E não contente com isso, promete enviar-me uma pequena publicação sobre os “Combates da Travanca”, ocorridos em Paredes de Coura, em 1662, no âmbito dessas mesmas guerras, que, de momento, não conseguia localizar na sua biblioteca. Entretanto, passados seis meses (8 de novembro de 2020), estava ele a dar cumprimento ao prometido, com estas amáveis palavras: «Nada tem que agradecer-me. “Os Combates da Travanca” estavam prometidos, só que colocados numa prateleira errada. Mas apareceram!». Sem palavras fiquei eu.

E de uma outra obra esgotada, bem volumosa por sinal, – que nesse período de confinamento, nem sequer conseguia consultar na biblioteca – acaba por me surpreender com o envio integral da obra fotocopiada.

Era assim o Major Pereira de Castro. Generoso e sempre pronto a partilhar o saber, na perspectiva de que a ciência só progride com o concurso de todos, colocando os seus conhecimentos ao serviço do conhecimento e dos amigos do mesmo “ofício”, como ele costumava dizer. E generoso na apreciação do trabalho dos outros. Era assim este Amigo de fino trato, gentil, revestido de uma enorme nobreza de sentimentos.

Há muitos anos que sou leitor assíduo e colecionador dos seus apreciados textos, regularmente publicados em *A Voz de Melgaço*.

No mês de julho do ano passado surpreendeu-me, uma vez mais, com a publicação, neste jornal, de um extenso e bem documentado comentário à minha última publicação sobre a *Casa de Sende* e os seus ilustres descendentes que no Brasil colonial do séc. XVIII se notabilizaram nos governos do Maranhão, Piauí e Grão-Pará, e ainda à frente do governo da Praça de Valença (1765) e, mais tarde, no governo das Armas da Província do Minho, ao tempo da 1.ª Invasão Francesa.

Acompanhei, embora à distância, os problemas de saúde que, há um ano, o levaram ao hospital e o obrigaram a abrandar o ritmo de trabalho, mas em 8 de novembro já me confidenciava: «Quanto à minha saúde, felizmente encontro-me recuperado, embora sob vigilância, mas tudo corre normalmente. Pior do que isso só esta maldita pandemia, mas também ela, se Deus quiser, será levada de vencida». E eis que, de repente, o encontro com redobrada energia, dando-me esta notícia: «Entretanto, tenho três livros já preparados, prontos a entrarem na Tipografia: um sobre a verdadeira **História da Fundação da Misericórdia de Valença (1498)** com documentos inéditos, / outro sobre **Histórias de Vida (Memórias)** / e um terceiro de **Poesia**. Como vê, projectos não faltam...».

Perante isto apeteceu-me exclamar, em resposta: «Não imagina como fiquei contente com a sua última mensagem! E acho que me forneceu a chave de compreensão das rápidas melhoras do seu estado de saúde. O trabalho, resultante da sua enorme vitalidade, é, de facto, o melhor remédio para superar todas as adversidades. Cada vez o admiro mais. É obra».

Entretanto, oferecia os meus préstimos para um qualquer trabalho de correção de provas, no caso de as obras serem impressas em Braga. Imediatamente me responde, agradecidamente: «Muito e muito obrigado pelas suas palavras. Sabe que é correspondido. Felizmente **que a pandemia não nos tira a vontade de trabalharmos no que nos dá realmente prazer**. Estes meus livros serão impressos numa Editora de Tui com quem já trabalhei há anos e onde foi feito o meu último livro. “**A Verdadeira História da Fundação da Santa Casa da Misericórdia de Valença**” é **muito interessante porque se baseia em documentação descoberta no Arquivo Municipal e por ela se prova (pela primeira vez) que a sua fundação se deu em**



1498. Aguardo apenas “certos acontecimentos” para a sua impressão. Mas teremos ocasião de falar pessoalmente destas questões».

Depois de um curto silêncio, a partir do Natal, a notícia inesperada do seu falecimento chegou-me através da voz comovida e muito embargada do Doutor Carlos Vaz. Fiquei sem palavras e com a sensação de que algo ficou por dizer a este bom Amigo. Impedido de estar presente no seu funeral, por motivos de força maior, não podia deixar de manifestar a toda a Família os meus sentidos pésames pela perda de um Amigo que muito estimava e admirava, ficando por saldar uma dívida de gratidão.

Acabo de tomar conhecimento, através de “A Terra Minhota”, de 15 de maio, da apresentação de uma proposta para a mudança do nome do Arquivo Municipal de Valença – o último legado que Alberto Pereira de Castro deixou enquanto Presidente da Câmara Municipal – para “**Arquivo Alberto Pereira de Castro**”. Pois não queria deixar de aplaudir, congratulando-me com a justíssima Homenagem a quem tanto se dedicou ao estudo e divulgação da história de Valença, para além do exemplar serviço à comunidade no exercício da sua profissão (1966-1986) e no desempenho cívico de funções governativas como Presidente da Câmara (1994-1998).

As minhas palavras, que mais não são do que uma ressonância do que sentimos e vivemos, ficam para a eternidade honrando a sua memória inesquecível.

## Primeiro Poema de Alberto Magno

É no jornal de 15 de Janeiro de 1957 que encontramos o poema intitulado «Feliz Achado !» com que o então jovem Alberto Magno iniciava a sua colaboração neste jornal e que várias vezes recordou ao longo da vida como muito tendo contribuído para se abalançar a sério na escrita.

### Feliz Achado !...

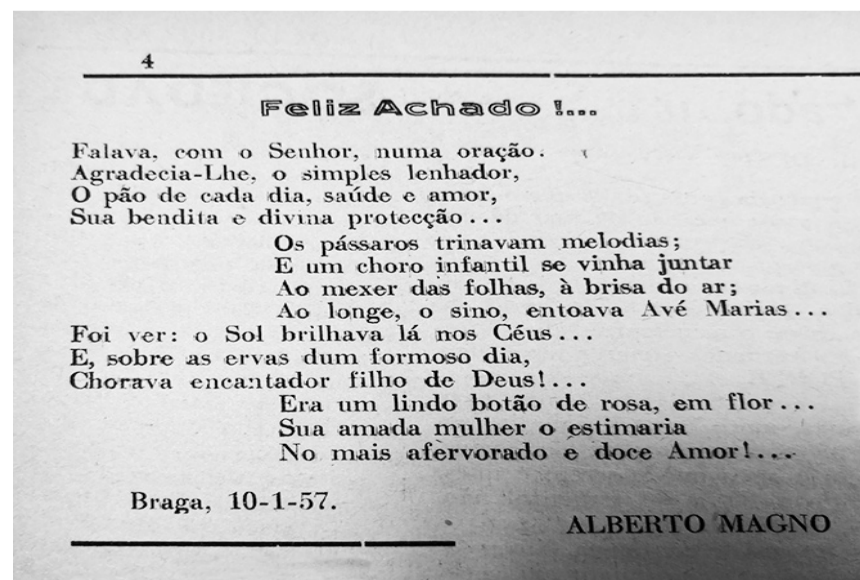
Falava com o Senhor, numa oração.  
Agradecia-lhe, o simples lenhador,  
O pão de cada dia, saúde e amor,  
Sua bendita e divina protecção...

Os pássaros trinavam melodias;  
E um choro infantil se vinha juntar  
Ao mexer das folhas, à brisa do ar;  
Ao longe, o sino entoava Avé Marias...

Foi ver: o sol brilhava lá nos Céus...  
E sobre as ervas dum formoso dia,  
Chorava encantador filho de Deus!...

Era um lindo botão de rosa, em flor...  
Sua amada mulher o estimaria  
No mais afervorado e doce Amor!...

Braga, 10-1-57 - Alberto Magno





# Marcelo Rebelo de Sousa elogiou do território feita de diversidade”

Filhos da terra ainda se resignam à ideia de partir,

João Martinho



Melgaço integrou o roteiro de visitas que o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, realizou ao Alto Minho na primeira quinzena de Maio.

No concelho onde começa Portugal, a 11 de Maio, o Chefe de Estado escolheu três exemplos da dinâmica local nos sectores empresarial, social e cultural, ainda que, como destacou a este jornal durante o cumprimento dos pontos da agenda, as três actividades observadas sejam convergentes e indissociáveis.

Durante a manhã do dia 11 visitou a ampliação e projectos mais recentes da Quinta de Soalheiro, a primeira marca de vinho alvarinho de Melgaço, que aproveitou para agraciar Marcelo Rebelo de Sousa com um produto da sua mais recente parceria improvável: **Um casaco resultante da utilização de resíduos vegetais das uvas (o bagaço da uva) e de algodão orgânico,**

**que resulta num tecido que se apresenta como alternativa ao couro.**

No mesmo dia, durante a tarde, visitou ainda as instalações da Delegação de Melgaço da APPACDM [Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental], onde interagiu com os utentes do centro de reabilitação; e encerrou a agenda em Melgaço com visita ao Museu de cinema Jean-Loup Passek.

**“A riqueza do território é feita de diversidade. Aquilo que parece mais económico, é económico, social e cultural. O vinho é isso. Vinho é economia, mexe com a sociedade e é cultura. Há uma história, uma tradição e um futuro no vinho. O cinema é cultura e parece só cultura, mas é cultura e sociedade. E há a realidade social. As instituições de solidariedade social fazem a ponte entre gerações, tudo isto cria a riqueza do território”, observou o Presidente da República.**

Sobre a dinâmica visitada em torno do vinho, Marcelo Rebelo de Sousa destacou a trajectória de uma marca e de “uma família que se agrega a outras famílias e tem uma experiência partilhada com vários produtores que não deixam de ter aquilo que é seu, mas contribuem para um projecto conjunto e que vai melhorando no tempo e vai inovando ao nível do que há de melhor no

mundo para poder competir”.

“Inova nos produtos, no design, na produção, na qualidade, nas parcerias com outros produtos de indústrias da região e ao fazer isto, não só cria riqueza, difunde o nome de Portugal, como cria condições de modo sustentável, respeitando o ambiente e melhorando em matéria ambiental”, destacou.

Sobre a “ignorância” das áreas metropolitanas em relação à sub-região alto-minhota, Marcelo Rebelo de Sousa diz que a perspectiva geográfica é que tem de mudar “quando se olha para uma região muito diversa como a do Norte, feita de realidades tão diferentes como a área metropolitana do Porto, Trás-os-Montes, a área metropolitana de Braga, o distrito de Viana do Castelo”.

**“Não se resignem à ideia de que o destino de quem aqui nasce seja partir”**

“O grande drama das sub-regiões mais pobres ou mais distantes, tem no fundo uma sensação de abandono ou ignorância por parte das áreas metropolitanas. Aquela subárea mais remota, como vai ser no presente e no futuro? Geograficamente as pessoas não estão a ver bem o problema. É remota vista de Lisboa ou do Porto, mas não é se olharmos para o eixo atlântico que une o Norte do continente, o Alto Minho, e a Galiza”, notou, apontando a diversidade do turismo, a agricultura e o vigor dos “projectos de excelência” que mantêm a dinâmica da região.

Pede ainda aos jovens que “querem sempre muito mais” para que “não se resignem à ideia de que o destino de quem aqui nasce seja partir”.

Clínica  
**OSTEO+**

...onde a Osteopatia vale mais!!!



**OSTEOPATIA • OSTEOPATIA PEDIÁTRICA E OBSTETRÍCIA • SHIATSU**

Dra. Cátia Rocha • Terap. Iris Fernández

**FISIOTERAPIA:** Neurológica e Ortopédica (planos individuais e personalizados),  
Cinesiterapia Respiratória, Drenagem Linfática Manual, Kinesiotaping, Etc.

Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 MELGAÇO  
[www.osteomais.com](http://www.osteomais.com) • [clinica@osteomais.com](mailto:clinica@osteomais.com)

Tel. 251 401 078  
Tlm. 969 195 272



# “a riqueza na sua visita a Melgaço

mas também já há chegadas ao território



“Nesta era digital as pessoas circulam, mas a ideia é que, circulando, tenham condições para que, os que quiserem, regressarem, se fixarem e terem, não só emprego, como horizontes de vida”.

O presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, acompanhou Marcelo Rebelo de Sousa nesta visita ao território local.

“É uma visita que nos enobrece, traz orgulho ao município. Antes de mais, é **uma festa estarmos a re-**

**ceber o senhor Presidente da República”, considerando o autarca**, notando que os pontos de visita foram escolhidos por Marcelo, que quis conhecer o museu de cinema para “perceber as especificidades que o museu tem e como surgiu o museu dedicado ao cinema em Melgaço”.

Manoel Batista aproveitou o interesse do Chefe de Estado para lhe falar “de outros projectos” que surgiram associados a esta temática, como o MDOC – Festival Internacional de Documentário de Melgaço, que

levará a efeito em 2021 a sua 8ª edição e que “procura todos os anos juntar gente de todo o mundo e produção de todo o mundo”.

O edil manifestou ainda a Marcelo Rebelo de Sousa para que, “no âmbito da sua influência”, possa ajudar a acelerar o projecto de recuperação e ampliação da antiga Escola Primária da Vila, que servirá em parte para “albergar condignamente o espólio doado por Jean-Loup Passek, que o município quer ter condições de excelência”.

“É uma nota à tutela e a quem tem responsabilidades regionais e locais de que a aposta na cultura é importante no país e importante em regiões mais interiores do país, em municípios mais pequenos, onde porventura não seria esperado que houvesse uma aposta deste género”, sublinhou.

Sobre a necessidade de criar condições no Alto Minho para inverter a tendência de despovoamento e de partida dos jovens alto-minhotos, referida por Marcelo Rebelo de Sousa, o edil de Melgaço considera que, “sendo de partidas, já é de chegadas também. Há desafios pela frente e outras surpresas chegarão ao município”.

Já em relação à contagem de população medida pelos Censos de 2021, “não teremos surpresas” positivas em relação a 2011. “Desde [19]61, todos os municípios tem registado uma descida de população. Este censo não será excepção para o território. Tenho noção de que teremos uma quebra de população, mas temos de aguardar os dados objectivos”, frisou.

Deixe-se deslumbrar pelo encanto do nosso espaço...

## RAO Adérito

restaurante

capacidade para 250 pessoas

*casamentos • baptizados • comunhões*  
*aniversários • serviço de catering • diárias*

251 404 412 | 962 683 522 | 966 575 716  
restauranteoaderito@gmail.com  
Quinta do Pombal, 4960-330 Remoães | Melgaço

## Peso Paderne Melgaço

### Alojamento e Restauração

- Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.
- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

### BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350  
geral@hotelboavistamelgaco.com  
www.hotelboavistamelgaco.com



# Nos 75 Anos D'A Voz de Melgaço

Zé Pedro



Foi-nos feito o convite, por parte do nosso bom amigo e condiscípulo, padre Carlos Vaz, digníssimo Director do jornal "A Voz de Melgaço", para escrevermos umas palavras pelas comemorações dos setenta e cinco anos de vida do Jornal, a ocorrer logo no primeiro dia de Junho deste ano e em cuja data será a respectiva edição.

E cá estamos nós escrevendo então, e com muito gosto, e mais subida honra, pelo convite. E fazemo-lo com um certo carinho até, na medida em que deste Jornal foram os continuadores e colaboradores - e creio que componentes responsáveis dos respectivos órgãos sociais - os sacerdotes António Vaz e Júlio Vaz, de quem tivemos a honra de ser aluno nas disciplinas de Português e História.

Se as nossas bases de escrever num bom Português limpo em termos sintácticos, as devemos à nossa professora do Ensino Primário de então, a estes dois venerandos sacerdotes devemos o seu burilamento na sua componente literária, entalhando-o com esmero, zelo e formas de estilo em belas telas de criativa imaginação e sugestiva literatura. Como também à sua competência e sabedoria devemos o estímulo à análise e crítica de textos dos nossos escritores clássicos. E também devemos o despertar do dom da criatividade, como consequência da abertura do nosso raciocínio à medida que íamos "aprendendo a ler e interpretar" com esses dois sacerdotes. Dos quais, aliás, temos até livros nas estantes da nossa biblioteca.

Sobre o Jornal "A Voz de Melgaço", devemos afirmar que há muitos anos ele tem vindo a ser nossa companhia regular em todas as suas edições. Com excelentes artigos que dá gosto ler. Com parabéns a todos

os articulistas que nele colaboram, seja de forma esporádica, seja de forma continuada em todas as edições. Sejam artigos de opinião; sejam de entretenimento lúdico; sejam artigos debruçados sobre a história das freguesias e concelho e seu património românico e arqueológico. Sejam sobre ervas e plantas de medicina popular; sejam ainda temas debruçados sobre a riqueza gastronómica e produtiva nas suas diversas expressões. E temos, no Jornal, até, um espaço onde podemos acompanhar relatos das viagens que outros mais afortunados em dinheiro vão fazendo pela Europa e outros continentes e que, nós pelas imagens e bela narrativa, no nosso imaginário, conseguimos visitar.

Poderíamos resumir, em poema, esta nossa opinião sobre "A Voz de Melgaço":

És farol do Alto-Minho,  
Que de S. Gregório alumia  
Para lá do cimo de Sta Luzia.  
És som de voz que apregoa.  
Por vezes, como trovão que troa  
Das injustiças, de indignação!  
És doce, de sabor a Alvarinho  
E cheiras a rosmaninho  
E às rosas de Vila Franca!  
Brilhas no oiro da giesta  
E na filigrana dos corações  
Pendentes dos cordões



Ao peito das raparigas,  
A cantar lindas cantigas  
Nos desfiles da romaria  
Às Senhoras do Rosário e da Agonia!  
Oh!, "Voz de Melgaço!"  
Quando entras na minha casa  
Na proeza de um rasgo de golpe de asa,  
Tudo isto me trazes num ramo de flores  
Bem cheirosas,  
No regaço  
Da alegria do teu povo, mas também das dores  
Colhidas nas brandas da serra!  
A tua gente, subindo em prece, aflita,  
A encosta de Sta Rita  
Onde se queda a rezar,  
Segue, continua! De joelhos ou leda,  
A sua oração vai finalizar à Senhora da Peneda!

Da nossa parte, de tempos a tempos, foram também publicados textos comprometidos com os nossos convívios do nosso curso académico dos seminários diocesanos de Braga de 1953/1965. Assim, pelo menos uma vez por ano, vinha sendo constante a nossa colaboração "n'A Voz de Melgaço". Também como consequência de uma formação académica num curso de uma fecunda riqueza de produção literária, e científica também, diríamos, de excepção.

Devido à pandemia, o ano passado, infelizmente, este nosso convívio não foi possível. Mas temos esperança de que ainda neste já em curso, possamos voltar a esses convívios de calor humano tão salutar de confraternização, na medida em que todos (fratres sumus) somos "irmãos" unidos num abraço de alma comum, pesem embora as nossas diferentes posturas, de ideias de pensar e de agir. Somos "pluribus unum". Mas só rubros de coração!

E se não antes, cá voltaremos de novo às páginas d'A Voz de Melgaço.

Ao vosso dispor,

Zé Pedro

## Um aniversário com sapatos enlameados

João Aguiar Campos



Na Mensagem para o LV Dia Mundial das Comunicações Sociais, o Papa Francisco defendeu um jornalismo de proximidade: atento às pessoas e aos seus problemas; capaz de as encontrar nas suas circunstâncias de vida e de as ouvir; dando-lhes a palavra em vez de as afogar em palavras e palavreado... Um jornalismo que, mesmo sem os últimos meios tecnológicos, saiba o essencial: dialogar, ser peregrino da verdade e viver verticalmente perante todos os poderes. Um jornalismo assim é, normalmente, pobre de meios e qualquer apoio é migalha chorada. Mas tem a dignidade da roupa limpa, mesmo que remendada!...

Anoto que muitos dos jornais regionais afirmam a sua identidade nos próprios títulos: Voz de A ou de B; Voz daqui ou dali. Voz!...

Se estas Vozes nunca se tivessem levantado, quantos problemas seriam olímpicamente ignorados?... Quantas visitas governamentais ou parlamentares teriam acontecido?... Provavelmente, apenas em tempos eleitorais, para discursarem e distribuírem uma esferográfica, na esperança de ela escrever um voto!...

Estas questões devem ser frequentemente abordadas. Mormente em circunstâncias difíceis, quando as transformações sociais e económicas acontecem a velocidade supersónica e uma globalização desenfreada nos faz cidadãos do mundo e nos tira a nossa terra.

Não queremos, por certo, encerrar-nos em espaços geográficos e sociais restritos. Mas sem raízes andamos de lado para lado, eventualmente transportados em vasos, mas sem o húmus que ajude a desenvolver e a crescer.

Somos de alguém e de algum lado. E somo-lo onde quer que estejamos e com quem estejamos....

Penso que este "ajudar a ser" é uma das grandes e imprescindíveis tarefas da comunicação social regional ou local. Leio, por isso, com agrado, que 75 anos depois da sua criação, o jornal "Voz de Melgaço" assume, sem reticências, este papel: «Tem como especial objectivo ser elo de ligação entre os melgacenses, quer residentes na terra natal, quer espalhados pelo país e pelo estrangeiro. Quer ser para todos, como o afirmou no número inicial, "uma carta de amor, levando saudades e trazendo suspiros que nem a distância nem o tempo abafam". Embora de informação geral, do país e do estrangeiro, a primazia vai para os assuntos da terra. "O noticiário de Melgaço" ocupa o primeiro lugar».

Sublinho que ergue os olhos para o país e o mundo - mas, como elo de ligação melgacense, dá primazia aos assuntos da terra. Se não o fizesse, muitos saberiam quase de tudo de Paris ou Londres; e nada da sua terra e da sua gente!...

Já vivi longe da minha terra e mesmo no estrangeiro. Posso, pois testemunhar, a espera do correio que me levava o pequeno jornal da paróquia e quanto conversava, sobre o seu conteúdo, comigo mesmo: «Olha, fulano casou com fulana; sicrano terminou o curso universitário; há novo acesso ao lugar X; como é que o António e a Maria escolheram este nome para a criança?...».

O jornal que me chegava era tão pequeno que se

podia ler em minutos. Tinha, no entanto, uma durabilidade que a nenhum outro consentia... De facto, jornal diário que comprasse ia para o lixo ao fim do dia ou de uma viagem de comboio; mas o jornal da terra andava ali todos os dias, até que outra edição me chegasse. E era lido e relido, como um evangelho que sempre tem coisas novas nos sítios por onde passámos.

Tenho para mim que a proximidade é e será a chave da sobrevivência dos jornais regionais e locais. Proximidade física (geográfica), psicológica e afectiva.

Sim, eles são esses recantos da saudade: como os doces da avó, os enchidos ou os pratos de uma gastronomia com sabor distinto, que procuramos numa tasca que abra nos locais da nossa (e)migração. São amigos e íntimos; cordiais e simpáticos; capazes da relevância pessoal e comunitária.

No seu modo de estar é ainda mais notório que quem deseja ser laço não pode esquecer a pessoa e as suas circunstância; não pode citar generalidades e esquecer o particular, ou fechar-se às coisas simples de cada dia; não pode esgotar o tempo nas instituições e macroestruturas onde se desvanece a dimensão pessoal, ou pensar que é "cultura" citar estatísticas mas desconhecer o sujeito.

Fernando Sabater - em "Ética para amador" - assinala a necessidade de falar e de escutar os outros, pois isso é tratá-los como humanos. Àquele que não ouvimos, negamos-lhe a existência. A condição humana é, pois, uma riqueza que, a todo o custo, tem de preservar-se.

Com um abraço de parabéns, um voto: que, nos seus 75 anos, a "Voz de Melgaço" continue a erguer-se, construtiva e fiel aos seus valores, calçando sapatos enlameados!...



# José Fernandes – Gave / Braga

Carlos Nuno

Na madrugada de 1 de Junho, no Hospital de Braga, faleceu o nosso conterrâneo, amigo e prezado assinante Dr. José Fernandes, de 74 anos de idade, natural da freguesia da Gave, mas viver em Braga desde os tempos de estudante, primeiro nos Seminários de Braga e depois da universidade, vindo a ser professor de Português e História na Escola pública, sobretudo a Francisco Sanches, em Braga, e também no Seminário da mesma cidade.

Era casado com a D.ra Rosa de Oliveira Lemos Fernandes, professora igualmente na Escola Pública, com quem teve três filhos: o Carlos e o Filipe, casados, professores de Físico-Químicas, e o Miguel Ângelo, também casado e exercendo como Advogado. Dos três casamentos resultaram 5 netas, que eram o enlevo do enamorado avô.

Há pouco mais de um ano atingiu-o doença grave de que viria a falecer, tendo sempre contado com a presença e companhia de sua dedicada esposa, filhos, noras e netas, além de um nutrido grupo de amigos que sempre com ele conviveram ao longo dos anos.

Por vontade expressa do José Fernandes, a missa exequial de corpo presente foi na Igreja da Senhora-a

-Branca, no dia 2 de Junho, às 11,30. Foi presidida pelo padre Carlos Vaz, Reitor da mesma Igreja e amigo do falecido, e concelebrada por seu irmão Dr. Júlio Vaz, que dirigiu os cânticos, e mais 5 sacerdotes, entre eles um colega de Seminário, o padre Fernando Azevedo, que foi pároco da Vila das Aves durante muitos anos, pelo Cônego Mário Martins, actual Reitor do Seminário de Nossa Senhora da Conceição e antigo aluno do Dr. José Fernandes, e ainda o padre Manuel Alves, pároco de Regadas e mais 4 paróquias no arciprestado de Fafe, e os padres Albano Costa, tio e sobrinho, dadas as ligações familiares pelo lado da esposa do filho Dr. Carlos, casado com uma irmã do padre Albano, pároco de Rossas e mais 3 paróquias em Vieira do Minho, de cujo arciprestado é também arcipreste. O tio, com o mesmo nome, é pároco em várias paróquias de Celorico de Basto e também arcipreste. Foram eles os dois que acompanharam o féretro até ao Tanatório de Braga onde, findos os ritos sagrados, foi cremado.

Apesar dos receios de contágio que esta pandemia em todos tem lançado, foram muitos os que marcaram presença amiga para participarem nos actos de louvor e sufrágio, sobretudo na Eucaristia, e apresentarem tam-

bém os sentimentos e pêsames à esposa, filhos, noras, netas e demais família.

O Dr. José Fernandes tinha um especial carinho pela «Voz de Melgaço» e, viemos a sabê-lo, agora, também pela Igreja da Senhora-a -Branca e os sacerdotes por ela responsáveis.

Cremos que o seu desejo foi plenamente assumido na celebração. Com ela lhe quisemos prestar também a nossa sentida homenagem, agradecendo a Deus tudo quanto de bom e de bem operou na sua vida, e elevando também preces ao Deus da Misericórdia e do Amor para que lhe tenha já perdoado as faltas que, pela fragilidade humana, tenha cometido.

**Descansa em paz, bom e caro Amigo!**



## Quinta do Hospital lança vinhos com referência histórica às origens da portugalidade

João Martinho

A *Falua*, na *Quinta do Hospital* (Ceivães, Monção), acaba de lançar os vinhos verdes *Barão do Hospital Alvarinho 2020* e *Loureiro 2020*, afirmando uma nova marca na Região dos Vinhos que recupera a história e as origens da portugalidade com assinatura da enóloga Antonina Barbosa.

A Quinta do Hospital, com uma área total de 25 hectares, 10 dos quais dedicados em exclusivo à casta Alvarinho, dá origem a colheitas que definem a sub-Região de Monção e Melgaço na mais autêntica expressão do terroir.

O *Barão do Hospital Alvarinho 2020* é um embaixador dos solos graníticos que se expressam na irreverente mineralidade em harmonia com *nuances* florais, aromas de fruta branca e alguns citrinos.

Revela-se elegante, intenso e de grande complexidade ao mesmo tempo que se assume estruturado, com uma acidez viva e bem integrada e um longo final de boca com nota especiada, ideal para acompanhar pratos de peixe e mariscos, carnes de aves e alguns queijos e



enchidos. Adquirida recentemente pela *Falua*, a *Quinta do Hospital* localiza-se na freguesia de Ceivães, dominando a estrada nacional no extremo nascente da localidade de Valinha, num dos maiores e mais impactantes vales do Minho.

enchidos.

Uma propriedade totalmente murada com uma casa senhoria – o *Solar do Hospital* – com fachada brasonada do século XVI, testemunha o **legado que remonta ao século XII, período**

da História em que D. Teresa terá doado as terras à Ordem Hospitalária de São João de Jerusalém ou Ordem do Hospital, para que os Hospitalários se instalassem no Condado Portucalense.

“A *Quinta do Hospital* cumpre a estratégia de expansão da *Falua* a outras Regiões Demarcadas, ao mesmo tempo que sublinha a escolha da sub-Região de Monção e Melgaço pela identidade e autenticidade que pretendemos para a operação de viticultura e produção de vinhos do Grupo. **Estamos num território que se destaca pela produção de vinhos brancos de excelência e que reúne características distintivas dentro e fora da Região dos Vinhos Verdes, para além de termos o privilégio de preservar e promover a história deste local, que faz parte da História da nacionalidade portuguesa**”, refere a Administração da *Falua*.

**Detida pelo Grupo Roullier, a *Falua*** conta com 25 anos de actividade no sector. O investimento na *Quinta do Hospital* cumpre o objectivo de potenciar todas as actividades do *Grupo Roullier* em Portugal, em particular na actividade da *Falua* nas áreas de viticultura e enologia.



Cartório Notarial  
de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o **251 096 297** e o e-mail é **cnmelgaco@gmail.com**.

### MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215  
4960-568 Melgaço  
Telf. 251404031 / 933291437  
rui.malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL

TRANQUILIDADE



ZURICH

Urb. Quinta das Andorinhas, 83  
4950-855 Monção  
Telf. 251653224 / 933291437  
malheiro.seguros@gmail.com



ALVARINHO  
*Casa do Cerdedo*  
a escolha certa dos mais entendidos

Aroma, cor, paladar...  
Qual ressaltar eu não sei,  
Poís em qualquer atributo  
*Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com  
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695  
Tel: 251 825 341 / 251 402 138



**AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA**

**Maria Júlia Domingues Prado** - Melgaço | 79 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Andrés Rey Gonzalez Barata** - S. Paio | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Manuel Anselmo Pereira Felgueiras** - Penso | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Helena Besteiro de Pina Canda** - Alvaredo | 72 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Maria Celeste Pereira Dantas Portocarreiro** - Fiães | 75 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**CFAM Internacional Funerária (Vilarinho)**

**Leonilda da Glória de Melo Roussas** - Melgaço | 97 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Maria do Rosário Domingues Tortim** - Cristóval | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Casimiro Sousa Sousa Falagueiras** - C.Laboreiro | 66 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Amândio José Pinto Araújo São Paio** - Melgaço | 72 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



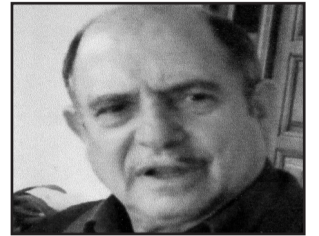
**Maria de Lurdes G. Fernandes Portela** - Paderne | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA**

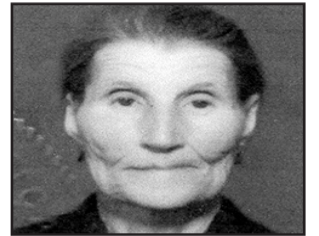
**Dioclécio Rodrigues Rodeiro** - C.Laboreiro | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Maria Fernandes Pomares** - Paderne | 94 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



## Uma foto para a História

Padre Júlio com 'Ti Marto' pai dos videntes Jacinto e Francisco, pastorinhos, hoje santos.

Vem no jornal de 15 de Março de 1957 e refere o falecimento de 'Ti Marto' poucas semanas antes.

Fátima cumpria então 40 anos e o padre Júlio mais um, pois nasceu em 1916.

Perante aquele Homem de Deus, que vivia pobre e tinha de trabalhar duro para conseguir o sustento de cada dia para si e a família, mas que não aceitava dádivas de quem o visitava, comentava uma das pessoas que acompanhava o padre Júlio: «Quem me dera ter esta riqueza: humildade, piedade e virtude»



# Leonilda da Glória de Melo

13 de Agosto 1923 – 15 de Maio 2021

**F A L E C E U**

Casada com Artur Lourenço, ficou viúva, aos 25 anos, com um filho de 2 anos e uma filha para nascer. Ficando a viver com o avô e uma tia do marido, foi admirada, por todos os vizinhos, a forma como os tratou. No lugar, onde viveu, cerca de 70 anos, era efectivamente, o elo de ligação. Na Páscoa, julgo que vinham todos os vizinhos a casa dela. Como a sala era pequena, a maioria ficava fora à espera que a cruz e os seus acompanhantes, saíssem, para entrarem, beijá-la a ela. Quando tinha 80 anos, sofreu uma cirurgia, no Hospital de Viana do Castelo, ficando internada 40 dias e, como não aguentava comer a comida do Hospital, eu ia todos os dias, de Braga levar-lhe a comida feita na minha casa, pelo que verificava, as visitas e o carinho, com que todos os vizinhos, a saudavam mas, a que mais me sensibilizou, foi a vizinha Lurdes Rodrigues. Com efeito, sabendo eu, que ela havia sofrido recentemente uma cirurgia, estando ainda, com os pontos, aconselhei-a a ser mais prudente e não se aventurar a pegar no carro, para uma viagem de mais de 200 km, na situação em que se encontrava e a resposta, foi a seguinte: -“EU TINHA DE VIR VISITAR A SENHORA LEONILDA.” Amável Lurdes, não só por isto, mas também, pelo que, junta-



mente com teu pai e irmão, o apoio que lhe prestaram, vários anos, segundo ela me contava, teu pai, sempre que passava por baixo da janela e era todos os dias, chamava, para saber se ela estava bem, desejo que tudo te corra bem, de acordo, com o teu desejo, que bem mereces. Efectivamente, a Leonilda, quer nas relações com a sociedade, quer com a sua condição de Cristã, era de uma conduta, verdadeiramente, exemplar. Com os irmãos, pode-se dizer, que era como se fosse uma segunda mãe, dado o respeito, que todos lhe tínhamos, não obstante, ser bem conhecida a tendência, que por mim sentia, facto que eu considero ser derivado à diferença das idades, entre eu e ela, 9 anos. Com efeito, quando eu nasci, ela tinha 9 anos, o que, segundo a mãe me contava, já confiava nela, para tomar conta de mim, ou seja, eu sempre fui o menino dela. Mas hoje, apesar de eu não ser o irmão mais velho nem o mais novo, sou o único irmão e compadre, sou o único tio padrinho e compadre, da filha e tio e padrinho do neto. Deixa 2 filhos, 5 netos e 7 bisnetos.

DESCANSA EM PAZ

O irmão Arménio

**«Numa altura tão dura em que somos privados de acompanhar pessoalmente os nossos amigos na dor da perda de um ser querido, aqui nos fazemos eco dos sentimentos de todos quantos fazem com que a ausência imposta legalmente seja vencida pela proximidade de uma presença em página impressa que dá a conhecer a muitos e permite que nos unamos em oração agradecida por quantos esperamos estejam já nos braços do Pai, e pelos familiares para que consigam superar momentos tão difíceis».**



# Passeio à Branda da Aveleira/Gave e visita à Senhora da Peneda

Júlio Domingues

O senhor Rafael Capela, livreiro, dedicado a livros antigos, estabelecido nesta nossa Vila Praia de Âncora, organizou mais uma vez um passeio cultural acompanhado com a devida gastronomia do Alto Minho, com os amigos desta Vila Piscatória, que a todos oferece orgulho, com cerca de quatro dezenas de pessoas e, como não podia deixar de ser, acompanhados d'alguns Melgacenses, muitos deles a viverem entre nós.

Tudo devidamente programado, optou-se pela ementa do Brandeiro, na Branda da Aveleira, que fica como se sabe na linda e hospitaleira Freguesia da Gave, local onde habitam ainda hoje, pessoas cuja origem era Braga, e esquecemos a carne Cachena, que, diga-se com verdade, é um prato fabuloso.

Todos bem repastados, alegres e bem dispostos, o nosso Paulino – caravanista de gema e conhecedor do mundo, acompanhado da esposa em espírito, fizeram questão de dar os parabéns à dona Gabriela, cozinheira, pelos seus saberes e sabores que proporcionou ao grupo.

Como não podia deixar de ser, tivemos a fotografia do grupo participante frente ao Brandeiro, e acompanhados pelo senhor Agostinho, proprietário do restaurante, bem como o professor J. Rodrigues Lima, sua esposa dona Amélia de Chaviães, que pugna há muitos anos pela divulgação do dia do Brandeiro, terra bem conhecida pelas suas casas restauradas e sensibilizada fortemente para o Turismo.

O grupo, em autocarro, entrou nos limites de Melgaço, observou a adega dos vinhos Soalheiro – e agora com produção de Alvarinho na Aveleira. Admiramos o castelo das Murallas de Melgaço, muito bem conservado e seguimos para Lamas de Mouro, uma das entradas do PN da Peneda/ Gerês onde nasce o Rio Mouro de águas cristalinas, o desenvolvimento na área das energias eólicas e de seguida alegramo-nos com os montes do Pedrinho em Arcos de Valdevez, todo o vale nascente do Rio Vez e neste local pudemos respirar o ar puro da zona, pois até estava um lindo dia e de temperaturas altamente agradáveis.



Dando brilho ao grupo, pretendendo mostrar a alegria e boa disposição que reinava em todos os elementos, pudemos registar com belas imagens de fotografia do profissional Berto (Biandota) o evento, tendo ainda a presença do veterano da guerra do Ultramar, de engenharia (3530), senhor Antunes.

Finalmente seguimos para a visita a Nossa Senhora da Peneda, com passagem pelo “Lagarto”, Gaveira/Tibo com os seus mil e duzentos metros de altitude, Soajo e Lindoso com as suas barragens e montanhas de cortar a respiração e para maravilhar a paisagem, com as respectivas cabeças de gado que tranquilamente se pastoreavam.

Esperamos mais iniciativas do Género, e programas que visem a convivência e a fraternidade e, sem esquecer, pedir a Deus que dê saúde e vida, para que estes acontecimentos saudáveis e fraternos se programem. E a alegria entre todos os presentes, muitos acompanhados das suas caras metades, também se fez sentir, entre os simpatizantes do Benfica.... e do Sporting...este ano bem disputado..

Em conversa informal com o Professor JRLima, o Homem que muito tem divulgado os Usos e Costumes da Branda da Aveleira, agora com as suas Casas Rurais - TU-



RISMO DE HABITAÇÃO - há muitos anos, que se nota que os 3 acessos desde a estrada camarária ao Santuário, podiam e deviam ter umas frondosas árvores (carvalhos, videiros, castanheiros...).

A Quinta Soalheiro / MELGAÇO, , uma vez que possui uma plantação de vinha na Branda da Aveleira, que foi uma grande aventura, poderia disponibilizar os seus Vinhos, no Restaurane O Brandeiro.

Valeu o enriquecimento do texto, o bom amigo e veterano nas escritas “DE ALDEIA..”. senhor Artur Soares, oriundo da Gave e a residir na linda Cidade de Braga..

“Um brandeiro”..

CONFRARIA DOS MELGACENSES EM VILA PRAIA DE ANCORA:

Recebemos a oferta do Artista QUIM BARREIROS, do CD - 50 ANOS - recentemente editado, que muito agradecemos..

Aguardamos uma melhor ocasião, para o nosso Almoço/Convívio anual..seguinte os Jogos de A PETANCA,... nos terrenos do Campo do Castelo, com os conterrâneos António Táboas e Adriano Gonçalves, de A.Valdevez..



CARTÓRIO  
NOTARIAL  
DE MONÇÃO

CÁTIA SOFIA DE CARVALHO  
CORREIA MAGALHÃES GRANCHO

«A Voz de Melgaço» 01/05/2021  
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO NARRATIVAMENTE, para efeitos de publicação, que por escritura de Justificação Notarial outorgada no dia quatro de Abril de dois mil e sete, exarada de folhas noventa e nove a folhas cento e dois do Livro de Notas para Escrituras Diversas número cinco – E, JOSÉ ANTÓNIO RODRIGUES, natural da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, casados sob o regime de comunhão geral de bens ambos residentes no lugar de Portela, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, declararam serem donos e legítimos possuidores, dos seguintes bens imóveis:

SITUADOS NO FREGUESIA DE PADERNE DO CONCELHO DE MELGAÇO:

#### VERBA UM

Prédio rústico, denominado “Quintal”, de cultura arvensa de regadio e vinha em ramada, sito no lugar da Portela, com a área de trezentos e setenta metros quadrados, a confrontar a Norte e Poente com José Lobato, a Sul com Alexandrina da Glória Vaz e a Nascente com estrada camarária, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 1328.

#### VERBA DOIS

Prédio rústico, denominado

“Talho”, de pastagem, sito no lugar de Sainde, com a área de cento e oitenta metros quadrados, a confrontar a Norte com Luís Cândido Fernandes, a Sul com Rosa Branca da Costa, a Nascente com Maria Rosa Lourenço e a Poente com António de Pinho Gonçalves, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 5315.

#### VERBA TRÊS

Prédio rústico, denominado “Fulão”, de pastagem, sito no lugar do Pinheiro, com a área de cento e noventa metros quadrados, a confrontar a Norte e Nascente com Adelino Vieites, a Sul com Manuel Bento Fernandes e a Poente com caminho público, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 5349.

#### VERBA QUATRO

Prédio rústico, denominado “Cernadas”, de pinhal e mato, sito no lugar de Sainde, com a área de mil e quatrocentos metros quadrados, a confrontar a Norte com Manuel Fernandes, a Sul e Poente com Albano de Jesus Ferreira e a Nascente com caminho público, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 5380.

#### VERBA CINCO

Prédio rústico, denominado “Grela”, de cultura arvensa de regadio, sito no lugar de Longarilha, com a área de quatrocentos e oitenta metros quadrados, a confrontar a Norte com caminho público, a Sul e Poente com António Lourenço e a Nascente com Isaura Lourenço, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 5603.

#### VERBA SEIS

Prédio rústico, denominado “Afermentada”, de pinhal e mato, sito no lugar de Penelas, com a área de novecentos metros quadrados, a confrontar a Norte, Sul,

Nascente e a Poente com António Lourenço, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 5939.

#### VERBA SETE

Prédio rústico, denominado “Bouças”, de pinhal e mato, sito no lugar da Longarilha, com a área de dois mil e quatrocentos metros quadrados, a confrontar a Norte com Manuel José de Castro, a Sul com Libânia de Sousa Lobato, a Nascente com caminho Público e a Poente com limite da freguesia, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 6102.

#### VERBA OITO

Prédio rústico, denominado “Monte do Queirão”, de pinhal e mato, sito no lugar da Longarilha, com a área de mil e seiscentos metros quadrados, a confrontar a Norte com Ondina de Carvalho, a Sul com Armando Victoriano Dias, a Nascente com Abel Pires e a Poente com Felizardo Dias de Sousa, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 6262.

#### VERBA NOVE

Prédio rústico, denominado “Urzal”, de pinhal e mato, sito no lugar de Sainde, com a área de trezentos e noventa metros quadrados, a confrontar a Norte com Eduardo Pires, a Sul com Hortênsia de Araújo, a Nascente com Maria Helena de Castro Gomes e a Poente com Benezinda de Jesus Rodrigues, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 6470.

#### VERBA DEZ

Prédio rústico, denominado “Campo da Veiga”, de vinha alvarinho, sito no lugar de Além, com a área de mil e trezentos metros quadrados, a confrontar a Norte com Manuel da Rosa, a Sul com caminho, a Nascente com António de Jesus Louren-

ço e outros e a Poente com José Luís Rodrigues, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 7659.

#### VERBA ONZE

Prédio rústico, denominado “Olheiro”, cultura arvensa de regadio e vinha em ramada, sito no lugar de Midão, com a área de dois mil e quinhentos metros quadrados, a confrontar a Norte com José Lobato, a Sul com José Gonçalves, a Nascente com Alexandrina Vaz e a Poente com Rosa Costa, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 7913.

Que estes prédios não se encontram descritos na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e que, não obstante a inexistência de qualquer título formal que comprove o seu direito, vieram à sua posse e fruição, no ano de mil novecentos e setenta e seis por doação verbal, que nunca foi devidamente formalizada que lhes foi efectuada pelos pais do justificante marido: Manuel Joaquim Rodrigues e mulher Maria do Rosário de Sousa Lobato, residentes que foram no lugar de Penelas, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço.

Que desde aquela data, entraram na posse e fruição dos referidos prédios, em nome próprio, que reiteradamente têm exercido, até à presente data, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente e à vista de toda a gente, agindo com o ânimo e a forma correspondente ao pleno exercício do direito de propriedade.

Que, assim, tendo exercido sobre aqueles prédios, em nome próprio, uma posse pública, pacífica e contínua, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela usucapião, que invocam na impossibilidade de comprovar o referido domínio

e posse por outros meios extrajudiciais.

É certidão narrativa sob a forma de extracto, que vai conforme o original na parte reproduzida.

Monção, treze de Maio de dois mil e vinte e um.

A Notária, Cátia Sofia de Carvalho Correia Magalhães e Grancho.



CARTÓRIO  
NOTARIAL  
DE MONÇÃO

CÁTIA SOFIA DE CARVALHO  
CORREIA MAGALHÃES GRANCHO

«A Voz de Melgaço» 01/05/2021  
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO NARRATIVAMENTE, para efeitos de publicação, que por escritura de Justificação Notarial outorgada no dia vinte e quatro de Maio de dois mil e vinte e um, exarada de folhas noventa e quatro a folhas noventa e um verso, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número duzentos e vinte e um – E, SANDRINE VERÓNICA BERNARDES, solteira, maior, natural de França, de nacionalidade Portuguesa, residente na Urbanização Quinta das Andorinhas, Bloco V, primeiro andar esquerdo, União de Freguesias de Mazedo e Cortes, concelho de Monção, declarou ser dona e legítima possuidora, do seguinte bem imóvel.

Prédio urbano sito no lugar de Telhada Pequena, freguesia de Penso, concelho de Melgaço, composto de casa com três pavimentos, com a área de cento e doze metros quadrados, a con-

frontar a norte, sul, nascente e poente com Fernando Bernardes, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 529, a favor de Fernando Bernardes, com o valor patrimonial tributário de cinquenta e dois mil e cem euros, igual ao atribuído.

Que este prédio veio à sua posse e fruição no ano de dois mil, por doação verbal, que nunca foi devidamente formalizada, que lhe foi efectuada por seus pais, Fernando Bernardes e mulher, Christiane Irene Valentim, residentes no lugar de Telhada Pequena, freguesia de Penso, concelho de Melgaço.

Que desde aquela data, entrou na posse e fruição do referido prédio, ocupando-o e habitando-o, nele fazendo obras de manutenção quando necessárias, aproveitando as suas utilidades, pagando as contribuições fiscais e suportando os demais encargos e despesas de fruição, ostensivamente e à vista de todos, em nome próprio, que reiteradamente tem exercido, até à presente data, com reconhecimento como sua dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, agindo assim com o ânimo e a forma correspondentes ao pleno exercício do direito de propriedade.

Que, assim, tendo exercido sobre aquele prédio, em nome próprio, uma posse pública, pacífica e contínua, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela usucapião, que invoca na impossibilidade de comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

É certidão narrativa sob a forma de extracto, que vai conforme o original na parte reproduzida.

Monção, vinte e quatro de Maio de dois mil e vinte e um.

A Notária, Cátia Sofia de Carvalho Correia Magalhães e Grancho.



# Autárquicas 2021 – PSD: José Passos Rodrigo quer captar empresas capazes de pagar “patamar salarial superior”

Secretário-Geral do PSD “surpreendido” com o ‘sim’ de um candidato que não era sequer militante

João Martinho



O Partido Social Democrata apresentou, no dia 22 de Maio, o seu candidato que vai liderar a lista candidata à Câmara Municipal de Melgaço nas Autárquicas 2021.

José Passos Rodrigo, de 66 anos de idade, natural de Vila Nova de Gaia, a residir em Melgaço há cerca de uma década, já exerceu funções de direcção e administração em várias empresas do país, é analista económico e financeiro e consultor empresarial.

O seu *know-how* no sector empresarial será uma das peças fortes para a disputa à Câmara melgacense e terá estado na génese do convite da reactivada estrutura de Melgaço do PSD, agora em comissão administrativa representada por Manuel Fernandes – cujas motivações para o regresso destacamos em entrevista publicada na edição de 1 de Maio deste jornal – Manuel Rodrigues e Manuel Reinales.

Na abertura da sessão de apresentação, Manuel Fernandes apelou à mobilização popular em torno da discussão política que atingirá o seu corolário em Setembro ou Outubro deste ano.

“O mais confortável seria ficar em casa, de braços cruzados, a ver a novela, o futebol ou um bom filme, mas a questão que deve ser colocada é se temos o direito de ver a nossa casa colectiva a desabar e nada fazer por ela. Os nossos filhos e netos não nos perdoariam nunca o nosso conformismo”, frisou, antes de fazer uma pausa no seu discurso para ‘arriscar’ um abraço de apoio a José Passos Rodrigo.

Em defesa das novas vozes e em representação dos “filhos e netos” Alto-Minhoto nesta acção social-democrata, o presidente da Juventude Social Democrata do distrito de Viana do Castelo, José Lago, recomendou aos dirigentes do partido no distrito que, mais do que “pôr os jovens como prioridade no programa, é pôr os jovens como prioridade na candidatura”.

José Lago instou os responsáveis pelas campanhas em cada concelho a **“apostarem na juventude, mas não no clássico do PSD, abanar a bandeira e limpar o pó. Os jovens de hoje em dia querem tomar parte, fazer parte dos projectos. Não deixem para amanhã o que nós podemos fazer hoje”**, ressaltou.

José Passos Rodrigo apresentará em breve o plano estratégico e lista que o acompanhará na corrida autárquica, mas assume, em declarações ao jornal “A Voz de Melgaço”, a pretensão em dinamizar a criação de tecido empresarial com posicionamento “elevado” no mercado de emprego.

**“O objecto principal é criação de empresas, o objectivo é a fixação de pessoas no território. Sem empresas não há empregos. Mas essas empresas terão de ser de um patamar salarial bastante superior aquilo que hoje existe. Estamos convencidos de que, dentro das características únicas existentes no concelho, poderemos vender bem as ideias e estimular os investimentos nacionais e estrangeiros, a nível do industrial e serviços, a serem implantados cá”**, indicou.

Sobre a validade estratégica para uma empresa com eventual descentralização, José Passos Rodrigo nota que a fixação de empresas no interior é já uma transição em curso, não só porque “a costa litoral está saturadíssima”, mas pela oferta de melhores condições de vida que as localidades fora dos grandes centros metropolitanos permitem.

“As empresas estarão, dentro das condições que

poderão ser oferecidas pelas autarquias, com os incentivos e outras condições, motivadas a fixar-se. Somos um concelho transfronteiriço, temos uma belíssima relação com a Galiza e há empresas que estão interessadíssimas em criar cá. Há condições mais favoráveis para se poderem fixar e é esse trabalho que tem de ser feito”, reiterou o candidato, disponibilizando-se para se “distribuir” entre a gestão autárquica e a cativação de investimento e instalação empresarial que preconiza.

Contudo, além da captação de empresas de sectores mais “elevados”, José Passos Rodrigo diz que a qualificação dos recursos locais terá de acompanhar essa tendência do mercado de emprego. “Não chega ter empresas no local, é necessário dar qualificação às pessoas”.

**José Silvano, Secretário-Geral do PSD**, apadrinhou a candidatura de José Passos Rodrigo, agora oficialmente apresentada à comunidade melgacense na sessão que contou também com a presença de representantes distritais e os deputados do PSD à Assembleia da República pelo círculo eleitoral de Viana do Castelo.

**“Às vezes não vamos buscar os melhores candidatos porque temos sempre a mania de que tem de ser um militante do PSD e nem sempre isso coincide. Isto não é nenhuma menoridade para os militantes, é antes a superioridade de reconhecer que há outros, noutras circunstâncias, que tem mais possibilidades do que nós”, reconheceu José Silvano, manifestando surpresa com o ‘sim’ de José Passos Rodrigo ao convite feito pela concelhia melgacense, uma vez que o agora candidato não era sequer, até ao mês transacto, militante do partido.**

“Não há melhor candidato em Melgaço para ganhar a Câmara, onde o principal desafio é criar emprego. Parar criar emprego tem de haver empresas, porque isto do emprego público é tudo uma treta, dá para meia dúzia dos que estão à volta daquela e das suas famílias, não dá para mais ninguém. Tem de ser as empresas a criar os postos de trabalho para que eles possam ser sustentáveis. Para que o concelho tenha desenvolvimento económico, não há mais ninguém que tenha tanta sensibilidade como uma pessoa que é consultor de empresas privadas. Sabe o que é preciso fazer para pagar os postos de trabalho que cria e não está à espera de subsídios de Estado para os poder pagar”, destacou José Silvano.





# Festa do Alvarinho e do Fumeiro 2021

“Arriscamos. Temos de somar à tradição esta nova forma de fazer as coisas”

João Martinho



Ao longo de dois fins-de-semana, de 7 a 9 e de 14 a 16 de Maio, a edição de 2021 da Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço promoveu em acção conjunta os vinhos e os produtos locais, em rota de sabores de que assinalou pelo segundo ano consecutivo, devido às limitações da pandemia Covid-19, uma nova forma de experimentar o terroir de Monção e Melgaço.

O “pórtico” de entrada para os produtos da sub-região esteve instalado no Largo Hermenegildo Solheiro, em frente à Câmara Municipal de Melgaço, mas o modelo “forçado” pelas circunstâncias promoveu a dispersão do público pelos restaurantes, alojamento e produtores locais.

À tradicional venda presencial, na tenda montada na praça, os produtores aderentes à iniciativa somaram novas formas de escoar os seus produtos, como a loja ou espaço de cada um dos produtores, promovidos em rota enoturística e gastronómica ou ainda através das plataformas online.

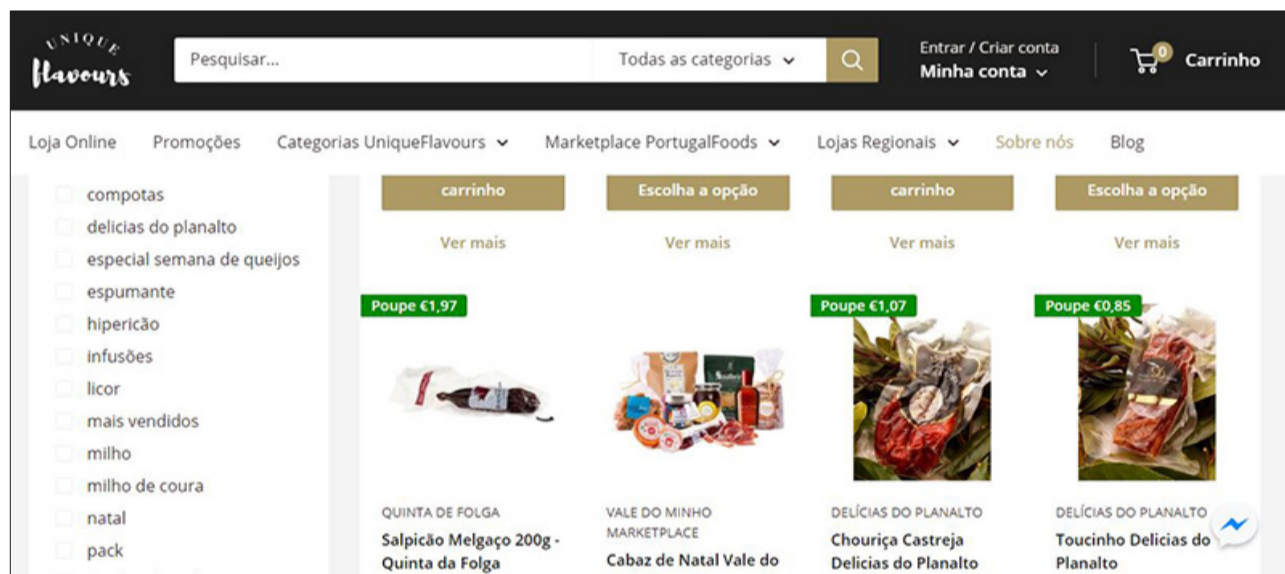
Assim, para os entusiastas dos produtos locais que não puderam deslocar-se ao território, é possível construir um cabaz personalizado de produtos através da Loja Regional dedicada ao Vale do Minho, no site Unique Flavours (ainda disponível, veja neste texto do que se trata e do que é possível comprar através deste site); e no site onwine.pt (da Revista de Vinhos).

“Arriscámos. Houve momentos em que tive receio que este modelo, que já tínhamos pensado para a Festa

do Espumante e tivemos que abortar; tivéssemos que abortar esta festa também, mas a verdade é que temos condições para isso. Não tenho receio das críticas que possam acontecer. Quando se fazem coisas, estamos sujeitos a análise”, observou o presidente da Câmara Municipal de Melgaço em declarações a este jornal, no primeiro dia do evento.

“em cada um dos restaurantes assinalados”, procurando fomentar a economia nos diversos sectores e serviços que trabalham dentro e fora de portas.

**O mercado digital veio para ficar, também nos produtos locais: Vale do Minho Marketplace promove ‘banca’ comum onde cabem seis municípios**



O novo “modelo virtuoso” da festa não substituirá a tradição e dinâmica de presença de público em prática até 2019, mas o autarca pretende que esta complementaridade permaneça no futuro, quando a ‘nova normalidade’ for restabelecida.

“Esta experiência, ainda que forçada, será para ficar. Não significa que não retomemos aquela que era a tradição, mas temos de somar à tradição esta nova forma de fazer as coisas, esta ligação ao território e aos produtores”, reforçou.

A festa que assinalou o evento aconteceu também

Lançado em Dezembro de 2020, em parceria com os seis municípios do Vale do Minho, a região tem no projecto digital VALE DO MINHO MARKETPLACE [em <https://uflavours.com/collections/vale-do-minho-marketplace>] uma banca de produtos que divulga a singularidade da região sob as mais diversas formas de prova.

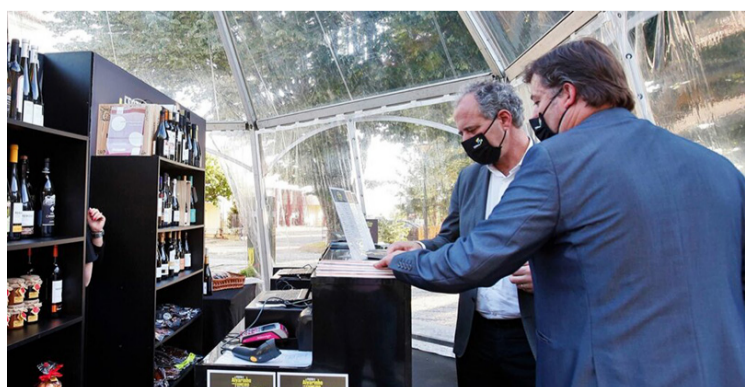
A ADRIMINHO – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho criou esta via digital visando contribuir para a agilização

do escoamento dos produtos locais dos seis concelhos, associando-se à plataforma digital Unique Flavours, a partir da qual qualquer consumidor, de forma simples, com conforto e em segurança, poderá encomendar produtos autênticos do Vale do Minho.

A montra está em constante actualização e tem vindo a ser inseridos novos produtos na plataforma, contudo, a associação promotora tem procurado mobilizar o maior número de produtos e produtores representativos do território do Vale do Minho.

No âmbito do VALE DO MINHO MARKETPLACE, e num período em que não se realizam os eventos locais de excelência, ao longo do qual a restauração tem sofrido um forte impacto negativo e o turismo tem registado uma quebra significativa, a ADRIMINHO coloca à disposição do território este conceito de Loja Vale do Minho, procurando contribuir desta forma para a geração de rendimento alternativo aos produtores locais.

Produtores do Vale do Minho aderentes ao marketplace, até Maio de 2021: Delícias do Planalto, Quinta da Folga, Prados de Melgaço, Quinta de Soalheiro, Melgaço em Sabores, Bruno Afonso, Casa da Assureira, Arminda Ribas, Casa da Portela, As Rosqueiras de Monção e Decanter do Vinho.





# 50 anos do PNPG: Há concertação na co-gestão e “maturidade” no projecto, mas ainda é o ‘sapo’ que o Governo não beijou

João Martinho

No dia 8 de Maio, Dia do Parque, que assinala a data da criação do Parque Nacional da Peneda-Gerês, teve lugar na Porta de Lamas de Mouro a sessão das Jornadas “História, Conhecimento e Património”, que encerraram as comemorações do 50º aniversário do Parque Nacional da Peneda-Gerês.

A criação do PNPG remonta ao início dos anos 70, com inauguração ocorrida a 11 de Outubro de 1970, em cerimónia realizada na Portela de Leonte, concelho de Terras de Bouro, pelo então Presidente da República Almirante Américo Tomás. Contudo, a oficialização do Parque Nacional da Peneda-Gerês só viria a 8 de Maio de 1971, através da publicação do Decreto n.º 187/71, de 8 de Maio.

As Jornadas “História, Conhecimento e Património” ocorridas em Lamas de Mouro contaram com a presença do presidente do Conselho Directivo do ICNF, Nuno Banza, do presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista e do Presidente da Comissão de Co-gestão do Parque Nacional Peneda-Gerês e presidente da Câmara Municipal dos Arcos de Valdevez, João Manuel Esteves.

Sobre a data que se assinalou na Porta de Lamas de Mouro, o autarca de Melgaço defende que a co-gestão com participação dos municípios é “o caminho certo”, considerando que os 50 anos no PNPG são de “maturidade para saber o que queremos”.

Em declarações a este jornal, Manoel Batista assume que o modelo de gestão do ICNF “tem sido bastante

mais aberto do que tradicionalmente era”, mas preconiza uma série de ajustes que **permitam “mais dinâmica económica e social” que não espartilhe o investimento privado em sectores em tendência crescente, como a hotelaria, equipamentos turísticos, produtos locais ou a pecuária destinada à produção de carne, com origem no Parque.**

“Queremos que os instrumentos de gestão que temos, e podemos melhorar, acaulem a possibilidade do investimento privado para renovarmos a economia e podermos criar condições de sustentabilidade e fixação de pessoas. No investimento público, para olharmos a reabilitação urbana e o espaço público”, atentou.

O edil de Melgaço defende a dotação financeira de um programa de apoios ao investimento privado e publico que promova uma reabilitação concertada das aldeias do PNPG que torne esta renovação mais equilibrada na paisagem e, por via deste estímulo, repovoar as casas vazias.



“Estamos neste momento a desenvolver um plano de pormenor para Castro Laboreiro que, com certeza, nos dará indicações sobre qual poderá ser o investimento público na zona urbana, mas precisamos de ferramenta financeira para pôr este investimento no terreno. Precisamos de apoio público ao investimento privado. Faz todo o sentido que haja um instrumento financeiro para a reabilitação da habitação no Parque Nacional. Falando de Castro Laboreiro e de Lamas de Mouro, há muitas casas que neste momento estão vazias e podem perfeitamente ter enorme potencial para serem reabilitadas para ocupação turística ou para quem queira residir naquelas zonas. Precisamos de um instrumento que ajude as aldeias do PNPG, dos cinco municípios, a serem capazes de promover a reabilitação”, reforçou Manoel Batista.

“Estamos neste momento a desenvolver um plano de pormenor para Castro Laboreiro que, com certeza, nos dará indicações sobre qual poderá ser o investimento público na zona urbana, mas precisamos de ferramenta financeira para pôr este investimento no terreno. Precisamos de apoio público ao investimento privado. Faz todo o sentido que haja um instrumento financeiro para a reabilitação da habitação no Parque Nacional. Falando de Castro Laboreiro e de Lamas de Mouro, há muitas casas que neste momento estão vazias e podem perfeitamente ter enorme potencial para serem reabilitadas para ocupação turística ou para quem queira residir naquelas zonas. Precisamos de um instrumento que ajude as aldeias do PNPG, dos cinco municípios, a serem capazes de promover a reabilitação”, reforçou Manoel Batista.

distribuição dos fundos entre o Norte e o Sul do país tem sido desigual no que respeita à agricultura e que é tempo de o território ser olhado “de forma diferente”.

**“90 por cento dos apoios à agricultura neste país vão para o Alentejo. É uma vergonha e uma injustiça territorial aquilo que se faz, por uma questão de influência. O Alentejo conseguiu um lobby no nosso país que, de alguma maneira, quase tira liberdade aos vários Governos. Os vários ministérios da agricultura não têm sido capazes de libertar-se. O Alentejo é um verdadeiro espartilho para as políticas públicas da área agrícola e florestal”,** criticou, assumindo já ter posto “o nome aos bois” à problemática da tutela, por não ter operacionalizado a “diferenciação positiva destes territórios”.

“Há que pôr o nome aos bois e eu não tenho medo de o fazer. Já chamei ao anterior Ministro da Agricultura, o Dr. Capoulas Santos – Ministro da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural entre 2015 e 2019) o Ministro da Agricultura do Alentejo. A actual ministra (Maria do Céu Antunes) está praticamente na mesma linha, nem sequer se vê no Norte. E isso tem de ser revisto”

DR Nuno Banza (do ICNF) uma luta do ICNF é que as medidas e os apoios à conservação de natureza e à floresta também elas vão tendencialmente para o Alentejo e tem de ser revistas.

**“PNPG é a jóia da coroa do país na conservação da natureza e o ‘sapo’ no investimento público”**

O autarca de Melgaço considera “irrisório e risível” que cada um dos municípios integrantes do território do Parque Nacional tenha recebido “cerca de 60 mil euros” para a requalificação das condições de visitaçao, via fundo ambiental, “e já foi uma conquista”.

“No Parque Nacional, todos propalam como a ‘jóia da coroa’ do país quando falamos de conservação da natureza e de paisagem, para fazermos fotografias e fazermos discurso político; mas quando falamos de investimento publico é o sapo que não chegou a ser beijado e não chegou a ser príncipe”, equiparou.

Manoel Batista diz que é tempo de diferenciar o PNPG, privilegiando-o inclusivamente nas áreas agrícola e florestal para manter o cariz natural mas visitável de grande parte da paisagem que o integra.

“Se não houver povoamento e economia no Parque, desaparece rapidamente. Foi o que aconteceu em 2016 e 2017 com os grandes incêndios que destruíram uma boa parte. Se não tivermos gente, rapidamente se torna uma selva”, conclui.

**Agricultura no PNPG: Influência do Alentejo na distribuição de apoios do Governo é “uma vergonha”**  
Manoel Batista diz que a



TRANSPORTES SEMANAIS ENTRE

 PORTUGAL

 FRANÇA



**CONTACTOS:** e-mail: [t.s.carpinteiro@gmail.com](mailto:t.s.carpinteiro@gmail.com)

<b>FRANÇA</b>	<b>PORTUGAL</b>	<b>MORADA:</b>
Tlm: 06 08 07 18 61	Tlf: 251 418 046	Lugar da Igreja
	Tlm: 967 559 270	Roussas
	Tlm: 914 827 484	4960 MELGAÇO

ARMAZEM EM MELGAÇO E PARIS



# Festa de Santa Rita em 2021 e a sumptuosidade da festa há 75 anos

João Martinho

No dia 23 de Maio, Domingo de Pentecostes e de Santa Rita, dezenas de fiéis rumaram ao seu templo, em Roussas, para as preces deste dia santo, em devoção à Santa das Causas Impossíveis.

A pandemia Covid-19 impediu novamente a saída da procissão, finda a missa das 15 horas, mas não atemorizou a comunidade em marcar presença na celebração presidida pelo Padre Carlos Martins, concelebrada pelo padre António Esteves.

A lamentar, apenas um deficitário sistema sonoro no exterior, com uns altifalantes que pouco deixam perceber do que é dito em alguns momentos. Num ano em que o surto pandémico ainda se faz sentir e sugere cautela nos aglomerados populacionais, ganha alguma urgência a necessidade de reparar ou substituir o sistema sonoro para que futuras celebrações que decorram dentro ou fora das portas da igreja possam ser entendidas por todos.

No ano em que o jornal “A Voz de Melgaço” completa 75 anos, recordamos um texto escrito com alma, pelo do impulsor da obra de Santa Rita e do jornal “A Voz de Melgaço”, padre Carlos António Vaz, na edição de 1 de Julho de 1946 deste jornal.

No texto breve, o padre Carlos descrevia, em jeito de rescaldo, a “imponente” festa de Santa Rita, realizada a 10 de Junho daquele ano. A santa dos impossíveis venerava-se ainda em simples “capelinha”, mas com cerimónias seguramente mais faustosas que as de hoje, como se entenderá pela descrição. Havia, contudo, grande estímulo para que assim fosse: “novas e impor-



tantes obras” e o zelo dos “briosos mordomos de Lobiô”, a quem fora confiada a festividade.

## “Festa a Santa Rita

No dia 10 de Junho realizou-se a imponente festa a Santa Rita, uma das melhores deste concelho.

A festa foi precedida de uma novena muito concorrida, que terminou com a procissão de penitência da Igreja Paroquial até à capelinha, onde fez uso da palavra o distinto orador sagrado, Padre António Domingues que, com palavras verdadeiramente de ouro, pintou, em alto relevo, o amor de Deus Criador para com o Homem, Criatura sua.

A festa foi abrilhantada pela imponente **banda de música da regência do grande mestre Moraes**, que surpreendeu o público com bem executadas peças de que se compõe o seu bom e escolhido repertório. Nela se exibiram, a repique, dois fogueteiros.

A devoção por tão venerada Santa atraiu àquele local



milhares de pessoas que confiam na Advogada do Impossível. Duas coisas contribuíram para que a festividade decorresse com grande solenidade e assumisse imponência não vista na vida dos nascidos: o facto de ali haver novas e importantes obras que muito melhoraram o recinto adjunto à capelinha de Santa Rita, e não menos a circunstância de a festividade estar confiada aos briosos mordomos de Lobiô, tendo o senhor António Vaz como juiz da mesma. Aqui lhe deixamos os mais lisonjeiros e merecidos parabéns.

Voz de Melgaço, 01-07-1946

NR: «Segundo informa o boletim «O Vinhateiro» nº 163, as ofertas da novena atingiram os 2.707,00 euros. No dia 23, principal dia da festa, rendeu 3.130,00 euros, e a missa de segunda, dia 24, rendeu 805,00 euros. Isto perfaz a quantia global de 6.142,00 euros.

## Reflorestação: S. Paio, Parada do Monte, Cubalhão e Castro Laboreiro entre os grandes investimentos

João Martinho

Com uma área de intervenção na ordem dos 40 hectares, a Freguesia de São Paio está entre as maiores acção de reflorestação e tratamento de matas do concelho de Melgaço, mas há outras freguesias com projectos de grande dimensão em carteira.

Parada do Monte e Cubalhão tem aprovado “projecto de enorme dimensão de reflorestação, mérito do presidente da Junta, que avançou com candidatura”, referiu o presidente da Câmara, Manoel Batista, a este jornal.

Ainda segundo o autarca, também os baldios de Castro Laboreiro “tem neste momento condições para fazer reflorestação”.

As acções de reflorestação e preservação de habitats representam investimentos na ordem dos 100 mil euros nos de média dimensão e superiores a 200 mil euros nos de grande dimensão, terão acompanhamento e manutenção das manchas florestais replantadas a dez anos.

Informação municipal refere uma série de acções que visam proteger espécies e habitats com estado de conservação desfavorável, nomeadamente nas margens dos rios Minho, Laboreiro, Mouro, Trancoso e respectivos afluentes, bem como o polígono florestal descaracterizado devido aos grandes incêndios florestais de 2006 e de 2017, situado na freguesia de S. Paio.

A superfície dos habitats onde se atingiu um melhor estado de conservação foi de 83,50 hectares (36,1 hectares em galerias ripícolas e 47,4 hectares florestais) e a percentagem de espécies, de habitats e de ecossistemas que beneficiaram de acções de recuperação foi de 2,33%.

O projecto “Recuperação e Proteção de Habitats com Estado de Conservação Desfavorável no Concelho de Melgaço”, enquadrado na candidatura ao POSEUR – Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso de Recursos, representou um custo total de cerca de 308 mil euros e uma taxa de co-financiamento das despesas elegíveis de 85%, que se traduz num Fundo de Coesão de aproximadamente 260.500 euros.



## PIZZARIA

T. 251 403 058



Inovação é o que nos distingue

## RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia

EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA



MELGAÇO (CENTRO)

ESPAÑA S. GREGÓRIO

PESO MONÇÃO



# Tasquinha da Portela quer ter a montra de alvarinhos mais completa da sub-região

Chef António Alexandre voltou a Melgaço para renovar o menu da reabertura

João Martinho



Em Janeiro de 2021, o jornal “A Voz de Melgaço” deu a conhecer alguns dos projectos de renovação de instalações de diversos sectores desde a restauração à hotelaria, passando, naturalmente pelas adegas locais, ou não estivesse também a área do vinho em constante renovação e a preparar-se para o enoturismo.

Prestes a estreitar-se a época alta do turismo neste género de retoma, depois de infindáveis estados de emergência devido à pandemia covid-19, as obras sobre as quais levantamos o véu em imagens 3D são agora uma realidade em todos os casos.

O restaurante Tasquinha da Portela, em Paderne, é um dos exemplos que cumpriu a proposta que tinha passado para o papel. No renovado espaço, inaugurado na primeira quinzena de Maio, o vinho e a gastronomia estão mais casados que nunca e não há quem os veja separados. Em qualquer das divisões, desde a entrada às salas de refeições, o vinho serve-nos de moldura e transmite-nos a sensação de que a visita tem de ser demorada.

A iluminação, discreta e de linhas contemporâneas, funde-se com o tom das madeiras e com o granito de rusticidade tipicamente minhota. As estantes expositoras que criam uma segunda parede não omitem a robustez da pedra nem a história da casa e geram uma harmoniosa fusão de arquiteturas. As estantes, aos primeiros dias de reabertura do espaço, expunham já mais de duas dezenas de marcas de alvarinho de Melgaço (e algumas de Monção).

Até agora, as sugestões poderão ser apenas para os olhos ‘comerem’, mas também no que respeita à experimentação efectiva dos pratos nada foi deixado ao acaso. O reputado e já habituado na inovação na cozinha da Tasquinha da Portela, Chef António Alexandre, voltou cheio de ideias para a reabertura.

As novas propostas mantém a harmonização entre os produtos da região e o vinho, mas reforçou a “intensidade” das combinações, sobretudo nas entradas e nos pratos principais.

“Estamos a ir mais além e a combinar outros produtos”, referiu o Chef a este jornal, no primeiro ensaio do lançamento da retoma. Assim, “longe do mar, mas perto da Galiza e dos mariscos do Norte de Portugal”, as novas harmonias não deixaram de piscar o olho à frescura que a cozinha pede neste pré-estio.

Naturalmente, a casa não abandona os tradicionais pratos de carne ou o bacalhau, mas as diferenças estão em pequenos apontamentos, como é o caso do Tártaro de Presunto.

“É uma surpresa tremenda porque, se pensarmos que a génese é o melão com presunto, está completamente reconstruído. Ninguém está à espera daquele sabor”, assegura o Chef António Alexandre.

Para os mais desavisados da gastronomia e dos novos super-alimentos, a próxima sugestão só pode fazer bem: Caril de legumes com quinoa.

“A quinoa não é do nosso continente, mas é muito nutritiva e faz muito bem. Os legumes são todos dos campos ao nosso redor e o caril vem da nossa cozinha das índias. Fizemos uma mescla que vamos comunicar com cores, sabores, e com nutrição”, assegura o Chef.

António Alexandre admite que poderão ser feitas algumas adições/ alterações “antes do Verão”, para já, prefere que os pratos “criem memória” para que as pessoas queiram voltar e experimentar.

Alteração antes do verão. Não quis mudar tudo no período de retoma, preferindo que os pratos 2criem memória para as pessoas quererem voltar”.

“Todos os profissionais da minha área, cozinheiros, alguns são Chefes de cozinha, temos de partilhar o nosso mundo, as nossas bases e ajudar para que profissionais da região possam ter apoio, coragem, esclarecimento e até atrevimento para utilizar os produtos das receitas de todos os dias e dar algumas nuances e outras combinações. A comida é muito dinâmica e podemos variar mais a nossa alimentação comendo com mais qualidade

ingerindo menos produto, menos quantidade”, esclareceu ainda o Chef.

Sobre a possibilidade de comer com tempo e respeitando a frescura e sazonalidade dos produtos, o promotor da era da gastronomia sustentável admite que também tem aprendido com esta experiência em Melgaço.

“A minha vinda é para partilhar e aprender convosco, os produtos do vosso território. Para mim, como pessoa e pai de família, adoro, porque os meus filhos vem apreciar este terroir, estes costumes e estes produtos são. Como profissional, faz parte do meu crescimento. Da mesma forma que viajamos para o estrangeiro para vermos, experienciarmos e aprendermos, viajamos pelo nosso país, experienciando-o e tirando apontamentos”, confessou.

“A pandemia teve situações muito difíceis mas deu-nos tempo para parar, respirar e olhar o que está ao nosso redor. Houve muita gente que se habituou a ir aos mercados, às bancas dos produtores da região. Até a história que o produto tem, quando falamos com o produtor, que até nos diz que dali a um mês vai ter um pico de produção de couve-flor ou outro produto qualquer, nós vamos estar atentos e pensar o menu para daqui a um mês ajudar a escoar. Iremos ter um produto mais fresco, mais saboroso, mais tenro e com um preço mais interessante. Criamos aqui economias de mercado conjuntas, nos circuitos curtos, que são benéficas para todos”, defende o Chef António Alexandre.

\* \* \*

Filipe Vieira, satisfeito com a expectativa criada para a reabertura, quer preencher os seus murais vnicos e ser a montra mais completa (e movimentada) de marcas da sub-região de Monção e Melgaço. A complementar a viagem gastronómica, haverá todas as semanas um vinho em destaque sobre a mesa, promovendo a rotação do consumo do stock,.

A renovação trouxe frescura a todo o conjunto, e as opções vegan e vegetarianas captam os públicos que tinham uma ideia de uma gastronomia mais ‘conservadora’ da restauração minhota.

## Uma sopa para consumir com moderação

Filipe Vieira não revela os segredos desta receita, mas sabe-se de antemão que esta deve ser uma sopa para consumir com especial cuidado. A Sopa de Espumante de Alvarinho será um género de exclusivo para grupos a partir de 15 pessoas e será servida em frente à ‘capela’ de Baco, existente no espaço exterior junto ao salão de festas do restaurante.

É uma sopa porque leva “vários condimentos” e quando se deita o espumante, o gás reage com o restante preparado, e dando a ilusão de que “ferve”. É uma sopa fria, mas não é um gaspacho e é tomada a copo. E deve ser das poucas vezes em que se recomenda não abusar da sopa, e não é pela quantidade de verdes.



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184  
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º  
4950 - Monção  
251 652 756



**MCA – Mediação de Seguros Lda**

ASF N° 413392428

**Rigor no Preço.... Rigor na Protecção**

Escritórios :  
Rua Fonte da Vila S/n  
4960-546 Melgaço  
Tel : 251402903 Fax : 251402907  
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233  
4950-855 Cortes - Monção  
Tel / Fax : 251 656232  
Tlm 936060133





## A histórica Quinta do Fecho (Rouças): o mais antigo morgadio em Melgaço

Nos terrenos do Fecho, na freguesia de Rouças, próximo do antigo limite administrativo com a Vila, existiu desde tempos muito antigos, uma importante quinta. A Quinta do Fecho era o mais antigo morgadio em Melgaço e foi propriedade de várias gerações da família fidalga dos Castro.

Segundo MONTEIRO, F. (1988), algures na viragem para o século XVI, o primeiro senhor da Quinta do Fecho foi Lopo de Castro, filho de Álvaro de Castro e de Mécia Vaz, mulher solteira da freguesia de Santa Maria da Porta. Segundo o mesmo autor, não há unidade de opinião sobre a mãe dos seus filhos, pois enquanto uns nomeiam uma tal Isabel Soares, filha de Diogo Soares Pereira, oriunda da Casa dos Soares da Galiza, em Orense, ainda que haja autores que citam uma tal Isabel Pinheiro, filha de Diogo Soares de Tangil e de Dona Inês de Brito. Depois de viúvo, foi Abade da igreja matriz de Melgaço, de Santa Maria de Rouças e de Lamas de Mouro.

Sucedeu a seu pai como senhor da Quinta do Fecho, António de Castro, algures no primeiro quarto do século XVI. Os linhagistas, na sua maioria, afirmam ter casado com uma tal Maria Soares, filha de Rui Soares, senhor de Bertrazes, e neta de Álvaro Soares, de Tangil. Outros autores citam, como sua esposa, uma tal Isabel Soares Teixeira. Contudo, este António de Castro foi também abade de Rouças. Levantam-se aqui duas possibilidades que é a hipótese de apenas ter assumido o sacerdócio após enviuar. Outra possibilidade é o facto de os seus filhos serem resultado de relacionamento(s) ilegítimo(s).

Segundo ROCHA, J., (2010), mais tarde, Lopo de Castro, o Velho, filho do padre António de Castro (e de Isabel Soares Teixeira?), herdou a Casa do Fecho e casou com Leonor Veloso Bacelar Sousa Magalhães, filha de Gonçalo Esteves Lobato, escudeiro, e de Guiomar Veloso Bacelar, do Paço, Alvaredo.

Um filho dos citados no parágrafo anterior, Lopo de Castro, o Moço, casado com Francisca Quevedo, capitão-mor de Melgaço, e provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço entre 1600 e 1619, instituiu o Morgadio do Fecho, em 7 de Junho de 1601.

Assim, o Morgadio do Fecho é, daquilo que se conhece, o mais antigo daqueles estabelecidos em Mel-

gaço. A pedra de armas, que fora laje sepulcral da capela de São João Batista da mesma Casa, deve ter sido trabalhada no 1.º quartel do século XVII, no tempo do capitão-mor Lopo de Castro, o Velho (ROCHA, J., 2010).

Segundo MONTEIRO, F. (1988), D. Fernando Lobato de Castro, casado com Dona Paula de Castro Soares, foi o segundo administrador do morgadio do Fecho. Sucedeu-lhe Lopo de Castro de Sousa, capitão de infantaria auxiliar e casado com a sua prima Dona Ana Maria de Sousa de Castro (batizada em 21 de Dezembro de 1637), tendo sido foi o terceiro administrador do morgadio do Fecho.



Em 1601, já existia na Quinta do Fecho uma ermida dedicada a S. João Batista. Nesse mesmo ano de 1601, em 19 de Junho, o tal Lopo de Castro, fidalgo, morador com a sua mulher nesta quinta, pede licença para se dizer missa nesse pequeno templo.

Aí pelo ano de 1746, a Casa e Quinta do Fecho eram propriedades do Alferes Manuel de Sousa Meneses, que aqui residia. Na quinta, havia uma capela dedicada a S. João Batista. Sabemos que em 17 de Fevereiro de 1746, o morgadio do Fecho regista uma provisão para se por um confessorário na dita capela.

O último desta quinta foi o Dr. Pedro de Barbosa Falcão de Azevedo e Bourbon, conde de Azevedo. No

jornal “Correio de Melgaço”, na sua edição de 20 de Outubro de 1914, diz-se que ele “passou alguns dias na sua Casa do Fecho, a fim de assistir à vindima; finda aquela, partiu para a sua Casa do Hospital”.

Segundo VAZ, J. (1996), na noite de 17 de Fevereiro de 1932, pelas 21 horas, manifestou-se um incêndio nesta antiga casa solarenga, pertencente ainda ao dito conde, e habitada por rendeiros. Só meia hora depois é que os Bombeiros Voluntários de Melgaço tiveram conhecimento do sinistro. Seguiram com grande dificuldade para o local, levando consigo as bombas de mão e as picotas, bem como outro material necessário, sob o comando do 1.º patrão, José de Brito. Logo depois compareceu o 1.º comandante, Herculano Pinheiro, estando já estabelecido o ataque com uma agulheta pelo alferes Domingues Peres. Ao cabo de duas horas principiou o rescaldo, que durou até a uma hora da madrugada! Aos bombeiros se deveu não ter sido destruído todo o prédio, por terem localizado o fogo e, com grande esforço, o terem extinguido. Alguns dos bombeiros procederam aos salvados, tendo retirado os gados das cortes, as pipas de vinho, mobílias e outros objetos, correndo sérios riscos. O ataque foi feito pelo 1.º andar e pelo telhado para o que foi necessário a montagem de escadas. Ficaram quase destruídos três compartimentos do prédio, calculando-se os prejuízos de oito a dez contos! E se os bombeiros não tivessem chegado a tempo, nada escaparia, porque o fogo lavrou com tal intensidade que era impossível dominá-lo sem a sua intervenção. As labaredas presenciavam-se de grandes distâncias, era um espetáculo dantesco, causando grande impressão. No local estiveram para cima de quatrocentas pessoas e uma parte delas ajudou naquilo que pôde, sobretudo no abastecimento de água. O alferes Peres foi um verdadeiro herói, não se poupando a sacrifícios, não obstante estar encharcado e com alguns ferimentos. O 1.º patrão, João Cândido da Rocha, ao combater o incêndio perdeu a carteira, que continha dinheiro e vários documentos.

Em 26 de Janeiro de 1936, pelas doze horas, no tribunal judicial de Melgaço, procedeu-se à arrematação, em hasta pública, por metade do seu valor, dos seguintes bens, pertencentes ao dito conde: “1) Quinta do Fecho (casa de morada, capela, terra de cultivo, mato e arvoredos) sita na freguesia de Rouças. Ia à praça por 28.380\$00. 2) (...) O dinheiro obtido seria para pagar a dívida à Caixa Geral de Depósitos, no valor de 469.054\$04. Eram citados Estêvão Maria de Barbosa Carneiro Queiroz de Azevedo Bourbon e sua esposa, residentes em Viseu, a favor dos quais existia um registo provisório. Arrematou a dita Casa e Quinta do Fecho um castrejo Manuel Alves.” (VAZ, J., 1996)

A capela, pertencente à Casa, foi demolida pelos novos donos, mas a pedra de armas foi dali retirada e colocada na dita Casa. (ROCHA, J., 2010)

### Fontes consultadas:

- “Correio de Melgaço”, edição de 20 de Outubro de 1914.  
 MONTEIRO, F. Moreira de Sá (1988). Castros e Sousas: Senhores de Parderrubias, da Honra de Remoães e morgados do Peso. Portugal: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.  
 ROCHA, Joaquim A. (2010) – Dicionário Enciclopédico de Melgaço, Vol. II, Edição de Autor, Melgaço.  
 VAZ, Pe. Júlio (1996) – Padre Júlio apresenta Mário. Edição de autor.



# MIRA

Consigo desde 1850

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 – Melgaço | www.mmira.pt | geral@mmira.pt | (+351) 251 404 014  
 Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em [www.mmira.pt](http://www.mmira.pt).

## Vendem-se Campo de Souto – Cristóval

2 casas de habitação, uma casa de arrumos e terreno circundante a ambas num total de quase 2 hectares.

**Têm muita água própria.**

**Contactos:  
251 414 973 / 969623094**



# A Voz de Melgaço de botas calçadas!

Costa Guimarães

O Padre Carlos Nuno Vaz pede-me um testemunho — porque fui director de um jornal diário de Braga, ao longo de mais de 25 anos — sobre os 75 anos de A Voz de Melgaço, num ano em que a pandemia não permitiu assinalar com a devida classe o Ano da Imprensa Regional. Pediu que não fosse “lambe-botas” (não usou esta expressão) mas A Voz de Melgaço é um jornal que calça as botas para calcorrear os caminhos das gentes que neles vivem. Já explico esse hábito de calçar as botas... por entre vinhas que produzem um dos melhores vinhos do mudo, o Alvarinho.

Há uns bons anos, a então Autoridade para a Comunicação Social (AACS) promoveu, em Braga, um colóquio sobre a Imprensa regional, no qual tive a honra de apresentar uma comunicação sobre a potência — é essa mesmo a palavra adequada — da Imprensa regional, abrindo com Eça de Queirós no artigo «As Catástrofes e as leis da emoção», inserido em Cartas Familiares e Bilhetes de Paris.

Para mim era a explicação maior da génese do jornalismo de proximidade e se alcança uma das mais brilhantes definições que podemos encontrar para justificarmos o sucesso da imprensa regional.

Dou a palavra ao autor de Os Maias: «Bem recorde uma noite em que, numa vila de Portugal, uma senhora lia, à luz do candeeiro, que dourava mais radiantemente os seus cabelos já dourados, um jornal da tarde. Em torno da mesa outras senhoras costuravam.

Espalhados pelas cadeiras e no divã, três ou quatro homens fumavam, na doce indolência do tépido serão de Maio. (...) No jornal que o criado trouxera e ela nos lia, abundavam as calamidades.

(...) Ela lia as catástrofes lentamente, com a serenidade que tão bem convinha ao seu sereno e puro perfil latino. “Na ilha de Java um terramoto destruíra vinte aldeias, matara duas mil pessoas...”. As agulhas atentas picavam os estofos ligeiros; o fumo dos cigarros rolava docemente na aragem mansa — e ninguém comentou, sequer se interessou pela imensa desventura de Java. Java é tão remota, tão vaga no mapa! Depois, mais perto, na Hungria, “um rio trasbordara, destruindo vilas, searas, os homens e os gados...”. Alguém murmurou, através de um lânguido bocejo: “Que desgraça!”. (...) Na Bélgica, numa greve desesperada de operários que as tropas tinham atacado, houvera entre os mortos quatro mulheres, duas criancinhas... Então, aqui e além, na aconchegada sala, vozes já mais interessadas exclamaram brandamente: “Que horror!... Estas greves!... Pobre gente!...”. (...)

A leitora, tão cheia de graça, virou a página do jornal doloroso, e procurava noutra coluna, com um sorriso que lhe voltara, claro e sereno... E, de repente, solta um grito, leva as mãos à cabeça: — Santo Deus!...

Todos nos erguemos num sobressalto. E ela, no seu espanto e terror, balbuciando: — Foi a Luísa Carneiro, da Bela Vista... Esta manhã! Desmanchou um pé! Então a sala inteira se alvorotou num tumulto de surpresa e desgosto.

As senhoras arremessaram a costura; os homens esqueceram charutos e poltrona; e todos se debruçaram, reliam a notícia no jornal amargo, se repastavam da dor que ela exalava!... A Luisinha Carneiro! Desmanchara um pé! Já um criado corria, furiosamente, para a Bela Vista, buscar notícias por que ansiávamos. Sobre a mesa, aberto, batido da larga luz, o jornal parecia todo negro, com aquela notícia que o enchia todo, o enegrecia.

Dois mil javaneses sepultados no terramoto, a Hungria inundada, soldados matando crianças, um comboio esmigalhado numa ponte, fomes, pestes e guerras, tudo desaparecera — era sombra ligeira e remota. Mas o pé desmanchado da Luísa Carneiro esmagava os nossos corações...

Pudera! Todos nós conhecíamos a Luisinha — e ela morava adiante, no começo da Bela Vista».

Penso que não devia escrever mais nada sobre a importância de A Voz de Melgaço, nestes 75 anos, ao serviço da Luisinha... aquela que “morava adiante” e apenas desmanchou um pé...

Nesse dia, o auditório da Universidade do Minho aplaudiu de pé a notícia do... pé da Luísa Carneiro.

Aos nossos leitores colocam-se sete “quandos” ou perguntas para saber quando um território produz um jornal, um jornal (re)produz um território, a comunidade sente o «seu» jornal, a proximidade tem vantagens e desvantagens, um jornal é património local, o longe se torna próximo ou as instituições locais se servem do jornal e o jornal serve as instituições do concelho... A Voz de Melgaço responde sim a estes sete “quandos”. É a perfeição? Talvez não seja, mas aproxima-se em cada número impresso, em cada dia no seu site ou na sua página do Facebook-

Onde se vai buscar força para fazer tudo no jornal e ir encontrando soluções para os inúmeros problemas do dia a dia? Cada edição é um pequeno ‘milagre’, como o nascimento de um filho, uma satisfação íntima que supera todas as canseiras.

A Voz de Melgaço responde ao perfil de consumo dos habitantes desta terra e da sua diáspora e reforça o seu sentimento de pertença, dando a notícia do que se passa no aqui, mas também no mundo visto daqui, da perspectiva do local para o global e do seu inverso.

Como outros, A Voz de Melgaço tem de vencer o preconceito das elites centralizadoras vocacionadas para projectos de poder e interessados numa estranha convivência com os media nacionais e da própria classe. Os jornalistas!

Sim. Os jornalistas, como escreve J-M Nobre Correia em [www.notasde.circunstancia2.blogspot.com](http://www.notasde.circunstancia2.blogspot.com): “a informação em Portugal é cada vez mais fruto de um jornalismo sentado, feito à base de computadores e de telemóveis. E concebido largamente a partir de comunicados e conferências de imprensa. Quando falam de repórteres e de reportagens, as nossas televisões (pois são elas que dominam em termos de cobertura da atualidade para a maioria da população) mostram-nos quase sempre uns jovencitos que vão de micro em punho entrevistar sempre os mesmos tipos de personagens: os “chefes” de qualquer coisa, mais eventualmente o passante ali mesmo ao lado”.

A Voz de Melgaço, no site, na página do Facebook e na versão impressa, é um baluarte do jornalismo plural, atento ao seu território, para informar de forma livre e próxima dos cidadãos. As dificuldades por que passa são transversais a todos os meios, nacionais ou locais, resistindo à dependência de poderes interessados em “domesticar” a liberdade...

Nestes 75 anos, continua a assumir a responsabilidade de lutar por uma imprensa regional forte e independente, envolvida na sua comunidade e que aborde assuntos locais que não chegam aos meios nacionais, para não termos uma sociedade mais pobre e cidadãos menos informados.

Dizem as estatísticas que A Voz de Melgaço está integrada num universo que emprega cerca de 1400 jornalistas (em relação aos 1000 da imprensa nacional) e que supera em número de títulos (500 generalistas e 50 especializados) as publicações de âmbito nacional (156 generalistas e 348 especializados), segundo dados de 2020 da Associação Nacional de Imprensa (API).

Este ano constitui um calendário de oportunidades para pôr em marcha medidas que reforcem o papel da imprensa regional, a sua independência, a sua importância no combate à “covid” das notícias falsas, “através de uma informação que convoca os melhores princípios éticos, a independência, o rigor, a inclusão, a pluralidade, a liberdade, o respeito pela privacidade,

o respeito pelos leitores, a defesa dos direitos humanos e o escrutínio de todos os poderes” — como refere a AIND.

A proximidade de A Voz de Melgaço é insubstituível e constitui-se como pilar da democracia, amplia o espaço de cidadania, nas comunidades locais, onde às vezes a crítica e o contraditório são um verdadeiro exercício de coragem, mal recebido e condenado por decisores locais.

Sem A Voz de Melgaço viva, “a democracia é fraca e está ameaçada, desse modo as autarquias devem investir na Imprensa Regional, com transparência, sem condicionamento editorial, garantindo a liberdade e o acesso à informação das populações” — sustenta a Associação Portuguesa de Imprensa.

“Todos precisamos da Imprensa Regional” é o tema do Ano da Imprensa Regional e A Voz de Melgaço merece que cada um faça a sua parte, empresários, leitores e assinantes.

É uma boa aposta para todos? É verdade. Os jornais regionais passaram a ser mais lidos do que os diários nacionais em todos os distritos de Portugal, excluindo Lisboa e Porto.

E porquê? Porque, tantas vezes, a imprensa regional é a única voz dos anseios, preocupações, ambições locais, silenciados pelos grandes OCS que desprezam tudo quanto não vá ao encontro dos seus interesses e parecem ignorar, minimizar ou desvalorizar o papel da Imprensa Regional.

Os jornais «de província» envolvem uma dinâmica de trabalho, empenho e honestidade de informação que recusa a especulação, o «politicamente correto», para vender mais ou atrair o leitor desprevenido e desatento. Os leitores conhecem o rosto daqueles que escrevem em A Voz de Melgaço. Não existe impessoalidade, mas sim afectividade mútua que não manipula a opinião do leitor, informa com rigor e não abdica do cumprimento das regras da ética jornalística.

Por último, mas em primeiro lugar, a ímpar missão que A Voz de Melgaço desempenha junto dos conterrâneos que vivem fora do país, longe da sua terra, dos seus hábitos, culturas, valores e tradições. Afirma-se — digitalmente e em papel — como elo de ligação à Pátria e à terra que os viu nascer e crescer.

Conheço a versão impressa e admiro a versão online de A Voz de Melgaço com uma surpresa positiva: muitos jornais replicam na versão online as notícias e textos impressos, cortando-lhe alguns temas que vendem mais, como o desporto na versão impressa para segurar as vendas.

Em A Voz de Melgaço, a versão online é um outro jornal diferente do impresso. É um caso muito raro em Portugal.

Concluindo: A Voz de Melgaço tem duas edições ao dispor dos seus leitores. É pouco? É muitíssimo para um concelho tão longe de Lisboa, dos apoios publicitários e das resmas de solicitações municipais que beneficiam outros Órgãos de Comunicação Social (OCS).

De facto, a informação dos grandes OCS é cada vez mais um jornalismo sentado, à base de computadores e de telemóveis e é um “copia e cola” de comunicados de autarquias ou empresas.

Depois aparecem, quase sempre, uns jovens de microfone em punho a entrevistar sempre os mesmos tipos de personagens e nos mesmos locais. Em Braga, é sempre na Arcada. Parece que não existe mais nada. Aí aparecem os “chefes” de qualquer coisa ou um transeunte que dão lugar a cenas e a declarações caricatas. Chama-se a isso “encher chouriços”.

Acresce que Melgaço só aparece nestes grandes meios se houver um acidente ou um crime espalhafatoso.

Continua na pág. seguinte



# Vamos ficar loucos?

António Jorge Tavares

É um facto que o Covid veio alterar todo o nosso comportamento na nossa vida.

Essencialmente, para todos aqueles que amam a liberdade para se movimentarem no seu trabalho, nas suas deslocações, dentro das regras do respeito que todos nós devemos ter uns com os outros, as coisas estão fáceis.

Tudo isso está a ser subvertido por aqueles que só sabem ditar leis, gostam de reprimir e, pior ainda, querem vigiar os nossos passos, apregoando com cinismo que o fazem pela “nossa rica saúde”, ou mandando do seguinte modo: “fique em casa!”

Sairmos de nossa casa, e encontrarmos na rotunda mais próxima (ou não fosse o nosso país o país das rotundas), uma brigada da PSP ou GNR, a mandar-nos parar, e a perguntar para onde vamos, é um cenário muito previsível.

A factura que vamos pagar por tudo isto, vai sair cara a todos, e daí a certeza que muitos já sabiam de que nada seria como dantes. Vai demorar muito tempo, para aqueles que gostam dos sinceros afectos que retribuimos uns aos outros aquando dos nossos encontros. Passamos do abraço, para a cotovelada, já que o mundo está também a ficar diferente.

Criámos uma sociedade de consumismo, onde tudo nos conduz a uma prosperidade por vezes fictícia, onde o crédito é oferecido através dos smartphones, por entidades parabancárias com juros altos e prazos extremamente longos. E esta situação começa logo pelos próprios smartphones. Acaba-se por criar uma ilusão consumista nesta sociedade, de que esta “nova era” é tudo uma maravilha.

Senão vejamos: nunca foi tão fácil adquirir um automóvel, como nos dias de hoje. Quem estiver atento aos anúncios das televisões, a oferta publicitária para com os automóveis é impressionante, mesmo para aqueles de gama alta; depois temos os supermercados e outros bens de lazer como as viagens, para completar

o ramalhete.

Não pretendo ser pessimista em relação ao que acaba de expôr, (uma posição muito pessoal) mas interrogo-me como cidadão, se toda esta vivência que está a ser oferecida, terá a sua sustentabilidade (um termo muito em voga) nos tempos que estamos a atravessar.

Por vezes ouço comentários por parte de pessoas mais entendidas na área da economia (e também do comportamento social) que nós portugueses sempre tivemos a mania das grandezas, aparentando um nível de vida muito superior a outros países europeus, apontando o dedo a uma falta de cultura que nos falta. Esse parece ser o nosso maior défice. Alguns países com menos “aparato”, conseguem ser mais felizes no seu comportamento social.

Ainda hoje, em conversa telefónica com uma pessoa a viver na cidade do Porto, ela dizia-me que parece que as pessoas “estão a ficar loucas”, dado o frenesim como se comportam, dando a impressão de que o mundo está prestes a acabar. Isso nota-se, por exemplo, nos supermercados com a fobia nas compras, com carrinhos cheios com medo que possam acabar os produtos. É uma prova de egoísmo que muitos têm, pensando depois que aliviam esse mau comportamento, deixando um saco de compras para o Banco Alimentar, com um pacote de arroz e um de açúcar. Torna-se que é evidente e necessário um novo comportamento social, mais solidário com aqueles que mais precisam.

Claro que aí, teremos que recuar no tempo, e apontar o dedo aos nossos governantes que ao longo destes últimos anos, nada se preocuparam com essa situação, incluindo todos os partidos que passaram pela governação do país. Todos eles.

E para além desta questão, existe uma outra, bem mais grave que é a falta de justiça!

Somos dos países com um índice bastante elevado na área da corrupção, onde por vezes a palavra de ordem é o “vale tudo”, porque o exemplo na maior parte

dos casos vem de cima, e esses acabam por ficar impunes.

Acaba por haver um desgaste muito grande em todos aqueles que desejam que o país siga em frente (e felizmente existem casos de sucesso empresariais), mas o desânimo por vezes também surge, porque alguns dos beneficiados, são aqueles que têm os “padrinhos no poder”. Esperemos que não surjam, daqui a algum tempo, notícias sobre a falta de transparência dos dinheiros da “bazuca” que tarda em chegar.

Estamos a viver momentos difíceis para todos, mas temos querer confiança e essencialmente esperança nos jovens das gerações que agora se preparam para o futuro.

Não são os “jotinhas” que neste momento estão no poder, vindos dos partidos da governação, onde se arranja sempre um lugar para secretário de estado (cada vez são mais), chefes de gabinete ou assessores para isto ou para aquilo, acabando com um “parasitismo” que se instalou nos ministérios.

É necessário uma lufada de ar fresco no país, para que todos nós possamos voltar a ter dias melhores de esperança e alegria no nosso dia-a-dia.

No momento em que escrevo este apontamento, assistiu-se a mais uma vergonha. Ingleses na cidade do Porto, antes da final da Taça dos Campeões, na zona da Ribeira a beber e a tomar banho de cerveja, em tronco nu, sem máscaras, sem qualquer autoridade a pôr cobro a esta situação. É a “bagunça” do futebol que impera infelizmente nos dias de hoje.

É um facto que o mundo está a atravessar momentos bem difíceis, com guerras, com refugiados a saírem dos seus países, na procura de uma melhor vida. Aguardemos o desfecho deste grave problema, assim como de outros também graves, onde a liberdade de cada um de nós começa a ser ameaçada.

Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

## Vítor Cardadeiro é o Grão-Mestre da Real Confraria do Vinho Alvarinho para o triénio 2021-2023

Vítor Cardadeiro, produtor de vinho Alvarinho e Confrade mestre da Real Confraria do Vinho Alvarinho (RCVA) desde 2009, foi eleito Grão-mestre para o triénio 2021-2023, após sufrágio para a eleição dos novos órgãos dirigentes.

O Grão-mestre cessante, António Rodrigues, passou o testemunho a Vítor Cardadeiro, que “assumiu o compromisso de tudo fazer para dignificar a RCVA, o vinho Alvarinho e o património material e imate-

rial de Monção e Melgaço”, comunicou a confraria, na sua página de Facebook.

“Este contexto de pandemia ainda não permite a realização de grandes iniciativas e/ou eventos. Fazemos votos para que tudo volte à normalidade e que possamos retomar as normais actividades presenciais”, notou ainda a confraria, na mesma publicação.



Continuação da pág. anterior

A Voz de Melgaço não se compagina com estas tais práticas do menor esforço, porque calça as botas para visitar lares da terceira idade, ouvir gente que vive num isolamento e numa miséria atroz, dar a conhecer as aldeias do interior fora do mundo e tantos mais assuntos.

A Voz de Melgaço recusa pertencer ao redil dos carneirinhos dóceis e dos canalizadores das declarações do senhor presidente, dos vereadores, dos políticos sem representatividade porque prefere calçar as botas e ir conhecer as agremiações que servem o concelho na cultura, no desporto, na economia, na religião e na educação.

A Voz de Melgaço rejeita um jornalismo calminho, officioso, servidor de interesses dominantes, mas é militante de causas próprias e dos cidadãos consumidores.

A Voz de Melgaço não se vangloria de ser um jornal

imparcial mas é honesto, declara as suas preferências e contraria alegados independentes, incapazes de afirmar opções claras em momentos decisivos da vida local.

Thomas Jefferson, redator da declaração de independência dos Estados Unidos, lembra: “se tivesse de decidir se deveríamos ter um governo sem jornais ou jornais sem governo, não hesitaria um momento em preferir a segunda [situação]”.

Chegados aqui, é tempo de A Voz de Melgaço se unir àqueles que defendem o desenvolvimento da imprensa (em papel e/ou em digital) nacional ou regional onde sejam investidos fundos públicos.

Os 75 anos de A Voz de Melgaço, afirmam um jornal que não deixa as pessoas indiferentes e que tem muito material para ajudar a fazer leitura da vida e dos acontecimentos.

Parabéns pelo gigantesco esforço do Padre Carlos

Nuno Vaz que segura a administração há 50 anos, acumulando, desde há 20 anos, a redacção. Como Director efectivo assumiu em 2006, quando o padre Júlio Vaz dava sinais de algumas limitações físicas.

O padrinho do actual Director, padre Carlos, foi o grande inspirador deste diamante lapidado, com a primeira edição lançada a 30 de Maio de 1946, Dia da Ascensão e feriado municipal em Melgaço.

Parabéns A Voz de Melgaço, aos 75 anos, é a voz do público, o espelho dos problemas que o atormentam na sua própria rua, no seu bairro, na sua Vila, ou na sua região.

É em A Voz de Melgaço que se lê a entrevista do presidente da sua Junta de Freguesia, encontra o resultado do jogo de futebol da equipa da vila e se inteira do que tem a dizer o vizinho do lado, ou a Luísa do Carneiro...



# Viajar pela Birmânia – 7

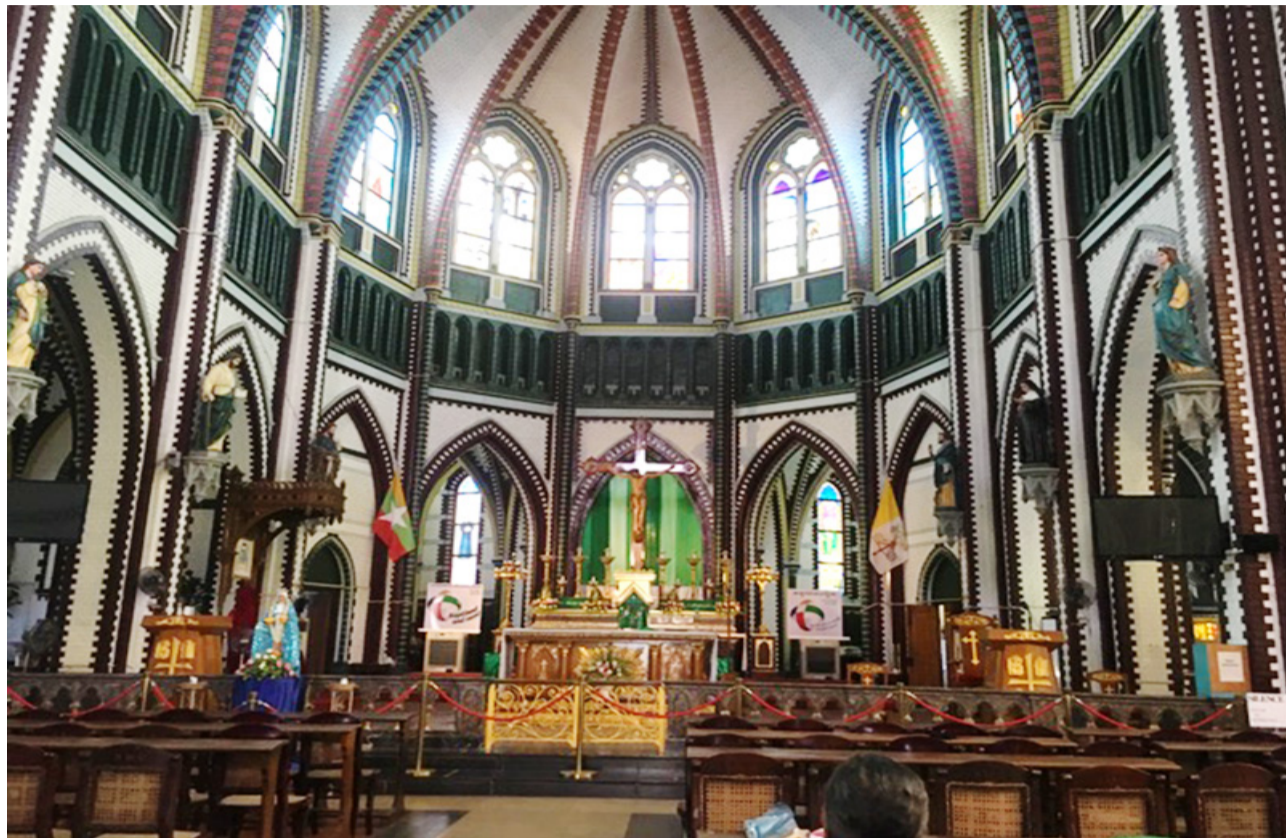
M. J. Lobo Elias



A lindíssima Catedral de Nossa Senhora da Conceição em Yangon

As vivências da beira mar e da praia em Ngapali já descritas, manter-se-ão simplesmente inesquecíveis na minha memória: as suas longas praias, com os seus palmeirais de enquadramento, foram tão surpreendentes pela tranquila beleza natural muito bem conservada, e com uma calendarização perfeita: desfrutadas por nós e só por nós, livres ainda da onda dos veraneantes, pres-tes a chegar! Uma praia praticamente privada!

Uma escolha de datas de mestre, por quem sabe muito bem os hábitos e costumes locais, neste caso, o nosso líder Jorge Vassallo, conhecedor a fundo deste país e que, por isso, concebeu esta viagem como um conjunto de oportunidades geradoras de memórias únicas, inesquecíveis e que merece ser sublinhado e reconhecido.



A magnífica Capela- Mor

Para o regresso de Ngapali até Yangon fomos de novo até ao mini-aeroporto de Thandwe, plataforma para voos internos, de onde um pequeno avião nos transportou em 55 minutos até Yangon.

Ao descer do avião, ainda preenchidos com belíssimas memórias, íamos caminhando e tomando consciência de que já estávamos no caminho de regresso...

## A herança arquitectónica britânica em Yangon

Restavam-nos aqui 24h. Este último dia foi especialmente dedicado a percorrer a principal zona de arquitectura colonial inglesa nesta que é a maior cidade da Birmânia e foi até há poucos anos a capital do país com o nome de Rangum.

No século XIX, depois de três guerras entre britânicos e birmaneses, os britânicos levaram a melhor e ocuparam toda a área central da capital, hoje designada por Yangon. Construíram aqui muitos edifícios imponentes e emblemáticos, num espaço de tempo que abrangeu o fim de século XIX e o princípio do século XX. Estes edifícios ainda hoje se mantêm bastante bem conservados e constituem uma zona urbana das mais bonitas e bem preservadas ao estilo arquitectónico colonial, neste caso inglês, na Ásia. Erguem-se no centro desta cidade de Yangon como uma imagem arquitectónica surpreendente e muito interessante para os turistas europeus, especialmente para os ingleses.

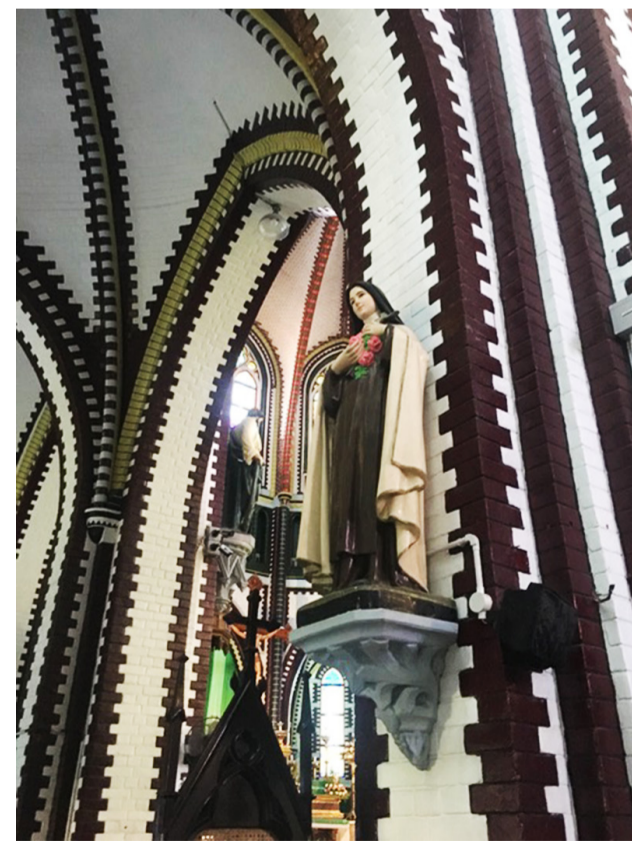
Estas construções ao estilo britânico tradicional, permaneceram até aos dias de hoje bem conservadas,



Interior da Catedral da Imaculada Conceição em Yangon



Santo António, um Santo universal

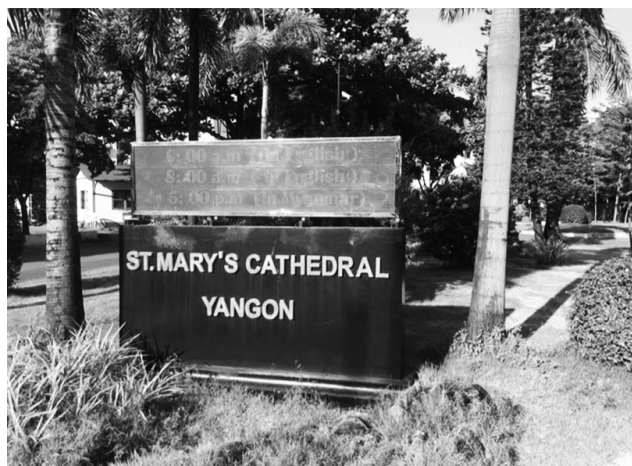


Santa Teresinha do Menino Jesus, na catedral de Yangon

Continua na pág. seguinte



Continuação da pág. anterior



A identificação da Catedral e as horas das celebrações nas diversas línguas



Construções coloniais inglesas de boa qualidade e bem conservadas



As construções inglesas têm belíssima qualidade e têm sido utilizadas e aproveitadas para usos governamentais



A qualidade das construções inglesas é muito boa e tem sido estimada e aproveitada



O café coreano, da Coreia do Sul, instalado num recanto de um espaço de traça arquitectónica inglesa

constituindo a maior herança arquitectónica europeia na Ásia como já referimos. Esta presença mantém-se como uma forte e activa influência arquitectónica colonial da época britânica, que hoje em dia aparece intercalada calmamente com modernos arranha-céus e com os antiquíssimos pagodes budistas dourados- as stupas- que se recortam no horizonte.

Já referimos anteriormente o imponente Shwedagon Paya, um complexo de pagodes dourados e cintilantes, que atrai milhares de peregrinos anualmente e está na lista de candidaturas a património da Unesco.

Outro pagode de destaque na cidade é o pagode de Sule, mais antigo ainda, muito mais central e integrado na zona onde se situam os edifícios governamentais. Aqui as ruas são perpendiculares em forma de grelha quadriculada, o que facilita a nossa orientação de percurso e é muito frequentada pelos turistas. Estas artérias planas percorrem-se calmamente a pé, e aqui encontram-se muitos desses edifícios imponentes de estilo inglês que agora estão englobados maioritariamente na zona dos edifícios oficiais e governamentais.

O conjunto destes grandes edifícios de arquitectura colonial é o mais representativo e de maior dimensão no sudoeste asiático.

É interessante que os birmaneses os tenham mantido tão bem conservados: construções de bela arquitectura e qualidade, à inglesa, constituindo um património hoje especialmente apreciado e valioso, que surpreende os turistas europeus. Existe, por isso mesmo, um percurso turístico para percorrer a pé esta zona com um guia, designado por “Yangon Heritage Walking Tour”. Uma forma muito hábil de valorizar influências históricas. Na verdade vale bem a pena este percurso pedestre. Contrastes em harmonia...

Várias fotografias testemunham a traça bem britânica dos edifícios e a sua boa conservação. Interações culturais que se mantiveram...

#### Tom N Toms Coffee

Uma experiência inesperada para um café.

O nosso líder de viagem levou-nos a um espaço surpreendente para beber um óptimo café: num edifício

muito amplo, de arquitectura europeia, britânica, como podem ver nas fotografias.

Um nome enigmático! Ora a pesquisa indica que esta cadeia internacional de cafés com esta estranha designação “Tom N Toms Coffee” é de origem sul coreana e se tem espalhado com sucesso pela Ásia e já também pelos EUA.

O espaço onde estava instalada era enorme, muito agradável e com ângulos interessantes, e o espaço estava a ser utilizado naquele momento numa outra zona, como cenário, por uma equipa de filmagem em acção com vários artistas. Não consegui decifrar a finalidade, se era publicidade ou outra, mas dava vida de uma forma inesperada àquele enorme espaço para eles um tanto diferente como cenário.

Um café inesquecível...

#### A Catedral da Imaculada Conceição

No nosso percurso a pé fomos surpreendidos por uma imponente e enorme igreja católica que atraiu de imediato a nossa atenção pelo inesperado. Estava aberta, com uma grande placa indicativa no exterior com o anúncio das horas para visitas guiadas. Entramos. A surpresa foi enorme pela beleza da arquitectura, a imponente e a dimensão desta catedral.

Dedicada a Nossa Senhora da Conceição, encontramos aí belas imagens de santos de que destaco o nosso universal Santo António presente invariavelmente nas igrejas do mundo inteiro.

Segue a sua fotografia como testemunho da universalidade deste Santo tão português e lisboeta.

Investiguei a história desta surpreendente e belíssima igreja.

É a maior igreja de Yangon e foi construída entre 1899-1911 por um notável arquitecto holandês, Jos Cuyper, especializado no estilo neo-gótico, tal como o seu pai, o arquitecto Pierre Cuyper, que se notabilizou na Holanda, com os planos de arquitectura do célebre Rijksmuseum e ainda com os da estação central de caminhos de ferro, em Amsterdão.

Na sua primeira proposta arquitectónica Jos Cuyper inseria no projecto influências características da arqui-

itectura asiática tradicional, mas as autoridades britânicas coloniais da época não aprovaram a criatividade da ideia e o arquitecto teve de remeter-se a um autêntico estilo neo-gótico europeu, em que ele, afinal, era exímio.

No Norte da Europa este estilo neo-gótico estava então muito em voga.

Mas no interior desta belíssima igreja o arquitecto demonstrou uma criatividade singular e específica: usou tijolos cuja cor avermelhada transmite um sentimento de maior vida do que a tradicional austeridade de outras igrejas da mesma época e estilo com muito menos cor. Uma atmosfera muito singular!

Esta Igreja de Santa Maria é uma das maiores igrejas cristãs construídas na Birmânia, em época de transição para o século XX. A sua consagração foi em 1911.

No decorrer das pesquisas que acabamos por fazer, descobri que existe também no centro desta cidade, onde as influências culturais e arquitectónicas inglesas foram marcantes, uma outra igreja também cristã, mas esta anglicana, na tradição genuinamente britânica, dedicada à Santíssima Trindade.

É interessante registar que a igreja católica em Myanmar distribui-se por em três arquidioceses. Yangon, a maior cidade, é a sede do vicariato do sul do país.

Em Janeiro de 2015 o Papa Francisco nomeou o primeiro cardeal da Birmânia (Myanmar), o Cardeal Charles Bo, também Arcebispo de Yangon. Este cardeal exprime-se a favor da tolerância como resposta aos sentimentos anti-muçulmanos existentes em certas zonas deste país que se manifestam relativamente à minoria muçulmana dos rohingas cuja perseguição levou mais de 520 mil a fugirem para o vizinho Bangladesh, apesar de, na verdade, a tradição que tem transparecido neste país tenha sido de um modo geral, de uma tolerância religiosa.

As minhas impressões de viagem à Birmânia foram das mais interessantes: contactos humanamente riquíssimos e muito variados, tomando consciência das vivências num país onde existem muitas etnias de diferentes origens e culturas.

A actual situação política torna-se muito conflagradora e sem solução à vista.

Esperemos por melhores dias para o povo da Birmânia que bem merece.

Junho, 2021

## Aí vai a minha nota de parabéns...

“Voz de Melgaço”-uma continuidade de assinalar!

Uma comemoração marcante :setenta e cinco anos de presença a ligar várias gerações, mantendo uma continuidade preciosa na difusão de valores e marcos de vivências que valorizam e orgulham a identidade dos melgacenses! Muitos parabéns!

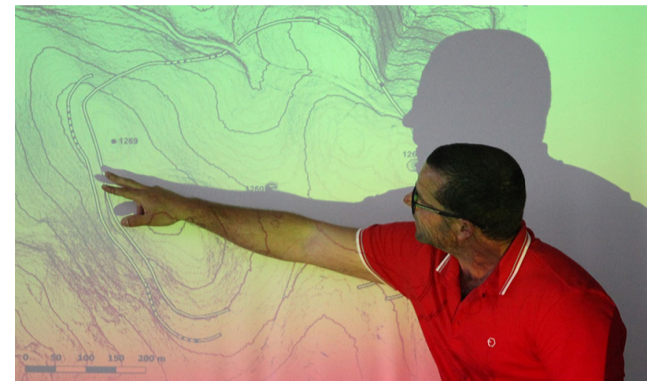
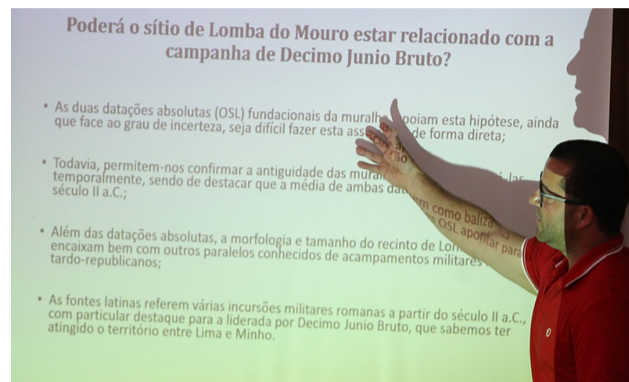
M. J. Lobo



# Acampamento romano no planalto de Castro Laboreiro foi construído no Séc. II AC

Análise por luminescência confirma coerência de dados, com margem de erro de apenas 200 anos

João Martinho



João Fonte, arqueólogo da Universidade de Exeter e membro do colectivo de investigação Romanarmy.eu, voltou a Castro Laboreiro e ao planalto castrejo para apresentar os resultados recolhidos até ao momento da prospecção arqueológica realizada o ano passado na Lomba do Mouro, onde há vestígios de um acampamento romano temporário com capacidade para cerca de dez mil soldados, com uma área superior a 20 hectares.

O recurso à tecnologia LIDAR (Light Detection and Ranging) ajudou a equipa de arqueólogos a perceber a dimensão daquele que será o primeiro acampamento romano de grande dimensão correspondente ao primeiro contacto do exército romano com as comunidades indígenas do Gerês-Xurés. A análise através de luminescência à recolha de sedimentos realizada à altura da intervenção arqueológica de Setembro de 2020, permitiu aos investigadores obter uma datação “coerente” e com uma margem de erro máxima de duzentos anos, correspondente ao século II antes de Cristo.

Assim, os resultados comunicados pelo grupo de investigação do C2TN (Centro de Ciências e Tecnologias Nucleares) do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, permitem aproximar esta construção ao período da expedição de Décimo Júnio Bruto, general e político romano, que atravessou o rio Lima e chegou até ao rio Minho, progredindo no território através do corredor natural entre vales.

“Os dados objectivos de amostras recolhidas na base da muralha apontam para uma datação, mesmo com algum grau de incerteza envolvido, para uma possível construção no século II antes de Cristo. Esta é a hipótese, com os dados que temos e tendo em conta as médias. Com a expansão dos trabalhos e recolha de mais amostras e datações de outro tipo de contextos, podemos afinar um pouco mais a cronologia deste sítio”, explicou o arqueólogo João Fonte, ao jornal “A Voz de Melgaço”.

Contudo, as datações resultantes da análise a recolha de amostras de solo sobre o qual as muralhas (interior e exterior) foram construídas são “coerentes”, garante o arqueólogo, apesar de não haver ainda material sedimentar que permita a análise por radiocarbono – “por invasão de raízes” – o que permitiria uma datação mais acurada do edificado. Só mediante análise a “estruturas de combustão”, que poderão ser identificadas em prospecções futuras, se poderá utilizar este método.

## Décimo Júnio Bruto... ou César? Ou Crasso?

Os resultados da datação por luminescência, o tipo de construção e as fontes latinas reforçam a convicção do arqueólogo de que este grande acampamento “coincide temporalmente com a expedição de Décimo Júnio Bruto”. “Sabemos que foi em torno de 137 antes de Cristo, as fontes latinas falam de uma expedição que, após cruzar o rio Douro, cruza o Rio Lima [este momento da expedição é conhecido devido à lenda em torno do rio do esquecimento (o Lethes)], chegam até ao [rio] Minho e voltam para trás”.

“Do ponto de vista geográfico, esta zona está entre o Lima e o Minho. Sabemos que o monte do Laboreiro está

numa zona de penetração de trânsito natural entre um vale e outro, mas é difícil termos essa relação directa e absoluta. Com o evoluir dos trabalhos podemos diminuir essa incerteza”, reforça João Fonte.

**Mas, e se não foi? Que outro general romano poderia ter liderado uma incursão no (hoje) Alto Minho?**

“Décimo Júnio Bruto foi uma das primeiras e principais campanhas que chegaram até esta zona, mas houve outras campanhas posteriores. A de Crasso, a de Perpena ou de Júlio César, mas aparentemente passaram por outras zonas. A de César terá sido por mar, que atingiu Brigantium [Corunha, Galiza]. Por esta zona, a menção específica à zona do Lima e Minho, é feita por Décimo Júnio Bruto”, esclarece.

O amuralhado, ainda que “rudimentar” e de carácter temporário, apresenta elementos de defesa característicos dos exércitos romanos. João Fonte avança alguns dados concretos (e outros aproximados) de como terá sido a muralha interior e exterior do acampamento.

“Com base no derrube que actualmente temos, [a muralha interior] não terá sido uma muralha alta. Será sempre inferior aos dois metros, algo entre um metro e o metro e meio. Poderia ter sido complementada com sistema de estacas em madeira, mas essas não temos como comprovar. Foi feita com pedra local, com uma largura de 2,20 metros. A muralha exterior seria mais pequena em altura, com largura de 1,20 metros, com pedra fincada, como primeira linha defensiva”, descreve o arqueólogo.

A prospecção no terreno continuará em 2022, ainda em período a definir, e será nessa segunda campanha que a equipa de arqueologia irá procurar elementos mais concretos desta incursão romana. “Elementos metálicos como taxas das sandálias, estacas das tendas, armamento que se possa ter deteriorado, mas a acidez destes solos não contribuem à boa conservação destes metais”, indica João Fonte, reconhecendo no entanto que “não é numa campanha que esgotamos o potencial arqueológico e científico deste sítio”.

Antes da próxima intervenção, será trabalhada uma alternativa tecnológica que tornará visível a descrição sucintamente feita acima. É vontade da autarquia, em colaboração com o arqueólogo, trabalhar num modelo 3D para que o público possa perceber visualmente o contexto e a dimensão do acampamento. O modelo a levar a efeito poderá ser actualizado, mediante novos dados recolhidos no terreno.

## Autarquia admite “musealizar” pequeno sector da muralha

O presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, marcou presença na apresentação dos resultados e congratulou o trabalho técnico de arqueologia pelo “rigor histórico com que está a ser feito pela equipa liderada por João Fonte” e avança a vontade da autarquia em continuar a apoiar os trabalhos de “confirmação de existência do acampamento” para que a autarquia possa “começar a trabalhar uma forma de o dar a conhecer”.

“Não será com certeza escavar a totalidade da muralha,

mas um pequeno sector que poderá ser musealizado e encontrar formas, via digital, de dar a conhecer à população a riqueza patrimonial que temos”, avançou.

Para efeitos de visita futura, o autarca assegura que não serão implementadas formas de “artificialização” da paisagem.

“Não estamos na linha da artificialização da natureza para a sua visita. Não somos construtores de passadiços, achamos que devemos fazer intervenções essenciais para a visita, mas sem estar a fazer alterações da paisagem, apenas criar alguma condição para que as pessoas possam visitar”, reforçou.

Alfredo Domingues, presidente da Junta da União de Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, notou que, apesar da “dificuldade” em fazer perceber à sua comunidade um vestígio histórico datado de antes de Cristo, a descoberta será “um grande impulso e orgulho para a freguesia”.

“As pessoas conhecem isto, mas não tinham ideia do que poderia ser. E com mais de dois mil anos, fazer perceber isso não é fácil”, notou, embora a observação atenta o leve a deduzir que “a maioria das habitações antigas terá sido construída com este tipo de pedra”.

Os trabalhos arqueológicos foram liderados pelo arqueólogo da Universidade de Exeter, João Fonte, no âmbito do projeto European Finisterra, financiado pela Comissão Europeia através de uma bolsa individual – Marie Skłodowska-Curie e financiados pelo Fundo Ambiental do Ministério do Ambiente, pelo Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF) e pelo Município de Melgaço no âmbito da valorização da rede de caminhos do Planalto de Castro Laboreiro. Contou ainda com o apoio da União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro e da Direção dos Baldios da Freguesia de Castro Laboreiro. Trabalho de campo realizado em colaboração com a Era – Arqueologia.

## Descobertas mais 14 mamoa no planalto de Castro Laboreiro

Com base na leitura dos dados recolhidos por um voo LiDAR que cobre integralmente o distrito de Viana do Castelo, promovido pela Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho), realizado em Janeiro de 2018, a cobertura sistemática de laser aéreo permitiu descobrir mais “anomalias” na paisagem do planalto castrejo.

Assim, com base nas “referências holográficas”, foi possível validar arqueologicamente 14 novas mamoa na parte portuguesa do planalto, totalizando agora 80 câmaras tumulares naquele local.

